

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2019**
Nº 60 - JUL-SET



REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS



Nº 60

NATAL, JULHO/SETEMBRO - 2019.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Arte da capa: Jussier Magalhães

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – n.60
(mar. 1951 -). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Trimestral.

Número atual: 60, jul./set.2019.

ISSN: 0567-5995

1. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-rio-grandense de
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

SUMÁRIO

60ª EDIÇÃO DA REVISTA DA ANRL - Thiago Gonzaga9

ARTIGOS E ENSAIOS

LENINE - Vicente Serejo.....17

LENINE PINTO - Jurandyr Navarro29

LENINE PINTO - Sérgio Villar32

GRAÇA E INVENÇÃO DO POETA - Diogenes da Cunha Lima
.....34

A PRETEXTO DOS 130 ANOS DO JORNAL A REPÚBLICA..

Nelson Patriota.....36

CHICO ELION - Leide Câmara41

A FORMAÇÃO DO POETA REPENTISTA - Aécio Cândido.52

OS IMORTAIS DA TERRA DOS CANAVIAIS - Carlos Roberto
de Miranda Gomes.....68

QUANDO O JORNALISMO TRANSCENDE OBELISCO DA
PRAÇA - Eliabe Alves78

AS PALAVRAS ESCREVEM HILDEBERTO - David de Medei-
ros Leite85

A REPRESENTAÇÃO TRÁGICA E CÔMICA DA MORTE EM
CHÃO DOS SIMPLES - Sara Costa dos Santos & Denise Couti-
nho de Souza.....89

ANRL CATÓLICA: A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO CA-
TÓLICO NOS PRIMÓRDIOS DA ACADEMIA NORTE-RIO-
GRANDENSE DE LETRAS - Bruna Rafaela de Lima Lopes99

OBRAS DE ARTE ERUDITA EXISTENTES NO MUSEU DO
SERTÃO - Benedito Vasconcelos Mendes112

CONTOS E CRÔNICAS

GALERIA DE ARTES VILLA FLOR - Iaperi Araujo119

NÃO GUARDO CADERNOS - Lívio Oliveira126

A RAZÃO DA MELANCOLIA EM COMPANHEIRO ACÁCIO
Clauder Arcanjo127

CONFISSÃO - Cellina Muniz.....131

AS MANGAS - Francisco Sobreira.....135

O SILÊNCIO - Elder Heronildes.....137

HUMOR NOSSO DE CADA DIA 141

MEMÓRIA POPULAR II - Valério Mesquita143

POEMAS 153

UM SONETO - Jarbas Martins155

TRÊS SONETOS EM TRÊS TEMPOS - Roberto Lima.....156

DEUS (SEMPRE) - Raul Navarro159

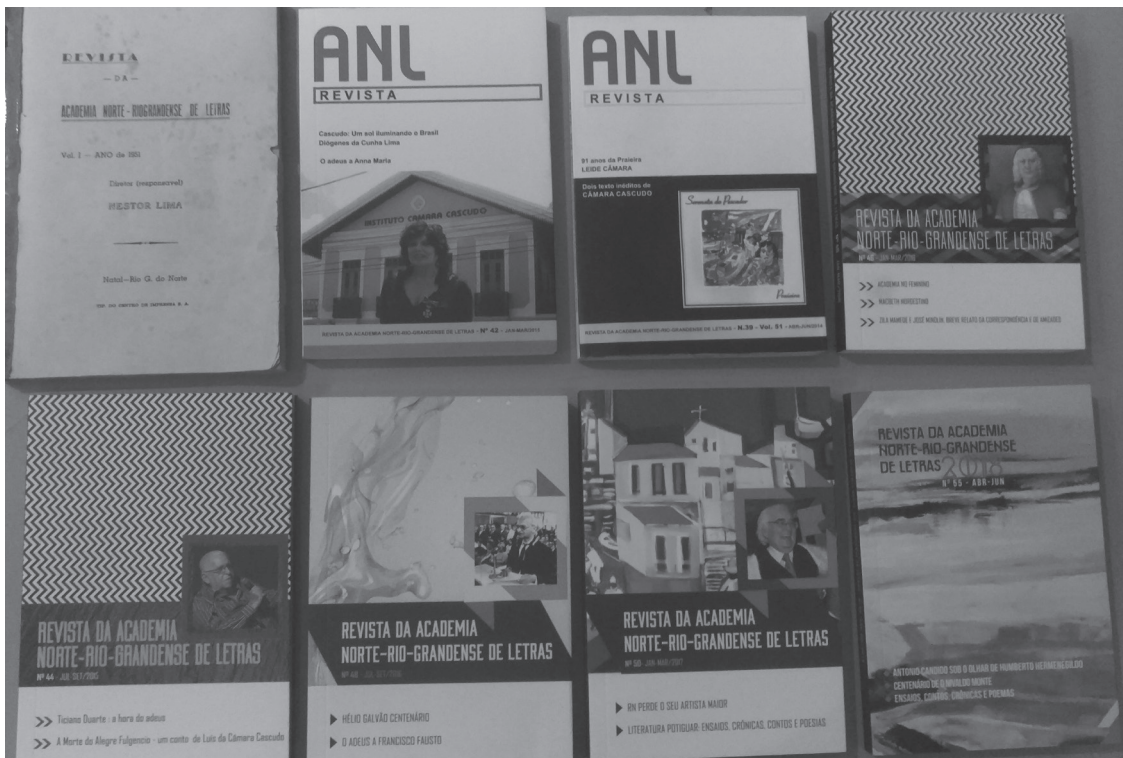
ESTUDANDO PENTÂMEROS IÂMBICOS
Fernando Cunha Lima160

O BRASIL COMEÇOU FOI AQUI MESMO

Crispiniano Neto.....161

DISCURSOS

UFRN: 60 ANOS DE UMA HORA IMORTAL - Humberto Hermenegildo de Araújo	169
HONRAS À UFRN - Daladier Pessoa Cunha Lima.....	177
EM HOMENAGEM E DEFESA DA UFRN - Geraldo Queiroz	181
DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO GERALDO QUEIROZ - Geraldo dos Santos Queiroz.....	186
DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO GERALDO QUEIROZ - Paulo de Tarso Correia de Melo.....	203



60ª EDIÇÃO DA REVISTA DA ANRL

Thiago Gonzaga

A Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras está comemorando, neste ano de 2019, 68 anos de existência e uma fase de seis anos de atividades ininterruptas, chegando à sua 60ª edição. Fato inédito, em se tratando de periódico literário/cultural aqui no Estado. Essa nova etapa, digamos assim, começou mais precisamente em agosto de 2013, quando a convite do Presidente da ANRL, Diogenes da Cunha Lima e do Diretor da Revista, Manoel Onofre Junior, viemos colaborar como editor, dando início à publicação trimestral do periódico, que passou a circular regularmente de janeiro de 2014 até os dias atuais.

A primeira edição da Revista da ANRL foi publicada em 1951, e teve como primeiro diretor o escritor Nestor Lima. Com o passar dos anos outros diretores foram assumindo - Luís da Câmara Cascudo, Aderbal de França, João Wilson Mendes Melo - todavia o periódico sempre com tiragens irregulares, devido as dificuldades que todos nós conhecemos em publicar livros no Estado. Às vezes, passavam-se anos sem sair uma edição sequer, e como bem falamos, a partir da edição janeiro/março de 2014, a revista renasceu com tiragens regulares, trimestralmente, superando qualquer outro periódico cultural do Estado ao longo dos anos, e vale reforçar que , no momento, não existem, pelo menos de forma oficial, outros pe-



riódicos culturais em circulação no Estado; isso só reforça a importância da Revista da ANRL para a nossa cultura literária, sobretudo registrando uma época muito fértil das nossas letras, com vários escritores publicando nos quatro cantos do Rio Grande do Norte, além de haver um forte crescimento na área de estudos e pesquisas sobre a literatura do RN no âmbito das universidades.

Comemorando sua fase mais prolífica e regular, a diretoria da revista, em face desse tão simbólico acontecimento resolveu publicar em suas capas, quadros dos principais artistas plásticos do Estado. A estreia se deu com a edição de número 55, abril/junho, de 2018, com capa de Dorian Gray Caldas

Uma das principais características da nova etapa da revista é a abertura para a comunidade literária, abrindo e ao mesmo tempo unindo a Academia com a intelectualidade potiguar, abertura esta praticamente inédita, e também cedendo espaços para publicação de trabalhos de pesquisadores, estudantes e professores, da UFRN, UERN, IFRN, UNP, fazendo inclusive com que a revista, conseguisse obter o seu primeiro “Qualis” (sistema brasileiro de avaliação de periódicos), o primeiro do Estado para um periódico desse segmento.

No início de 2014, na edição que marcou a retomada da revista, que estava sem circular desde 2011, fizemos uma parceria com a CJA Edições e a Offset Gráfica, comandada por Ivan Júnior, para tomarem conta da diagramação e impressão da revista, e tivemos a capa criada pelo editor Cleudivan Janio, através de um esboço feito, anos antes, por Nei Leandro de Castro. Como manchete, na



capa, um artigo de Diogenes da Cunha Lima sobre Câmara Cascudo, e uma homenagem ao escritor recém-falecido Pedro Vicente. Essa capa trazia o selo que foi lançado pelos Correios em 1998 em memória de Câmara Cascudo. A edição seguinte, nº 39, trazia artigo da recém-eleita acadêmica Leide Câmara, em comemoração aos 91 anos da “Serenata do Pescador”, do poeta Othoniel Menezes, e dois textos inéditos de Câmara Cascudo, entre outros. Homenagens a Cascudo não faltaram nas edições seguintes, além, claro, de uma especialmente dedicada a sua filha, escritora e acadêmica Anna Maria Cascudo Barreto, que até pouco antes de falecer participava ativamente com diversos textos no periódico.

A partir da edição nº 43, a revista ganha nova proposta editorial, com a *designer* Diolene Machado dando-lhe outra roupagem, inclusive nova capa, inspirada na *pop art*. Com a ativa participação de acadêmicos e da comunidade literária, a revista foi ficando mais volumosa e ascendendo em conteúdo; afora textos literários, temas de história e cultura, pesquisas e estudos diversos ganhavam cada vez mais espaço. Vale ainda dizer que, nos bastidores, trabalhávamos com afinco na distribuição da revista, para que ela chegasse ao maior número de leitores possível. Devemos frisar que ela é gratuita, e pode ser retirada na Instituição diariamente por qualquer interessado.

Destacamos também a edição 44 onde foi feita grande homenagem ao recém-falecido acadêmico Ticiano Duarte e que trazia um conto praticamente desconhecido de Câmara Cascudo, publicado em 1928 na revista Feira Literária. Nas edições seguintes, as mulheres acadêmicas, sempre atuantes na revista, também mostra-



ram voz e vez, por exemplo, a escritora e poeta Diva Cunha, com a homenagem às mulheres de letras, Zila Mamede e Nisia Floresta, dentre outros temas e assuntos, além da abertura de espaço para escritoras representativas da nossa literatura contemporânea, como Clotilde Tavares, Carmen Vasconcelos, Cellina Muniz, Marize Castro... numa demonstração de que a revista está atenta ao que acontece na comunidade literária.. E também acolheu, em suas páginas, alguns dos principais nomes da nossa literatura atual como Osair Vasconcelos, Racine Santos, Aldo Lopes de Araújo, Francisco Sobreira, Demétrio Diniz, Tarcísio Gurgel, e escritores de outros estados, como Sânzio de Azevedo, Marco Luchesi, Enéas Athanázio e Hildeberto Barbosa Filho.

A partir da edição 47, nova capa, sempre com mais literatura, poesia, ensaios, contos e crônicas. Na edição nº 48 homenageou-se o escritor Hélio Galvão, sendo esta uma das edições que se esgotaram mais rapidamente, quase que no dia do lançamento, realizado na Academia. Essa edição também iria marcar uma série de quatro edições equivalentes a um ano de tiragem sob patrocínio da lei municipal Djalma Maranhão, com apoio da Casa de Saúde São Lucas e Fundação Capitania das Artes, presidida pelo poeta Dácio Galvão.

Em novembro de 2016, a Academia Norte-rio-grandense de Letras completou 80 anos, e a revista trouxe vários textos de acadêmicos celebrando a data, além de textos outros com documentos da vanguarda natalense sobre os 50 anos do poema processo. Nota-se também que já era visível no periódico a participação esporádica dos poetas dessa geração como Jarbas Martins, Anchieta Fernandes



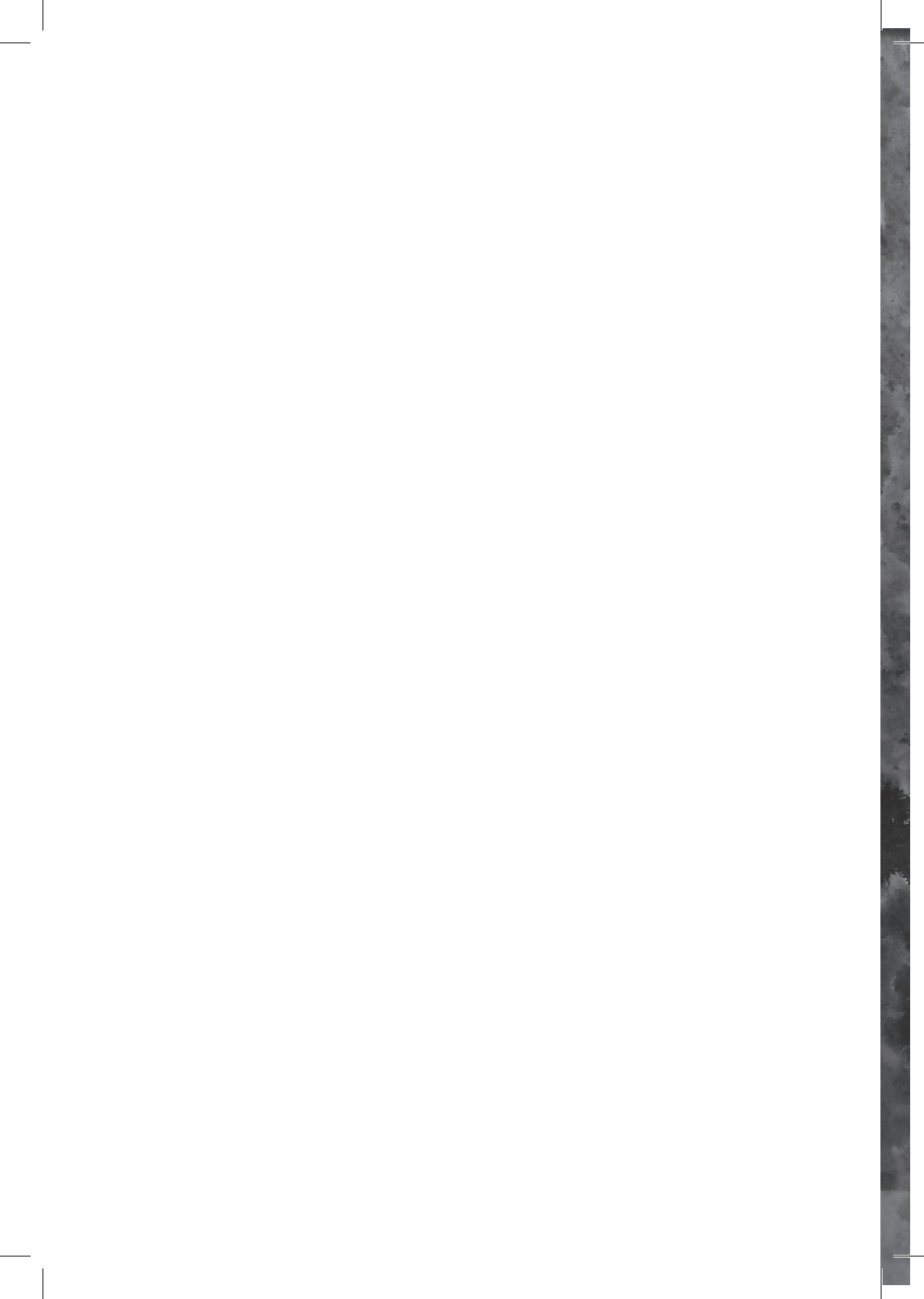
e Falves Silva, o primeiro, eleito para a cadeira nº 20 da Academia.

Mantendo uma nova tradição de mudar as capas anualmente, a edição número 50 trouxe dezenas de textos, em homenagem a Dorian Gray Caldas, que era, então, um dos nossos maiores artistas vivos, e trouxe também uma entrevista que ele nos concedeu, meses antes de falecer. Outras homenagens foram prestadas a acadêmicos do passado e do presente, como, por exemplo, Nestor Lima, Paulo Bezerra, Sanderson Negreiros, Dom Nivaldo Monte, afora dezenas de discursos de saudação e posse, numa fase em que foram eleitos para ANRL importantes intelectuais potiguares.

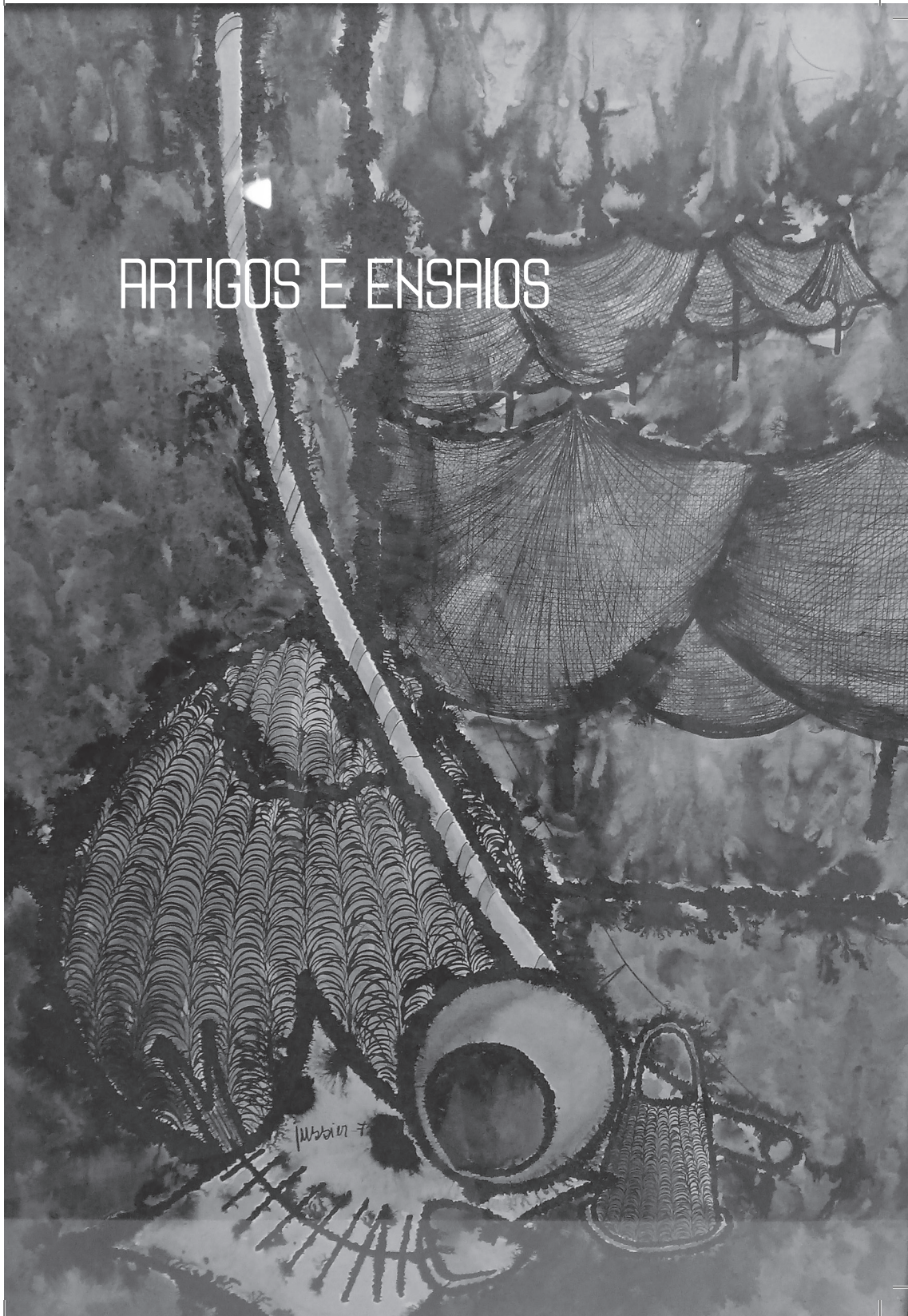
Nessa nova fase, com as mudanças, já foram capa da revista, artistas como o já citado Dorian Gray Caldas, Newton Navarro, Iaperi Araújo, Leopoldo Nelson, e como uma amostra da nova geração, Alfredo Neves.

Recentemente, em março do corrente ano, foi publicada uma edição especial em homenagem às mulheres, na revista número 58, com a participação de diversas escritoras tendo como foco os grandes nomes femininos do nosso Estado com destaque na área cultural.





ARTIGOS E ENSAIOS





LENINE, ENTRE O HOMEM E O INTELLECTUAL, O REPÓRTER

Vicente Serejo

É preciso recuar no chão da memória para reencontrar, no final dos anos setenta, a primeira visão daquele senhor de óculos, olhos verdes, e nome pouco comum: Lenine. Ou, Lenine Pinto. Ou, ainda, Lenine de Barros Pinto, seu nome completo, e que ele nunca usava, porque dizia sempre, para justificar, com bom humor: “Eu sou um Pintolli”.

Uma pauta do então chefe de reportagem do *Diário de Natal*, Sanderson Negreiros, sugeria uma entrevista com o escritor Lenine Pinto. E informava que ele estava acampado, num trailer, na área depois da guarita do quartel do Exército, na ilharga da Praia do Forte. Onde hoje começa, do lado de cá do rio Potengi, a Ponte Newton Navarro.

Ainda lembro. Encontrei um homem jovial, lendo um livro, e tomando uísque à sombra de um toldo estendido ao longo da lateral do trailer puxado por um Dodge Dart, diante do mar de Natal que conhecia bem, desde menino. Ao lado dele, Terezinha. A mulher e companheira das suas viagens pelo Brasil, percorrendo os campings, quando de férias de suas atividades jurídicas no Senado Federal, onde era assessor do senador Dinarte Mariz.

Foi simpático. Armou duas cadeiras que estavam recolhidas de um lado e convidou o repórter e o fotógrafo para que sentassem. Ofereceu uísque e gelo, e começou a contar a sua nova mania de viajar dirigindo seu carro. Para ele, era prazeroso. Desatracava o trailer aonde chegava e passeava no carro, visitava amigos, fazia compras, até seguir nova viagem.



Fez questão de mostrar as instalações modernas, à época: geladeira, fogão, banheiro, pia na cozinha, e até uma pequena antena que ele instalava no teto e ajustava a posição para captar o sinal de tevê. Anos depois, aposentado, voltou a Natal. Construiu uma pequena casa em Cotovelo, com piscina, mas manteve o novo trailer, mais moderno, com computador on line via linha telefônica. Era seu escritório. Foi lá que escreveu alguns dos seus livros.

Naquele tempo, da primeira entrevista, não havia nascido o historiador da presença norte-americana em Natal. Estava ali o repórter que ele foi a vida inteira, mas com um olhar já voltado para a história humana de Natal, embora fosse pernambucano de Recife.

Na verdade, foi aqui em Natal que Lenine descobriu o mundo. Foi contemporâneo de uma geração considerada brilhante: Newton Navarro, José Gonçalves, Antônio Pinto de Medeiros, Oswaldo Lamartine, Sanderson Negreiros, Omar Pimenta, tantos.

O HOMEM

De parceria com Antônio Pinto de Medeiros, fez sua estréia literária, ele que até então fora apenas repórter, inclusive de entrevistas históricas. Como a que fez com o poeta Jorge Fernandes ao acusar o também poeta Ferreira Itajubá de ser apenas um imitador de Antônio Nobre. Em 1948, lança *Apontamentos da Rua 15 de Novembro*, uma plaquete com a ilustração de capa de Newton Navarro, hoje desaparecida dos olhos do mundo.

Tinha por José Gonçalves um amor de amigo. Levava horas a contar suas histórias e lembrar os *Cadernos de Cavalo Cansado*, pequenas cadernetas que ‘Zé’ denominava assim, e nos quais registrava, a toda hora, alguma coisa, em conversas ou sozinho. Eram pequenos comentários, anotações de leitura, versos dele e de outros, citações, poemas. Era fácil notar que Lenine e Oswaldo eram muito saudosos do amigo que morrera cedo e tão tragicamente.

Na noite da véspera do acidente que tirou a vida de José Gon-



çalves, Lenine lembrava que havia sido o último a se despedir. Não esquecia o detalhe, marca de José Gonçalves na opinião de Lenine: despedira-se apertando as mãos esquerdas, do lado do coração. Durante muitos anos, Lenine dizia ter guardado uma foto do acidente com o corpo do amigo.

Lenine tinha um inglês elegante, treinado no tempo de funcionário da Varig, sotaque escandido, escavado na prosódia americana. Mas, quando falava sobre a II Guerra, sabia imitar com perfeição a pronúncia rebuscada dos ingleses. Repetia frases inteiras dos discursos de Winston Churchill e dos grandes generais britânicos, sem subestimar ou denegrir o papel dos generais alemães que classificava como valentes.

Era disciplinado, embora não parecesse. Foi o primeiro do seu grupo de amigos a dominar o computador. Não só escrevia - pesquisava, arquivava, editava imagens históricas para os seus livros, inclusive mapas; elaborava planilhas e fazia todos os seus pagamentos bancários via on line. Tinha sempre dois computadores, um ao lado do outro, e foi dos primeiros a trazer dos Estados Unidos - que visitava anualmente - um laptop, por ser portátil.

Não era só a Natal dos anos quarenta e cinquenta que Lenine carregava nos olhos. Sabia das grandes canções do jazz e suas execuções mais primorosas. E era capaz de contar o enredo de filmes e filmes do tempo dos musicais americanos, citando atores, atrizes, as orquestras, os grandes pianistas e trompetistas, sempre com requinte e riqueza de detalhes.

Com o tempo, e os velhos amigos desaparecendo, foi ficando cada dia mais ligado a Oswaldo Lamartine que chamava, carinhosamente, de *Vadinho*, clara alusão ao personagem de Jorge Amado em *Dona Flor e seus Dois Maridos*. Praticamente todas as noites, e dizendo ser hábito dos grandes súditos da Rainha da Inglaterra, telefonava - Oswaldo tinha telefone rural na Fazenda Acauã, em Riachuelo - e desejava um cerimonioso - *Boa Noite, Vadinho*.

Lembro que numa véspera de Natal resolveu levar presentes



para Oswaldo na fazenda. Fui seu companheiro de viagem. Perto da casa, sem ser visto, parou o carro. Foi na mala, tirou um gorro vermelho de Papai Noel, enfiou na cabeça, e chegou cantando Feliz Natal, abraçado aos presentes. A manifestação de carinho de Oswaldo, mais reservado nos gestos, era nunca deixar faltar um bom uísque para Lenine. Ninguém tomava. Só ele.

Oswaldo, de um fino e discreto bom humor, também fazia das suas.

Quando Lenine lançou o primeiro ensaio sobre a reinvenção do descobrimento, e afirmou que a esquadra de Cabral chegara a Touros, não a Porto Seguro, declarou que o navegador avistara o Monte Cabugi e jamais o Monte Pascoal, na Bahia. Oswaldo passou um telegrama, de Riachuelo, onde ficava a Fazenda Acauã, dizendo que quando Lenine não precisasse mais do Cabugi, devolvesse, por favor, a Aluizio Alves, seu legítimo dono.

Diante do sucesso, com notícias até nacionais, através de Alexandre Garcia - veio a Natal duas ou três vezes entrevistar Lenine - Oswaldo trouxe da fazenda o que guardava numa caixa de madeira, em segredo, com todo cuidado: uma legítima Cruz de Ferro, com a fita original, autêntica, a principal comenda de Hitler aos seus oficiais, e que adquirira de um antiquário, no Rio. E condecorou Lenine, colocando no seu pescoço. E os dois se abraçaram entre gargalhadas carinhosas.

Um assunto nunca era tratado em detalhes diante deste cronista, muito mais novo do que os dois, embora já com alguma intimidade: as paixões de um e de outro quando ambos viviam no Rio de Janeiro. Oswaldo separado, trabalhando no Banco do Nordeste, e antes de conhecer Ludy Veloso, a grande mulher de sua vida. Uma vez, durante um almoço em Acauã, Lenine, de um jeito maroto e lascivo, de repente elogiou a beleza sensual da barriga de uma antiga paixão de Oswaldo. Bem humorado, e sabendo que Lenine depois dele tinha vivido a mesma paixão, e como se estivesse intrigado com a afirmação, indagou:

- Era muito bonita, mas como é que você sabe? Você viu?



Lenine respondeu com uma gargalhada. E mudou de assunto.

A GUERRA

Nos campos da história e historiografia, a obra de Lenine Pinto é uma das mais marcantes na sua contemporaneidade intelectual, como registra o escritor Manoel Onofre Jr. no artigo sobre Lenine Pinto que publicou no *Jornal de Fato - O Legado Cultural de Lenine Pinto*, edição de cinco de julho de 2019, logo depois de sua morte. E foi Onofre que fez o discurso na sessão da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras para lembrar o ocupante da Cadeira 34 que tem como patrono José da Penha e primeiro ocupante Alvarar Furtado.

A história da II Guerra Mundial foi um dos grandes fascínios intelectuais de Lenine desde a juventude. Para ele, a guerra explicava o mundo que veio depois. Sabia quase tudo, como leitor, pesquisador e escritor, baseado em bibliografias inglesa e francesa.

Viveu longo período em silêncio, a escrever artigos e reportagens, mais literárias do que históricas. E só em 1968, vinte anos depois do texto em parceria com Antônio Pinto de Medeiros - *Apontamentos sobre a 15 de Novembro* - lança, em pequena edição artesanal, composição datilografada e para circular entre amigos, o texto-reportagem *Como Aconteceu*, com este subtítulo entre parêntesis (*Breve roteiro das origens da II Guerra Mundial*), Brasília, 1968.

No mesmo ano, lança um novo pequeno ensaio sobre a guerra: *Eisenhower e a Conquista de Berlim*, Brasília, 1968, 83 páginas, prefácio do jornalista norte-rio-grandense Edilson Cid Varela, com poucas e precárias ilustrações fotográficas dentro do texto. Mais um ano, 1969, publica - agora quem escreve é o bacharel em Direito - *Da Pena de Morte*, Brasília, 1969, 20 páginas, dividido em três partes: as origens, a aplicação e a legislação vigente. Este pequeno conjunto de textos ensaísticos pode ser considerado a primeira fase da obra de Lenine Pinto, talvez a gênese do historiador da guerra e dos costumes.

É bom notar que em carta a Oswaldo, de Brasília, em 10 de agosto de 1968, Lenine depois de reclamar da saudade que o amigo

deixou - numa provável viagem à capital para visita-lo - faz referências a dois ensaios que estaria escrevendo, mas nunca publicou, que se saiba. O primeiro é *Totenkopfverbände - sobre a brutalidade e o terror implantados pelas tropas AS, SD e SS*. E detalha: Principalmente desta última, da qual saíram os elementos das *Unidades da Caveira*, responsáveis por tão largos crimes contra a Humanidade.

Logo a seguir, na mesma carta, anuncia um quarto título - *Agente Secreto do Presidente*, mistura de realidade e ficção que imagina será importante. Nele, detalha Lenine, fica demonstrado que *foi a classe média a grande responsável pelo advento do nazismo*. E faz questão de imediatamente frisar: *Classe da falsidade ideológica - a pequena burguesia só tem feito vergonha*.

De certa maneira, a não ser em textos e palestras isoladas, e embora fosse seu grande tema de leituras e estudos, Lenine praticamente encerra seus caminhos na história da guerra com a conferência *II Guerra Mundial – O Teatro de Operações do Atlântico Sul, a aliança da Marinha do Brasil-US Navy, e a Base Naval Almirante Ary Parreiras*, realizada em Natal, a 23 de agosto de 2005 e publicada no mesmo ano.

Na verdade, ele vai voltar ao seu pequeno ensaio histórico *Natal RN*, que publicara em 1975, e que é, de algum modo, um embrião discreto do livro *Natal USA*, o grande texto memorial a partir da presença dos americanos na II Guerra. Na apresentação de *Natal RN*, de apenas poucas linhas, avisa, antes de listar e agradecer aos principais informantes:

- Cuidei para que habitassem as ruas desta evocação, ao lado das figuras mais antigas das reminiscências, as pessoas todas a que devo o melhor de minha afetividade.

Na sua grande síntese que se derrama ao longo de 54 páginas e algumas fotografias, nada escapa ao olhar do repórter: a história, a evolução urbana, o carnaval, os personagens, as festas na vida provinciana, os cinemas e as praias, entre “coqueirais perdidos”.

Lenine sente que Natal não teve um repórter para contar sua história humana durante a grande guerra. Não o relato austero, prisioneiro de fatos, datas e nomes. Uma crônica de sua história mais íntima, tradições, costumes, pequenas revelações, principalmente no tempo dos soldados americanos. Tempo vivido intensamente naquela primeira metade dos anos quarenta, anos tingidos pelo cáqui da farda dos ianques. *Natal RN* é a gênese de *Natal USA*.

É quando parte para realizar o livro. E o título, como síntese perfeita, não poderia ser outro, a não ser *Natal USA*. A outra Natal que ainda estava sob os lençóis das lembranças e o charme dos soldados do Tio Sam, nas bebedeiras, nos bailes, nos namoros e paixões.

A rigor, Lenine vive um tempo de cura até a concepção do *Natal USA*, lançado em 1995. É a ampliação, incomparavelmente mais rica, bem escrita e detalhada do ensaio de 1976 - *Os Americanos em Natal*, Gráfica do Senado, Brasília. Ali, já lança seus primeiros traços de paisagista da guerra em Natal, recuperando e restaurando cenas que já estavam apagando da memória coletiva natalense. Dedica a Adamastor, seu pai, e a Alex, o neto.

A rigor, Lenine não esquecera as lições do jornalista Edilson Cid Varela, prefaciador de seu *Eisenhower e a Conquista de Berlim*, de 1968. É tanto que transfere para Varela o mérito de saber contar melhor toda essa história:

- Melhor teria sido, para a preservação do que resta de reminiscências daquela época, que o meu "Cid", com seu tirocínio de notável repórter, e sua alma lírica, houvesse prosseguido o relato que aqui, por indispensável, reproduzo...

No fecho do prefácio que tanto agradou a Lenine, e do qual ele faz a transcrição de trechos inteiros, o conselho de Edilson Varela é a antevisão do começo de tudo:

- Se um conselho eu pudesse dar a Lenine Pinto, seria este: reúna subsídios, ouça testemunhas e escreva seu segundo livro. Preste à nossa terra comum esse meritório serviço.

Lenine, sem prometer, seguiu a sugestão. Ainda bem. Em 1995, e depois de cumprir um roteiro de pesquisas, fontes e fotografias de época, como sugeriu seu amigo Edilson Varela, Lenine cavou mais fundamente a presença dos americanos, agora fixada num título que é perfeito: *Natal USA. Um volume com mais de 250 páginas, com revelações históricas, depoimentos, notas, mapas, bibliografia e índice onomástico.*

O *Natal USA*, de tiragem não muito grande, logo virou um livro raro, mas demorou vinte anos para nova edição, em 2015. Agora, ao invés das cores da bandeira dos EUA, a capa tem a fotografia do rosto sorridente de Thomas Browning, sargento norte-americano, símbolo da delícia de guerra que a cidade viveu. A nova edição, fac-similada da original, não sofreu modificação substancial, nem nos anexos.

O DESCOBRIMENTO

Em fevereiro de 1998, três anos depois de *Natal USA*, Lenine finca o marco de fundação do historiador: *Reinvenção do Descobrimento*. No subtítulo extenso e informativo, revela sua própria ousadia: “O litoral norte-rio-grandense, atração necessária às navegações exploradoras do Atlântico Sul e ponto de desembarque de Pedro Álvares Cabral”.

Homenageia Pedro Álvares Cabral reproduzindo sua efígie em página inteira, antes de começar o livro, mas cuida de cravar uma epígrafe do comandante Oliveira Belo:

“Nem correntes marítimas, nem erros de navegação, podem explicar o desvio de Cabral para Sudoeste, até o encontro da costa brasileira tanto ao sul como ele ocorreu”.

Antes do primeiro capítulo, outra epígrafe, esta de Heitor Aquino Ferreira, o todo-poderoso coronel, por coincidência seu amigo, para balizar as raízes da sua tese tão ousada:



“Está bem que somos país de imigração e de mistura, mas a matriz é portuguesa e sem entendê-la, nada feito”.

Lenine desenvolve sua tese ao longo de 180 páginas numa edição particular, temendo não interessar a editoras comerciais. Junto bibliografia atualizada, obras de referência, as fontes de multimídia, publicações estrangeiras, ilustrações e índice onomástico.

Ainda em 1998, volta ao descobrimento de parceria com o primo português Gerardo Pereira: *A Integração do Rio Grande do Norte e do Amazonas à Província do Brasil*. Dois ensaios preenchem o volume impresso nas oficinas do RN Econômico, com circulação aqui e em Portugal: *Do Descobrimento à expulsão dos franceses do saliente potiguar*. Gerardo Pereira escreve sobre “A expedição de Pedro Teixeira e a conquista da bacia Amazônica”.

Em 2002, a convite do editor Abimael Silva, presta a grande homenagem ao amigo querido, José Gonçalves. Reúne texto de Gonçalves e ao invés de antologia usou o charme de titular A Coleção José Gonçalves. Na apresentação, ao invés de prefácio ou introdução, o toque carinhoso: “Crônica do bem querer a José Gonçalves”, uma longa narrativa com cinquenta páginas. Na primeira parte, textos de Gonçalves: contos, crônicas, poemas e cartas. Na segunda, textos de vários amigos e autores sobre Gonçalves - Câmara Cascudo, Mauro Mota, Newton Navarro, Manuel Rodrigues de Melo, e vários outros.

Na véspera do Natal de 1999 chegou com um litro de Chivas, seu uísque preferido, e um livro que sairia um mês depois, janeiro do ano seguinte, com a data de 2000 na folha de rosto: *Ainda a questão do Descobrimento*. É uma edição particular voltada para acrescentar novos documentos, e um subtítulo: “Evidências náuticas e fontes documentais que apontam a área do Cabo de São Roque – RN como provável ancoradouro de Pedro Álvares Cabral”. Na folha de guarda, uma dedicatória carinhosa:

“Para Serejo, que segue na numerologia das afetividades, meus dois filhos, sete netos e a última irmã. Não é pouco! Abraço,

Lenine - Natal, 24/12/99”.

FERAS

Foi um retorno à II Guerra Mundial, mas Natal não prestou muita atenção, em 2007. Lenine estava envolvido nas ondas das circunavegações marítimas e muitos nem notaram o livro que lançou, numa edição pequena, mas muito singular: *O Reino das Bestas Feras*, Gráfica Print, Natal, 2007. A idéia de Lenine foi escrever uma introdução original à história da Alemanha nazista, não através dos fatos, mas das biografias, reconstituindo, para espanto do leitor, os monstros humanos que dirigiram os destinos do mundo.

O leitor natalense não estava familiarizado com a então modernidade e o significado da expressão “dramatis personae”. Talvez nem mesmo com o pulso de narrativas biográficas quando vão aos limites da denúncia. Foi pensando assim que Lenine selecionou um conjunto de fortes personagens sob o título geral de *O Reino das Bestas Feras*. Uma trilha de feras humanas que vai da Manchúria à Etiópia. Na capa, para chocar os leitores mais desavisados, a figura de Hitler de forma diabólica: cabeça no corpo de um gorila, e capacete vermelho, com chifres de bárbaro. É uma charge de John Heartfield, publicada em Paris, 1977.

Ao escrever o prefácio, a convite de Lenine, tentei ressaltar o corte ensaístico de cada perfil. O texto foge da ordem comum - começo, meio e fim - e se rebela à força de cada nova informação, erguendo a escultura amedrontadora e, às vezes ridícula, de cada personagem desse universo que embora humano e dramático, é bizarro e espantoso.

O MANDO DO MAR

O *Reinvenção do Descobrimento*, de 1998, que parecia ser o mar alto de sua grande circunavegação em torno do descobrimento,



acabou não sendo o porto de chegada, como ele próprio imaginava. Pouco tempo depois, diante de contestações que sua tese sofria, anunciou numa de suas frequentes visitas à biblioteca, que estava trabalhando um novo livro. Ainda não tinha título. Planejava uma grande síntese. Um livro maior, com várias ilustrações, documentando cada afirmação histórica. Esperei.

No início de 2015 chegou com os originais e um belo título, recortado, como sacada, da melhor tradição dos velhos narradores da vida marítima: *O Mando do Mar*. Detalhista, decidira que teria edição para bibliófilos e colecionadores. Era um formal de partilha para os amigos. Só então revelou que trabalhava no texto desde 2007. Tanto que informou num dos quatro pequenos textos postos na capa, ilustrada com a imagem de Netuno e sua lança, que se bate entre ondas sob um céu azul. Fez questão - foi a Abimael Silva, editor do Sebo Vermelho - e disse que deveriam ser impressos apenas 200 exemplares, numerados do 001 ao 200, sempre que possível assinados.

Homenageou as admirações e afeições históricas, louvou D. João II e São Jorge, entre outros, e os amigos de longe e os mais próximos, de Natal, como Oswaldo Lamartine, Câmara Cascudo, Vicente Serejo, Woden Madruga e Nei Leandro de Castro nas páginas que chamou de *Dedicatórias com Enredo*, contando a participação de cada um deles. E *Aos Irregulares de Baker Street*, a confraria virtual criada por Heitor Aquino Ferreira e que se reunia uma vez por ano, no Rio, em grandes almoços puxados a conhaques e charutos.

Nos últimos dias, antes da impressão, cortou algumas poucas páginas, mas teve a atenção de doar os originais completos e na íntegra, a esta biblioteca. Quando o livro foi lançado, veio tomar um uísque, trazendo uma surpresa: o número 001 da edição especial para bibliófilos, com uma dedicatória assim:

- Como dizem os americanos quando a prova ou a coisa é de primeira: 'You are the number one'.

E nos originais completos, antes dos cortes, e que também fez doação, escreveu bem assim:

*- Ao velho e querido amigo Serejo, com afetuoso abraço de Lenine
- 4/11/2015.*

Agora já não é mais possível tê-lo aqui, naquelas tardes de uísque e histórias.

Lenine nasceu a 12 de maio de 1930 e nos deixou na manhã de 23 de junho de 2019, aos 89 anos. Logo ele que naquela sua alegria de viver, parecia rejuvenescer a cada ano.

Lenine será eterno na eternidade dos seus livros.

Natal, agosto de 2019, nos cem anos de Oswaldo Lamartine, seu grande amigo.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.



LENINE PINTO

Jurandyr Navarro

Conhecia-o desde os anos quarenta do século passado. Fomos colegas do velho Atheneu da “Junqueira Ayres”, escola pública, na qual a memória gravou as aulas de professores representativos do magistério daquele tempo, dentre os quais Clementino Câmara, Celestino Pimentel, Cônego Luiz Wanderley, Esmeraldo Siqueira, Padre Luiz Monte, Luiz Maranhão, Alvarado Furtado, para citar alguns deles.

E Lenine viveu esse tempo convivendo com essa plêiade de educadores, de múltiplos saberes, ao lado dos colegas, de matizes os mais diversos, relativo à escolaridade.

Inesquecível, o tempo da juventude, barulhenta e cheia de gostosa molecagem.

Após essa convivência tumultuada, própria da melhor idade, Lenine, alguns anos depois, deixa a sua Natal e vai residir, parece-me, na então Cidade Maravilhosa e depois em Brasília, em razão de ser funcionário do Senado da República.

Apresentava possuir uma mente receptiva, desenvolvendo, com o passar do tempo, a curiosidade, a ponto de realizar estudo concernente com o lugar exato do descobrimento do Brasil. E, pela investigação histórica, ligada à geografia, chegou à conclusão de sua ousada pesquisa, afirmando ter sido o solo potiguar onde foi fixado, o marco inicial da colonização portuguesa em nossa terra.

Com tal processo investigatório, exibido em livro, ficou criada a dúvida que será dirimida futuramente, através de exame mais acurado por estudiosos do assunto.

Vê-se, pelo exposto, o interesse, sob o ângulo histórico, encetado por esse intelectual da terra potiguar, que teve uma vida volta-da para a nossa Cultura.



Outra contribuição, ofertada por Lenine Pinto, nos domínios da nossa memória histórica, foi a sua louvável iniciativa em descrever a visita dos norte-americanos, nos sombrios anos da Segunda Guerra, que mudou o aspecto sócioeconômico da pequenina Natal daqueles dias.

Assim procedeu esse intelectual que não se quedava contemplativo. Procurava sempre preencher as horas de sua existência laboriosa com atitudes produtivas.

Os livros desse Acadêmico de nossas letras, pelo conteúdo cultural, neles contidos, são dádivas por ele deixadas para o enriquecimento da Literatura e da História nacional.

Não privei da sua amizade de forma estreita, porém sempre com ele mantive amistoso relacionamento, admirando-o pela inteligência e o rico legado deixado à posteridade.

Em dias da gestão do saudoso, Enélio Petrovich, tive o grato ensejo de fazer a saudação, do escritor Lenine Pinto, na solene noite de sua posse como Sócio Efetivo, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, instituição preservadora da nossa cultura memorialista, qual árvore frutífera, cuja semente foi plantada há um século e dezessete anos, na Rua da Conceição, desta cidade, e que continua sempre altaneira, coroada de ramos verdejantes da cor da Esperança, que sempre vive ao lado da Fé e da Caridade, formando as três virtudes teologais, infalível remédio das Almas.

JURANDYR NAVARRO é escritor, professor aposentado da UFRN. Autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte. Ex-presidente da Fundação José Augusto, Ex-presidente do IHGRN, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.





Lenine Pinto

LENINE PINTO, UM DOS MAIORES INTELLECTUAIS DO RN

Sérgio Villar

Lenine Pinto deveria dispensar apresentações. Mas Natal é incansável em desvalorizar suas referências. Então, um brevíssimo parágrafo para resumir a grandiosa contribuição deste pesquisador e escritor para a história potiguar.

Lenine foi um dos historiadores locais pioneiros em pesquisas referentes à participação do RN na Segunda Grande Guerra. Também tem ótimas pesquisas relacionadas à história da Redinha, com relato único sobre o Cemitério dos Ingleses.

Entre outros trabalhos, também pesquisou sobre a história do remo, a história do xadrez em Natal, mas se notabilizou mesmo pela pesquisa e tese de que o Brasil foi descoberto (ou redescoberto) no Rio Grande do Norte, com inúmeros livros publicados.

Tive uma única oportunidade de conversar com Lenine, eu ainda repórter do Diário de Natal. Foi em sua casa no Pium. Nem lembro o tema, mas lembro que a pauta ficou esquecida e colhi outros motes para várias reportagens. Lenine era um arcabouço de conhecimentos.

Lamento ter estancado minhas pesquisas sobre a Redinha. Meu livro incompleto ficaria mais rico com seu depoimento, de quem pesquisou e frequentou a “praia bonita” de Cascudo. A última vez que o vi foi na última edição do Encontro de Escritores, na Ribeira. Estava bem.

Lenine, imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras, morreu no dia 23 de junho de 2019, aos 89 anos, às 3h no Hospital São Lucas, onde estava internado há alguns dias decorrente de complicações causadas por uma pneumonia. O velório foi na rua



São José, às 10h. A cerimônia de cremação, segunda (24), restrita aos familiares.

* Do blog Papo Cultura

SERGIO VILLAR é escritor e jornalista. Trabalhou durante anos no Diário de Natal e em outros periódicos, além de assessor de imprensa é administrador do *blog* Papo Cultura.



GRAÇA E INVENÇÃO DO POETA

Diogenes da Cunha Lima

Luís Carlos Guimarães (1934–2001) inventava ou modelava histórias, que despertavam o bom humor e o espírito. O poeta dizia investir em amizades. Teve lucro. A sua *aplicação* rendeu-lhe muitos amigos devotados, admiração unânime em nossa cidade e em muitas pessoas de qualidade no País.

Esse poeta do Brasil não teve, como merecia, o reconhecimento nacional, ainda que recebesse o louvor de grandes poetas. Entre os mais talentosos: Lêdo Ivo, Gilberto Mendonça Teles, Francisco J. C. Dantas, Sérgio Castro Pinto. Também de poetas tradutores como Ivo Barroso e Fernando Py e de escritores de expressão a exemplo de Pedro Nava e Juarez da Gama Batista.

Tinha razão Luís da Câmara Cascudo quando, desalentado, declarou que *Natal não consagra e nem desconsagra ninguém*. Em verdade, a literatura da província mal ultrapassa as fronteiras estaduais. Somos ilhas culturais no arquipélago brasileiro. Estamos longe dos polos, Rio de Janeiro e São Paulo. E mesmo dos centros difusores regionais: Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador.

Luís Carlos dava às suas histórias contextos e contornos agradáveis. Ninguém distinguia o real da fantasia. Parece que o mais importante era o inusitado, surpreendente mesmo e o bom humor.

Ele aproveitou um sábado de carnaval para tentar pôr em dia leituras que tinha programado. Lia, feliz, em sua rede, quando Lêda, sua mulher, lhe repetia que fosse comprar um xarope para a tosse do menino. Saiu contrariado. Já no portão, encontrou os seus amigos Tota Zerôncio e Carlos Castilho. Tota estava fantasiado e Castilho vestido de anjo. Seguem para a farra. Luís volta no domingo, carnavalesco. Lêda, irritada, reclama tê-lo procurado por toda parte, inclusive no necrotério. A resposta: “Está aqui o xarope do menino.



A culpa não é minha, mas do anjo. Notei que as asas do anjo não cabiam no volkswagen e eu tive que encontrar um carro apropriado, a caminhoneta de um amigo”.

Ao lado desse tipo de reação, Luís Carlos Guimarães foi profissional rigorosamente responsável e lúcido, jornalista, juiz e advogado. Em nosso Escritório, ele usava e abusava da “lógica do razoável”. Eu o apresentava dizendo que o juiz Luís aposentou-se depois de 30 anos de lazer. Ele me dava o troco dizendo que não foi desembargador por minha causa. Explicava que ele, juiz em Lajes, foi por mim provocado com uma petição em versos e ele também assim despachou. Depois, lembrado o seu nome para o Tribunal, um desembargador poeta objetou afirmando que ele não levava o Direito a sério, a ponto de fazer poesia nos autos do processo.

Costumava olhar o tempo e convidava Artur Cunha Lima para uma cerveja: “Nós vamos dar um dia desses ao patrão?”.

Nomeava amigos com apelido ou qualificação carinhosa. Um, ágil e posudo, seria Galo-de-campina, a mim se referia como Didi saxofone ou Didi passarinho. Dedicou-me poema composto com nomes de dezenas de passarinhos. O Gordo Celso da Silveira era “Flor obesa”. Transformava o ludismo da vida na lúdica do verso e, então, acordava palavras esquecidas em impensadas associações.

Humberto Hermenegildo e eu estamos fazendo a sua Antologia Poética. A tarefa não é fácil, porque a dificuldade reside em escolher flores entre tão belas flores.

Como prometera a Carlos Newton Júnior, recebeu a “moça” Caetana com taças de vinho e partiu no fim da tarde. Deixou perdido o seu olhar azul, o tempo rememorado, desamparada a ternura, o sabor poético da vida. Verdadeiramente deixou a cada amigo acrescida solidão.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

A PRETEXTO DOS 130 ANOS DO JORNAL A REPÚBLICA *

Nelson Patriota

No dia 1 de julho de 1889, – cerca de cinco meses antes do golpe militar liderado pelo marechal Manuel Deodoro da Fonseca, que destronou a monarquia e instaurou o regime republicano no Brasil, encerrando a crise que cercava o Segundo Reinado – começou a circular em Natal um novo periódico, intitulado *A República*. Fundado por Pedro Velho, chefe do Partido Republicano e fundador da primeira oligarquia estadual, o novo jornal vinha para defender o ideário do futuro regime. Em seu editorial, intitulado “Pela Pátria”, perpassam jargões até hoje utilizados pela política brasileira, como, por exemplo, quando destilando retórica., diz, a certa altura: “[...][a batalha que, com as armas da razão, vamos empenhar [ou seria empunhar?] contra a realeza corrompida e corruptora, não nos fará esquecer quais as necessidades e os males desta terra infeliz [...]”. Mais adianta, volta a assacar insultos retóricos à realeza: “De todos os privilégios o mais humilhante, o mais pernicioso é a realeza hereditária e irresponsável; contra ela estremece em assomos da mais digna e justificada revolta a opinião [pública] cansada e desiludida; e entre a dinastia e a nação a escolha não é nem para hesitações”.

Retirar da algibeira de insultos formulações contra o adversário como “corruptor e corrupto” não é bem, portanto, uma novidade dos nossos tempos, sob muitos aspectos infelizes, a exemplo do que escreve o velho oligarca sobre o país ainda navegando em águas monárquicas.

A propósito, Pedro Velho foi o primeiro governador republicano do Rio Grande do Norte, e as novidades que trouxe para a política norte-rio-grandense – a república e a oligarquia – deixam supor que não entregou o que prometera.

Dadas as relações da família Albuquerque Maranhão com o poder, *A República* não tardou em revestir-se da condição de veícu-



lo oficial do Estado do Rio Grande do Norte. A esse periódico cabia a divulgação e publicização dos atos e decisões do governo do Estado. Só décadas depois é que o hoje Diário Oficial ganharia forma distinta do noticioso. Uma das consequências dessa medida foi que A República, agora autônomo, teria uma carreira intermitente, quer do ponto de vista formal, quer quanto a sua periodicidade.

Não obstante esses percalços, 130 anos depois de sua fundação, as muitas águas turbulentas que passaram debaixo da ponte da história não podem obnubilar o brilho, o relevo e a importância desse veículo que circulou por tantas décadas e que, sempre ao sabor dos governantes da vez, ora imergia no silêncio das travas orçamentárias, ora emergia para emular a chamada grande imprensa – denominação dada então aos veículos criados por iniciativa do capital privado.

Durante os anos 1970, quando ingressei nos quadros de A República, inicialmente como tradutor de telegramas da Associated Press e, mais tarde, como editor do noticiário nacional/internacional e, finalmente, como editor de cultura - o Diário Oficial já tinha vida própria - este informativa fora, havia pouco, reativado sob o governo idealista de Cortez Pereira. Chefiava sua redação o jornalista Manoel Barbosa, um pernambucano operoso e empreendedor, com o qual a redação do jornal não tardou a estabelecer um relacionamento profissional benéfico para todos. Manoel Barbosa era desses profissionais para quem o trabalho é uma espécie de religião – ou de droga. Modernamente, costumamos rotular pessoas assim com um americanismo – *workaholics* – ou seja, algo como “pessoa que tem no trabalho seu álcool, sua dependência”.

Sob a batuta de Manoel Barbosa, A República não pretendia ocupar o posto de veículo líder do mercado. Realista, o governo Cortez sabia que não dispunha dos meios para concorrer com os dois veículos rivais: o Diário de Natal, do grupo Associados, na época o maior conglomerado da imprensa brasileira, capitaneado pelo empresário Assis Chateaubriand, e a Tribuna do Norte, do poderoso grupo político da família Alves. Ainda assim, Manoel Barbosa acreditava que



era possível criar um nicho, um espaço não só noticioso, mas também comercial no mercado norte-rio-grandense que A República pudesse ocupar. E creio que tal sucedeu. Quando Manoel Barbosa deixou A República no fim dos anos 1970, seu sucessor, o norte-rio-grandense Francisco Macedo, já encontrou um periódico competitivo e um quadro de funcionários motivado a emular a concorrência.

É verdade que havia no ar uma ideologia contrária às intervenções do Estado em áreas sensíveis como a comunicação e a publicidade, vistas como reservas da iniciativa privada por este setor. Havia mesmo campanhas periódicas, inclusive por parte do órgão de classe dos jornalistas, contra a existência da imprensa estadual, vista como supérflua. Eram tempos extremos, aqueles.

Na verdade, o jornal A República, visto em perspectiva, teve um papel importante não só no jornalismo norte-rio-grandense, mas também na promoção cultural, porque essas duas ideias se confundem muitas vezes, graças especialmente à presença de editores, jornalistas e colaboradores ligados à atividade cultural; alguns, como o polígrafo Câmara Cascudo, tinham na cultura sua atividade principal. Essas peculiaridades de A República foram percebidas, entre outros, pelo escritor Anchieta Fernandes, em sua “História da imprensa oficial do Rio Grande do Norte” (DEI, 2006). E a parceria de Cascudo com A República remonta ao final dos anos vinte do século passado, quando o jornal A Imprensa, fundado por seu pai Francisco Cascudo, e no qual escrevia desde 1916, fecha as portas em 1927. No ano seguinte, Cascudo inicia uma colaboração que se estenderá até os anos setentas. Referimo-nos à coluna *Acta Diurna*, registro dos mais fidedignos do dia a dia da província, visto através das lentes privilegiadas do grande historiador e folclorista potiguar. Esse acervo de milhares de crônicas/ensaios/artigos felizmente está disponível na série de livros que o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte publicou, na gestão do escritor Enélio Petrovich, sob o título de “O livro das velhas figuras”, perfazendo nove volumes, mas com material remanescente para outros tantos volumes.



Infelizmente, não podemos dizer o mesmo do trabalho realizado pelo escritor Aderbal França que foi, segundo escreve Veríssimo de Melo em “Patronos e Acadêmicos” (Rio: Pongetti, 1974, v. 2) “o mais constante, perseverante e teimoso cronista da cidade do Natal, em todos os tempos”. Lembremos que suas crônicas, publicadas n’A República, no ano em que Câmara Cascudo estreava nesse mesmo jornal – 1928 -, inauguraram a moderna crônica social na cidade, refratária ao noticiário mundano. Durante mais de quarenta anos, Aderbal França militou nesse gênero sob o pseudônimo de Danilo, mas faltaram-lhe iniciativas como a que beneficiou e preservou os escritos breves de Cascudo. Com certeza, trata-se de um registro que reclama uma publicação anotada e comentada, dado o valor histórico, sociológico desses escritos. Verissimo de Melo, o popular Vivi, aquele que, segundo Cascudo, tinha “carne suficiente para sustentar sua alma” (aludindo à sua magreza chamativa), foi outro intelectual que escreveu assiduamente na imprensa, especialmente n’A República. Essa produção está também clamando por novas edições, beneficiando-se da recente publicação do livro “Vivi, o homem que sabia viver” (IFRN, 2019), de Protásio Melo.

Pelas páginas d’A República passaram intelectuais quer em sua fase de aprendizagem, quer da maturidade, como os já citados Câmara Cascudo, Aderbal França, Veríssimo de Melo, e outros como Henrique Castriciano, Eloy de Souza, Zila Mamede, Palmira Wanderley, Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Dorian Gray, Celso da Silveira, Anna Maria Cascudo, Newton Navarro, Luiz Carlos Guimarães, Myriam Coeli, e a geração seguinte, constituída, entre outros, de Moacy Cirne, Nilson Patriota, Jarbas Martins, Manoel Onofre Jr., Inácio Magalhães de Sena, Tarcísio Gurgel, Clotilde Tavares, Anchieta Fernandes, Diva Cunha, Marize Castro, Racine Santos, Francisco Sobreira, J. Medeiros, Dailor Varela A presença de tantos produtores culturais se tornou possível graças à criação de suplementos culturais como “Contexto”, cujo primeiro editor foi o escritor Tarcísio Gurgel, o qual, sucedemos, nos anos 1980. Outra iniciativa cultural importante foi a criação do periódico

co “Nós do RN”, tendo à frente os jornalistas Miranda Sá, Rubens Lemos Filho e Moura Neto.

Em nossa passagem pela República, tanto na gestão de Manoel Barbosa quanto na de Francisco Macedo, encontramos um ambiente propício ao jornalismo cultural, no qual nos especializamos, por assim dizer. Permitam-me, neste momento, acrescentar uma nota pessoal a esta palestra. Três décadas depois da nossa passagem pela República, reunimos lembranças e invenção para revivermos o ambiente profissional/social da República. Esse esforço resultou na escritura do nosso romance “Tribulações de um homem chamado Silêncio” (Editora Sarau das Letras, 2015), cujas linhas mestras se basearam em fatos vividos naquele jornal. Passagens e vivências recolhidas de outros jornais que conhecemos em nossa trajetória jornalística, especialmente a Tribuna do Norte e o Diário de Natal, somaram-se ao nosso esforço mnemônico.

Hoje, A República volta a ter em sua direção um jornalista comprometido com a área cultural, cuja competência nesse mister foi por demais consagrada ao longo de uma carreira bem-sucedida sobremaneira como editor-chefe do jornal Tribuna do Norte. Nos referimos naturalmente ao nosso colega e amigo Carlos Peixoto, que reúne talentos jornalísticos, poéticos e literários. E esse é um acontecimento que reacende perspectivas otimistas quanto a um possível retorno do jornal ou algo semelhante direcionado à área cultural. As condições dadas hoje são favoráveis a esse projeto, tornando-o uma tentação exequível.

Muito obrigado.

*Palestra proferida no Departamento Estadual de Imprensa-DEI, no dia 1º de julho último, por ocasião das comemorações dos 130 anos de fundação do jornal A República.

NELSON PATRIOTA é poeta, escritor, crítico literário e jornalista, autor de “Tribulações de um Homem Chamado Silêncio” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



CHICO ELION

ALMA POÉTICA DA CANÇÃO

Leide Câmara



Conheci Francisco Elion, na década de 1980, como empresário e músico, no auge do seu famoso bar “Beco da Música”, na Avenida Almirante Alexandrino de Alencar nº 487, no Bairro do Alecrim (onde hoje fica a Acrilart). Pesquisei sua trajetória, carreira de mais de sessenta anos, fiz várias entrevistas, filmagens em seu estúdio, e muito me contou sobre a musicalidade potiguar, sempre com sua companheira, a musicista Ana Nobre, que organizou seu acervo. Tornamos amigos, passei a chamá-lo de “Chico Elion”. Ele gostou e passou a adotá-lo como nome artístico. Dizia sempre: “Pretty Baby”, você mudou meu nome de Francisco Elion para Chico Elion, gostei!

Poeta cantor, compositor, arranjador, exímio instrumentista, tocava bandolim, cavaquinho e violão. Como empresário, fundou vários grupos musicais, fase áurea dos Conjuntos Vocais do RN, foi importante para nossa história tanto em sua carreira de musicista quanto de produtor musical, incentivou novos e conhecidos talentos. Chico Elion ajudou a organizar a classe artista como profissionais enquanto um dos fundadores e depois presidente da Ordem dos Músicos do Brasil - Sessão Rio Grande do Norte. Participou como um dos fundadores da Sociedade Artística Estudantil – SAE, que foi criada em (25/8/1948), celeiro de artistas como Trio Irakitan, Antônio de Brito, Trio Marayá, Fernando Luís da Câmara Cascudo entre outros.

Olhos verdes, baixinho, falava bem, costumava usar paletó branco, chapéu de palhinha. Era o “Tom Jobim Potiguar”. Chico era um boêmio, um sedutor, muitas paixões, muitos amores, infinitos romances. Teve três casamentos: o primeiro, com Iraci Vale Nobre, com quem teve cinco filhos (todos residem no Rio de Janeiro); o segundo, com a cantora Déa Ferreira (uma das famosas “Irmãs Ferreiras – Chiquinha do Acordeom, Francineth e Déa); tiveram três filhos: Nazareno (professor já falecido), Penha Nobre (cantora) e Kiko Chagas, professor, cantor, compositor e exímio guitarrista. O terceiro e último casamento foi com a cantora e parceira musical, Ana Maria da Silva Caldas Nobre, com quem teve apenas um filho, Daniel Nobre. Este não seguiu a carreira dos pais, é empresário. Na nova geração de músicos, na família tem os netos, filhos da cantora Penha Nobre, Allann Nobre, cantor, compositor e violonista, Ângelo Nobre, cantor e compositor e instrumentista Artur Nobre.

FRANCISCO ELION CALDAS NOBRE

Nasceu na antiga Vila da Princesa, hoje cidade de Açú / RN, “Terra de Poetas”, no dia 16 de maio de 1930 e faleceu no dia 13 de junho de 2013, aos 83 anos de idade, na Policlínica do Alecrim, em Natal. Nesse hospital, ele esteve internado durante quinze dias,



com problemas respiratórios, mal que vinha se agravando e que lhe impôs várias internações. Foi sepultado no Cemitério Morada da Paz, em Emaús, Parnamirim.

Era filho do comerciante Francisco da Fonseca Nobre e Dona Nani (Maria de Oliveira Caldas Nobre), sobrinho do poeta Renato Caldas. Já na infância, demonstrava o talento musical. As primeiras melodias nasceram no seu primeiro instrumento, um cavaquinho feito por Noé, um marceneiro amigo do seu pai. Em 1941, veio residir em Natal com seus pais. Sua estreia musical aconteceu na reinauguração do Convento Santo Antônio, como bandolinista. Chico Elion se apresentou, na ocasião, com Antônio Lucas, violonista; Rubino Peres Tito, clarinetista, irmão dos músicos Renato Tito e Paulo Tito; Avelino Faustino da Costa, saxofonista; além de outros artistas. A partir daí, passou a se apresentar nas festas do Ginásio 7 de Setembro (escola onde estudava), ao lado do Newton Ramalho, irmão do compositor Hianto de Almeida. Como cantor, estreou aos 18 anos de idade, no Rio de Janeiro, na Rádio Nacional, no programa de Manoel Barcellos, interpretando a música “Lava-deira”, de sua autoria, em parceria com o compositor cearense Canelinha. Em Natal, formou dupla com Manoel Neves Cavalcante, em 1948, porém o duo teve vida curta. Mais tarde, ele criou com Chico de Assis (Francisco de Assis) e sua esposa Norma o trio “Los Brasileiritos”. Em 1951, fundou o Trio Acaiaca (nome da tribo indígena Aruaque), o qual depois se transformou no Conjunto de Boate Acaiaca, formado pelos músicos Rinaldo Calheiros, crooner; João Juvanklin, no acordeom, (uma raridade); Pedro Francisco de Paula, piano; Milton Wanderley, violino; João do Nascimento, bongô; e João Galvão da Silva, bateria. Passaram pelo conjunto três baixistas: Plácido Gomes de Paiva, Chico Januário e Oswaldo. Depois, no mesmo ano, fundou o Quarteto Marupiara (do tupi marupiara, que significa pessoa feliz na caça, ou na pesca), primeiro conjunto a quatro vozes no Rio Grande do Norte, com a seguinte formação: Chico Elion, violão; José Percy, tantã; Manoel Guedes, violão; e Alcinei Wanderley, crooner. O quarteto atuou de 1951 a 1952. Na



fase do rádio, idealizou o “Varieté Transa Bacana”, programa de música brasileira -MPB que fez de 1960 a 1971, em três emissoras de rádio: Nordeste, Trairi e Rural. Havia uma grande audiência, pois o mesmo tinha o objetivo de elogiar e criticar os grandes astros da música nacional e internacional, recheando com entrevistas e divulgando os trabalhos daqueles que o visitavam chegando do sul do País, como: Jair Rodrigues, Nara Leão, Zimbo Trio, Chico Buarque de Holanda e outros.

O primeiro disco da carreira-solo, ele o lançou em 1995 de forma independente, o CD “Chico Elion e vozes amigas”. Na gravação do CD, contou com a participação de vários músicos. Em 2010, foi homenageado e teve sua música “Lembranças de um solo-vox” gravada no CD “Gerações”, de seu filho Kiko Chagas. O disco é uma homenagem, ao pai e aos dois compositores potiguares, os irmãos Manoel de Elias e Zé de Elias, seu avô e tio. Outra homenagem do filho, Kiko Chagas, foi CD “Kiko Chagas canta Chico Elion”. O disco trouxe apenas regravações de obras suas, sendo três delas em parceria com Kiko: “Meu brinquedo”, “A flor e o beija-flor” e “Bom brasileiro”.

Chico musicou os poetas Renato Caldas e Diogenes da Cunha Lima, e Ronaldo da Cunha Lima, além de assinar parcerias musicais com Roberto Ney, Guaracy Picado, Carlos Lira, Lívia Medeiros, Jaime Wanderley, Edinho França, Ana Maria, Antônio 7 Cordas, Renato Caldas, Kiko Chagas, Airton Ramalho e Gilda P. Rolim, Canelinha e Diogenes da Cunha Lima.

TRILHA SONORA PARA FILME

Compôs “Filhos da rua”, música-tema para o filme homônimo, que seria produzido pelo empresário Felinto Rodrigues e Ezequiel Epaminondas Fonseca Neto, e dirigido por Atílio Doticício. O filme não foi realizado, embora o fotógrafo italiano Di Lucas tivesse vindo a Natal para fazer as fotografias. A música “Filhos da rua” foi gravada em disco de acetato na voz de Rinaldo Calheiros,



acompanhado ao piano por José Maria de Abreu, primo do famoso compositor Zequinha de Abreu. Faziam parte, também, da trilha sonora do filme, as músicas “A voz do Rio”, “Moinho d’água” e “Passado”. Esta seria a primeira trilha sonora de um filme produzido no Rio Grande do Norte.

Chico Elion deixou como legado mais de 400 composições, muitas delas ainda inéditas. No Acervo da Música Potiguar - AMP, catalogamos 169 registros. Dois clássicos, “Ranchinho de paia”, música que embala gerações de românticos desde o ano de 1952 até os dias atuais, é também nome de rua no bairro de Lagoa Azul, na Zona Norte de Natal; catalogamos 39 gravações dentre as quais estão: com o próprio Chico Elion, Rinaldo Calheiros, Trio Irakitan, Carlinho Polidoro, Ivanildo o sax de Ouro, Luiz Gonzaga, Gilliard, Quarteto de Cordas da UFRN, Lêda Dias – Canções Brasileiras, seus filhos Kiko Chagas e Penha Nobre, Petrúcio Amorim, Flávio José, Carlos Zens, Guaraci Picado, Paulo Tito, tantas vezes cantada pela nossa Glorinha Oliveira entre outros seresteiros. Chico tinha orgulho de dizer que 1981 teve a música “Ranchinho de paia” registrada por Luiz Gonzaga no LP “A festa”

“Moinho d’água”, gravada, no ano de 1955, pelo potiguar Aldair Soares na CBS. Pela vendagem dessa gravação, Chico Elion ganhou o disco de ouro de lapela CBS. “Moinho d’água”, que também foi gravada pelo Trio Irakitan em Londres e fez sucesso no Brasil, é uma parceria de Chico Elion com Edson França, o Edinho do trio . O responsável pelo arranjo de cordas de “Moinho d’água” e “Ranchinho de paia” foi o argentino José Bragatto, arranjador de Astor Piazzolla. Catalogamos no Acervo da Música Potiguar, 22 gravações de Moinho d’água.



Moinho D'agua - toada
Francisco Elion / Edson França

Foi, lá no moinho d'agua,
Que conheci a morena,
De quem eu me enamorei,
Hoje, quando conto a minha mágoa,
Ela nem sequer tem pena,
Do que por ela eu passei.

Mas o tempo foi passando,
E ela nem percebeu,
Que a velhice foi chegando,
Matando o orgulho seu...

Moinho d'agua rodando,
Lembrando o que aconteceu,
Moinho d'agua rodando,
Lembrando o que aconteceu...

Mas o tempo foi passando,
E ela nem percebeu,
Que a velhice foi chegando,
Matando o orgulho seu...

O Poema de Renato Caldas (1902 – 1991) “Saudade de Guarapari” musicado por Chico Elion, gravado por Guaraci Picado, no CD “Chico Elion e vozes amiga” em 1996, e no CD “Guaraci Picado canta Renato Caldas e outros”, em 2003



Saudade de Guarapari

Renato Caldas música de Chico Elion

Guarapari é a praia da saudade
Onde a felicidade
Fez um ninho pra morar
À noite o eterno candeeiro
Ilumina seus coqueiros
Com alvos flocos de luar
Na praia branca o mar verde se derrama
Tudo vive e tudo ama
Tudo nos fala de amor
Da triste lenda de um rancho no abandono
Que chora a falta do dono
Um valente pescador.
Guarapari, Guarapari, felicidade!
Quero lembrar com saudade
O bem que tive e perdi
Nas horas tristes que passar de ti distante
Eu direi a todo instante
Saudades de Guarapari.



Pirangi

Diógenes da Cunha Lima

A

B

First system: Treble clef, melody (quarter G4, eighth A4, eighth B4, quarter C5, eighth B4), bass clef, chords (F, Dm, G4, C5, F, B).
Second system: Treble clef, melody (quarter G4, eighth A4, eighth B4, quarter C5, eighth B4), bass clef, chords (Dm, G4, F#m, Dm, C5, G4, F#m, B).
Third system: Treble clef, melody (quarter G4, eighth A4, eighth B4, quarter C5, eighth B4), bass clef, chords (G4, Dm, G4, G#m, G#m, F#m, G4).
Fourth system: Treble clef, melody (quarter G4, eighth A4, eighth B4, quarter C5, eighth B4), bass clef, chords (F#m, G4, G4, G4, G4, G4, F).

Água clara, céu azul, verde ser, alegre contida
Moças florissim no ar, de mentes resplandecentes
Vozes veles, luz e luz, gente e paisagem, harmonia
Pirangi, praia de amor, ros do rio de alegria.

O coração estirado, nos lábios sorriso breve
O vento arrepiou a pele, respirou o ar leve, leve
Nos casais chorando pênitência, a saudade restringida
O sol dançando a manhã, tempo em vibrações de vida.

Chico musicou e gravou o poema de Diógenes da Cunha Lima “ Pirangi”, com arranjo de Berginaldo Wanderley no CD Canções entre amigos - 50 anos de música, vol. 1, em 2001



A TARDE E O TELEFONE
De Chico Elion 29/10/2003

Ah! é você,
Por favor, meu bem!
Ah! bem querer
Saudade veio e vem
A tarde derramou
Uma flor, sabe
No teu colo
Só pra te perfumar
E o telefone
Guardou a fala
Na conversa sem nome
Ah! Um sorriso lindo e me cala
Tchau pretty baby Tchau
Tchau pretty baby.

Estas foram feitas antes do
seu aniversário, acabou os platos de
parabéns. Com total estima e
admiração.
Dijos de Chico Elion
& Ana.

Poema que Chico Elion escreveu para meu aniversário em novembro de 2003, não deu tempo musicar.





Foto: Evaldo

A imortal canção “Ranchinho de paia” do poeta Chico Elion, faz parte do repertório de diferentes gerações de amantes da boa música e viverá na memória afetiva do Cancioneiro Potiguar.

Ranchinho de Paia
(Francisco Elion)
Ranchinho de Paia
Que abriga você
Nas paia do coqueiro
E só a lua nos vê
Ranchinho de paia
Onde tudo é amor
A beleza da praia
E o canto do pescador
Ranchinho de Paia
Onde o chão é de areia
Onde nós dois se agasaia
Nessa casinha tão feia
Mas pouca gente
É feliz como nós
Um canta pro outro
E do vento escutamos a voz
12/07/2019






Foto: Acervo da família

LEIDE CÂMARA é escritora e pesquisadora de música. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Idealizadora do Instituto Acervo da Música Potiguar - AMP (1996). Autora do Dicionário da Música do Rio Grande do Norte, (2001) e vários outros livros.



A FORMAÇÃO DO POETA REPENTISTA

Aécio Cândido

Necessidades humanas e trabalho

“*Viverás do suor do teu rosto!*”. A frase sai da boca de Deus como anúncio de um castigo, o qual dirigirá, dali por diante, todos os passos do homem. É assim que o mito fundador da cultura judaico-cristã ocidental introduz o trabalho no horizonte humano. Ele inaugura uma relação de dependência até então desconhecida e da qual o homem não pode fugir: sem trabalho não é possível sobreviver. Perdido o Paraíso, lugar onde a oferta se apresentava antes mesmo de surgir a demanda, o homem teve que pensar em como conseguir o que queria, em como realizar os seus desejos. A situação agora é bem diferente: antes, palavras como *necessidades*, *desejos* e *sobrevivência* não existiam. Agora existem. Se antes Deus a tudo provia, agora é o homem o provedor de si mesmo. Se assim é, terá ele que aprender a fazer algo útil, algo que possa livrá-lo de uma necessidade. Aprender a fazer significa aprender uma profissão, a fim de prover a si.

Vai daí que a formação profissional é um tema de interesse em todas as sociedades, ocidentais ou não. O jovem Marx, sem recorrer ao mito, lembrará que a biologia humana determina alguns atos sociais. Como não transformamos, como as plantas, ar e luz em alimento, temos que inventar o nosso, indo buscá-lo lá onde ele está. Essa busca pressupõe trabalho: o trabalho de cultivar, de beneficiar, de processar o alimento para poder ingeri-lo. Mas como o talento humano é amplamente diverso e, desde que algumas condições sejam dadas, ele se manifesta em várias direções, nem todos têm como trabalho atividades ligadas às necessidades primárias, aquelas que sustentam a vida orgânica – o alimentar-se e o proteger-se (do frio, pelas roupas; das intempéries, pela habitação). Produtos fei-



tos pelas diversas formas de trabalho podem ser trocados e, assim, as diversas necessidades de cada indivíduo podem ser satisfeitas. O fato relevante é que cada um precisa aprender algo com que possa buscar sua sobrevivência. E como aprende? Este é o assunto deste artigo: o aprender em geral e, em particular, o aprender a ser poeta repentista.

Divisão social do trabalho e formação profissional

As sociedades mais simples sobrevivem com poucas profissões, porque são poucas, também, as necessidades. A primeira necessidade, a mais básica de todas, é alimentar-se, daí a agricultura e a criação de animais, para fazer frente a ela. Voltando ao nosso mito fundador, ele assinala, nas pessoas de Caim e de Abel, a existência dessas profissões – agricultor e pastor - como profissões primeiras.

Mas o homem é um animal que se inventa. Quanto mais ele se distancia de sua origem animal, mais surgem necessidades novas e, em consequência, mais profissões. Se for necessário exemplificar o que parece tão óbvio, basta que nos lembremos da profusão de profissões que temos hoje, inimagináveis há um século, de fabricante de comida para cachorro a web-designer, passando pelas inumeráveis especializações profissionais da medicina. A isto se chama divisão social do trabalho.

A evolução técnica da sociedade e a divisão social do trabalho configuram novas profissões. Tomemos um exemplo simples de transição: a arte, sempre necessária em qualquer comunidade humana, em todos os tempos, só perdeu seu caráter utilitário ou religioso muito recentemente. O caráter recreativo, lúdico, de muitas manifestações também existiu desde sempre, sem que seus praticantes se dedicassem exclusivamente a elas, ou seja, sem que houvesse profissionalização. Os dançarinos de boi-de-rei, os atores do João Redondo (mamulengo), os emboladores de coco e outros poetas improvisadores não tinham, no Nordeste do início do século



XX, a arte como profissão. Eram agricultores que dançavam, atuavam, embolavam, improvisavam, mas nas horas de folga do trabalho. Que não eram poucas, somados os dias santos, do calendário litúrgico e das devoções particulares, e as horas e períodos em que o roçado dispensava cuidados mais intensos.

Toda profissão, claro, se caracteriza por conhecimentos e competências específicos, isto é, por uma teoria e uma prática - um saber e um saber-fazer. Onde se adquire esse conhecimento teórico e prático? Nem sempre na escola, uma instituição da modernidade, desconhecida em algumas sociedades. E mesmo hoje, algumas profissões não passam pela escola, nem na formação nem no aprimoramento. Dois outros espaços, como contextos educacionais, são complementares à escola: a família e o trabalho.

Na sociedade agrária nordestina, camponesa, o aprendizado da profissão – agricultor - ocorria dentro de casa, no seio da família. Dentro de casa é forma de expressão: os homens aprendiam no roçado, na casa de farinha e no engenho de cana (no caso do Nordeste seco e do Nordeste úmido). Mas como os especialistas estavam dentro de casa – era o pai, um irmão, um tio -, o aprendizado circulava do roçado à casa sem grandes interrupções e cortes. O aprendizado dizia respeito à capina do mato, ao plantio e cultivo de feijão, milho, mandioca, batata, jerimum, melancia e algodão, à ordenha de vacas e cabras, à alimentação do rebanho, à cura de bicheiras e outros males do gado, ao conserto de cercas, etc. O preparo dos alimentos era aprendizado feminino, assim como o trabalho inicial com a pluma do algodão e uma certa indústria doméstica para consumo familiar (fabricação de sabão, de óleo para as candeias, de doces e bolos).

Na Idade Média europeia as profissões artesanais (as artes e ofícios), e a pintura era uma delas, eram aprendidas nas oficinas dos mestres, que recebiam aprendizes com o fim de formá-los. Era a formação em contextos de trabalho.

Embora toda profissão lide com a criatividade, algumas lidam



mais. E essas que lidam mais, aqueles que dependem de um talento inato e avultado, também dependem mais de um ambiente criativo para aperfeiçoar-se.

Talento, formação e ambiente criativo

Talvez possamos diferenciar vocação de talento. Chamamos de vocação a atração que alguém sente por certa atividade, o gosto com que se atira a ela e a satisfação que daí decorre. Talento é a facilidade natural de realizar as atividades pelas quais é atraído. O talento para música se manifesta na facilidade que alguém demonstra em relação ao ritmo e à afinação, por exemplo. O talento para cozinhar se revela no reconhecimento do ponto de cozimento dos alimentos, no uso dos temperos, na facilidade de combinações, etc. O talento está, em geral, vinculado à vocação. Mas nem sempre, infelizmente. Pode-se desejar ardentemente realizar uma dada atividade e não se ter o talento necessário para realizá-la com brilho. Mas isto é outra história, e não caberá aqui.

Assumir uma vocação como profissão é viver dela, gerar sua sobrevivência a partir dela, e, pela dedicação, aprimorar o talento, lapidá-lo, desenvolvê-lo.

De onde vem o talento não sabemos bem. Ainda que possamos dizer que é genético – e provavelmente não é -, que “filho de peixe peixinho é”, a resposta não satisfaz à curiosidade. Ela permanece no ar. De que depende o talento? O que é ele e como se forma? Certamente não é absoluto, visto que muitas vocações abortam, não florescem. Mas se sabe, com significativo grau de certeza, que certos ambientes estimulam o talento, enquanto outros o castram. Enfim, o talento pode ser estimulado e cultivado. E lapidado pela formação.

Boa parte das profissões não carece de talentos especiais, natos. Elas podem ser abraçadas pela simples vontade e aprendizado. O empenho é, nesses casos, o segredo do sucesso. Tanto que a maior parte das profissões se aprende na escola, mas não todas. Algumas



delas exigem uma boa dose de talento nato. Não há escolas para romancistas, lembrou-me pela primeira vez um amigo. Nem para poetas. Pintores, bailarinos, atores, cineastas podem ser formados na escola. O romancista, como o poeta, enfrenta um aprendizado solitário, do ponto de vista formal, embora os colegas, suas leituras e os ambientes que frequente concorram para sua formação.

Não há uma personalidade tipicamente criativa, sustenta Domenico De Masi, sociólogo italiano, num erudito e instigante livro sobre o tema¹. Isto quer dizer que não há características generalizáveis que identifiquem o gênio criativo. O estereótipo atribui a esses gênios comportamentos desregrados, extravagantes, imprevisíveis, brincalhões, espertos, egocêntricos, neuróticos, rebeldes, infíeis, licenciosos, introvertidos, violentos, suicidas, intratáveis, anormais, homossexuais. No entanto, Wittkower, citado por De Masi (2003, p. 217), apresenta dados estatísticos para demonstrar que esses atributos psicológicos, tão generalizáveis em relação aos artistas, não aparecem entre eles com percentuais maiores do que aqueles encontrados em outras categorias profissionais. O que reafirma que os gênios criativos aparecem em todos os tipos marcantes de personalidade. Eles podem ter, indistintamente, qualquer um tipo de personalidade: vaidosa, esquiva, distinta, descuidada, melancólica, alegre, veloz, lenta, simples, astuta, rigorosa, pouco confiável, esbanjadora, parcimoniosa, mundana, reservada, solitária, extrovertida. De Masi (idem, 219) dá uma profusão de exemplos de grandes artistas que se enquadram em cada uma dessas personalidades. Do que se conclui, sem grande esforço, que não há uma psicologia da criatividade. Há, porém, um ambiente típico, com certas características que se repetem, que favorece a criatividade e, por isso, pode ser chamado de ambiente criativo.

Em outro termos, se não há uma psicologia da criatividade, há uma sociologia. Se a criatividade viceja mais frequentemente em certos ambientes, é porque ela tem uma componente coletiva mais

1 DE MASI, Domenico. **Criatividade e Grupos Criativos**. Sextante: Rio de Janeiro, 2003. 795 p.



vigorosa, talvez, que a componente individual. De Masi identifica um exemplo desses ambientes modelares no Renascimento, nas oficinas dos pintores e escultores e, depois, nas academias. No século XV, Florença, uma cidade de 50 mil habitantes, possuía 50 oficinas em franca produção, atendendo encomendas de uma nobreza rica e ilustrada e de um clero empenhado em expandir a autoridade da Igreja e as esperanças do Paraíso. Já identificara outros exemplos na Atenas do Século de Péricles, coincidentemente também uma cidade de 50 mil habitantes à época.

Não entendamos mal De Masi. Por certo os autores de obras magistrais possuem alguns traços de personalidade característicos, fundamentais para que tais obras se efetivem. A tenacidade, a persistência, a autoconfiança são alguns deles. É com esses atributos, além do talento, que o artista pode vencer as incompreensões, as mesquinhas e as resistências do meio, quando estas são inferiores ao percentual dos referidos atributos. É importante a observação de De Masi. Como a obra precisa sair da cabeça do artista e se realizar para que ele seja reconhecido como artista, essa realização não depende exclusivamente dele, mas também da ação, da competência e criatividade de outros. A existência de um ambiente que reúna essas competências criativas dá-lhe suporte e multiplica a criatividade do profissional talentoso, que flui sem grandes barreiras.

O Bar Tamandaré e a formação do cantador de viola

Para ser cantador não tem escola
Nem tampouco para ser um repentista
Você pode ser um grande artista
E também aprender tocar viola.
Só quem tem esse dom não se enrola.
Mas existe o poeta imprudente
Com versos decorados engana a gente.
Inda sai com a viola em sua mão,



Não toca nada e mal canta uma canção
Dizendo que canta e faz repente.

(Para ser cantador, de Aldivam Honorato. In
Jornal Ler Mais. Ano I, 2014. Natal, ano I, p.
2, 14 de março de 2014.)

A formação profissional, para ser boa, e a evolução da profissão, para não ser interrompida, carecem de ambientes criativos. Provocar esses ambientes é o grande desafio das escolas, mesmo das universidades, responsáveis pela formação profissional da maioria das carreiras.

No modelo composto por De Masi e completado por indicações presentes em outros autores encontramos alguns traços desse ambiente criativo. A formação de cantador de viola, que não se dá em contexto escolar formal, possui muitos componentes do modelo.

A mobilidade é uma característica da profissão de cantador. E a mobilidade é mãe de muitos conhecimentos. Quem se move pode observar muitas realidades diferentes, muitos mundos, muitas formas de ser e de fazer. A mobilidade amplia os laços pessoais, numa amplitude de contatos francamente positiva para a arte da cantoria. Viajando constantemente, o cantador interage com ricos e pobres, citadinos e camponeses, doutores e analfabetos, puritanos e libertinos, apologistas e refratários. Tudo isso o faz cosmopolita.

Os efeitos intelectuais da mobilidade parecem ser conhecidos desde muito tempo. A mobilidade de grandes frações da população europeia, ensejada pelas Cruzadas, é apontada por muitos historiadores, das artes e da ciência, como uma das variáveis responsáveis pelo Renascimento europeu e pelos embriões que engendraram a modernidade. Sem dúvida, as Cruzadas, favorecendo os deslocamentos pela Europa e colocando esta em contato com o Oriente, trouxeram novas luzes ao pensamento europeu, embotado pelas crenças medievais.



A carreira universitária, surgida ainda na Idade Média, incorporou à sua natureza o deslocamento de docentes entre universidades - entre Bolonha e Paris, entre Pádua e Oxford, entre Coimbra e Salamanca -, possibilitado pelo domínio de uma língua comum, o latim, no caso. O princípio permanece ativo, e certamente bem mais reforçado hoje em dia, expresso pelos doutorados cursados em outros países, pelos estágios de pós-doutorado, pela movimentação de professores visitantes, pelas pesquisas conjuntas, enfim, pelo que o jargão acadêmico designa hoje como “internacionalização da universidade”.

Fala-se que a poesia (e, nas variantes da frase, alude-se ao talento, ao gênio e ao sucesso) resulta de 1% de inspiração e 99% de transpiração. A fórmula, atribuída a tantos autores, tem sua razão de ser. Ela chama a atenção para a fragilidade da crença nas Musas e na inspiração arrebatadora. Como diria Rainer Maria Rilke, em suas *Cartas a um Jovem Poeta*, o primeiro verso, num poema, é um presente de Deus, mas todo o resto depende do próprio poeta e de sua capacidade de enfrentar o trabalho pesado da composição, a lida com o domínio das ferramentas e da técnica. Implica em bom estoque de conhecimento prévio, adquirido no contato com a tradição, e na capacidade de resolver situações não previstas, desafios novos – em suma, na capacidade de inovar.

Que conhecimentos são necessários ao cantador? Como qualquer outra arte da palavra, o cantador precisa ter o que dizer e saber como dizê-lo. Ele precisa ter assunto sobre o qual ver-se-ja (ter *oração*, como diz o jargão do meio) e conhecer a forma com que o expressará. Essa forma lida com ritmo, expresso pela métrica, com musicalidade (sons semelhantes – rimas) e com música mesmo, já que ele canta utilizando várias melodias, próprias de cada estilo (sextilhas, martelo agalopado, mourão voltado, etc.). Como não há escola onde se possa adquirir esse conhecimento, o cantador deve enfrentar o desafio de ser auto-didata. No entanto, sua formação, e o conhecimento dela consequente, não se faz sozinha, mas, muito ao contrário, pressupõe um nível de interação altíssimo, com seus pares, aprendiz que ele é, assim como com outras pessoas não pro-



priamente do meio. No seu aprendizado, a observação é sua mestra maior. Ele se forma observando o trabalho dos mestres, durante o exercício do ofício, discutindo sua percepção da observação e cotejando-a com a dos outros, numa interação crítica pouco comum em outras formações. Em termos mais próprios à pedagogia, diríamos que a formação se dá na permanente interação entre teoria e prática.

Para Aldaci de França, poeta repentista mossoroense na casa dos 40 anos, a formação do cantador tem um forte viés prático. Um cantador se forma *“inicialmente ouvindo boas cantorias e testando sua capacidade poética; cuidando da rima e da métrica, principalmente, e se mantendo sempre atento ao conteúdo”*, diz ele em entrevista ao autor. Há um horizonte de tempo destinado a essa formação. *“Para tornar-se um cantador que domina as principais formas poéticas e modalidades da cantoria, é necessário um tempo de pelo menos cinco anos. Se nesse tempo o aprendiz não adquirir a formação de cantador, ele pode tirar o “cavalo da chuva” e procurar se especializar noutra atividade”*, afirma Aldaci.

O cantador chama de *oração* o discurso contido na estrofe. Ter *“boa oração”* é seguir, no que se declara, o rigor da lógica, salpicando com profundidade, graça e novidade aquilo que se diz. Zé Limeira, exemplo clássico, real ou fictício, do cantador de cantoria sem norte, *“sem pé nem cabeça”*, do discurso surrealista e sem lógica, só é apreciado pelo humor que consegue com as suas *“doidices”*. A tradição neste campo exige o pensamento claro, inequívoco, bem arrumado.

O conteúdo da *oração* é conseguido no estudo dos livros, abrangendo um espectro de assuntos bastante amplo: geografia, história, literatura, política, economia, vida sertaneja (costumes do sertão – sociologia e antropologia sertanejas), fauna e flora do sertão (botânica, zoologia), medicina popular... A forma ele aprimora pelo conhecimento da técnica do verso (metrificação, rima); pela lapidação do canto (trabalho vocal) e pelo domínio do instrumento (viola). O trato social, resultante do contato com as pessoas, da convivência com muitos tipos de personalidade e com muitas situações sociais e condições



de vida, acrescenta-lhe também um conhecimento bastante útil. Em suma, a unidade de trabalho do cantador é o verso. Este, para merecer atenção e - suprema aprovação! - ser lembrado, precisa apresentar algumas características singulares e o cantador, para alcançá-las, precisa desenvolver alguns atributos, saber como vestir o verso. ser aprumado no que declara. O cantador, para primar pela oração, carece das informações que possam recheá-la, precisa da presença de espírito que alimenta o repente, do lirismo que adoça o verso, do conhecimento da toada, que o amacia, da voz, que a conduz.

‘Que modelo de cantador é acalentado por essa comunidade? Aldaci de França considera que *“o cantador preparado é aquele que tem uma visão ampla e segura sobre as mais diversas temáticas propostas na cantoria. É importante que ele tenha um baião ritmado, que comunique bem o que canta e, sobretudo, que tenha capricho na construção das estrofes, elaboradas no momento. Que sempre se atualize em relação às novas modalidades da cantoria e às temáticas do cotidiano”*.

O aprendizado requer esforço individual, investido na observação dos pares e mestres, nas conversas e debates, onde são comuns os choques de opinião e a crítica, não raro, contundente. O aprendizado da versificação e a aquisição da técnica advêm de dedicado exercício individual. Não há escola que ensine. Noel Rosa sabia disso: *“Ninguém aprende samba no colégio”*, diz o verso famoso da canção *Feitio de oração*. Ninguém aprende poesia na escola.

Alguém já disse – um romancista, com toda certeza – que o ambiente ideal para a criação literária seria a junção de uma ilha deserta, onde se viveria durante o dia, com um bordel, onde se passaria a noite. A concentração que o exercício de criação requer seria dada pela ilha deserta; e a alimentação de vida, em toda sua diversidade, de fraquezas e heroísmos, de voos e rastejos, de luminosidades e escuridões, seria possível de ser obtida no bordel. Esta receita, porém, não é completa, pois esquece um dado essencial à criação, que é a reflexão sobre ela. Esta reflexão faz-se pela análise das obras, pelo cotejamento de modelos, e este não é um exercício solitário. A re-

flexão faz-se melhor no debate, ela exige a participação dos outros, ela é comunhão.

É com este sentido que Paulo Freire afirma que “ninguém educa ninguém; os homens se educam em comunhão”. Uma comunidade de cientistas ou de artistas se auto-educa, num certo sentido, uma vez que a troca de saberes é intensa entre os interlocutores. Mas a interlocução tem suas pré-condições: primeiro que tudo, é necessário uma linguagem comum – sem conhecimento da linguagem não há comunicação de pensamento, lembramos aqui o óbvio; em segundo lugar, é preciso que a interlocução esteja ligada a um objetivo, a uma intenção partilhada pelos interlocutores; e, em terceiro, que exista a disposição para buscar conjuntamente respostas, para expandir o conhecimento existente. Em suma, é necessário que se deseje o diálogo e que se acredite nele.

A ideia acima pode ser traduzida pela expressão “comunidade de pares”. A comunidade dos cientistas, com seus institutos de pesquisa, seus congressos periódicos, suas revistas e seus comitês editoriais, é o exemplo mais acabado dessa comunidade de pares. Nesses espaços, geográficos e institucionais, o diálogo é intenso, a crítica é corrente.

O cantador também pertence a uma comunidade de pares e nela se movimenta. Essa comunidade, no caso específico, tem duas funções: a de melhorar a performance do cantador profissionalizado e a de receber aprendizes e de ajudá-los na sua formação. O Bar Tamandaré, localizado em frente à fachada norte do Mercado Público, entre meados da década de 1970 até meados dos anos 1980, foi, em Mossoró, o ponto geográfico de encontro dessa comunidade. O proprietário, seu Laurindo, não era poeta, mas um “apologista”, designação dada pelos cantadores àqueles fãs do gênero, conhecedores da história e da técnica do verso de improviso. O estilo do bar, muito simples, lembrava uma bodega tradicional, com um balcão de madeira separando o salão de poucas mesas do ambiente onde estavam as prateleiras e a pequena cozinha.



Durante pelo menos uma década, ele reuniu diariamente um grande número de cantadores e aprendizes, onde se misturavam os residentes em Mossoró e os de passagem pela cidade, além dos apreciadores de cantoria. A proximidade com o Mercado Público e com a Rádio Rural reforçava sua função e acentuava o fluxo. Numa época sem supermercados, o Mercado Público concentrava boa parte do comércio de Mossoró e da região, logo, era ponto de atração para muita gente; numa época de raros telefones e de poucos automóveis, a Rádio Rural era o grande veículo de comunicação, em sentido estrito, da Região Oeste, sobretudo de sua zona rural, além de importante difusora da cultura nordestina, pelos programas que abrigava em sua grade. As secções de Notas e Avisos, depois do meio-dia, e depois das 6:00 da tarde, no programa *A Hora da Coalhada*, faziam as vezes de um correio popular, transmitindo os comunicados particulares de um lugar para outro, aqueles que não mereciam uma carta e que não tinham natureza sigilosa e reservada. Além disso, e em decorrência disso, estes dois espaços, Rádio Rural e Bar Tamandaré, eram local de acertos de cantoria e ponto de comercialização, diretamente com os poetas, de folhetos, livros e discos.

Profissionais em pleno exercício da profissão, frequentaram o Bar Tamandaré os cantadores Eliseu Ventania, Onésimo Maia, Luiz Antônio, Chico Pedra, Domingos Tomás, Luiz Campos, Nestor Bandeira, Manoel Calixto e muitos outros. Na lembrança de Aldaci de França, cantador e professor de Arte, que o frequentou como jovem aprendiz, *“o bar tinha como cardápio de cada dia a conversa sobre poesia, a declamação de estrofes admiráveis e a realização de rodas de glosas, jogo entre os poetas em que um deles dá um mote e as estrofes vão sendo construídas no improviso com a participação de todos. Tudo isso proporcionava o despertar de novos talentos para a cantoria”*. A glosa, improvisada coletivamente, era um exercício para o treino da agilidade mental, da conexão com o cotidiano e da capacidade de improvisação, pelo menos.

Edísio Calixto, Francisco de Assis, Antônio Lisboa, Damião da Silva, Crispiniano Neto, Antônio Francisco, além de Aldaci de

França, foram alguns dos cantadores em formação, aprendizes das sutilezas do verso e da cantoria, que frequentaram o Bar Tamandaré.

Não é sem razão que ele se localizava em frente ao Mercado Público. As necessidades do corpo não estão muito distantes das necessidades da alma. Onde a economia instala suas rodas aí também se instalam as investidas da arte. Em Recife, em torno do Mercado São José, também se distribui uma rede de pequenos espaços onde os prazeres da carne misturam-se aos prazeres do espírito. Ou seja, é a vida mesmo que aí floresce, com todos os seus modelos, de gente e de atividades.

Os cantadores que, no finalzinho da década de 1970, circulavam pela Casa do Cantador de Mossoró e pelo Bar Tamandaré dividiam seu tempo assistindo cantorias à noite e debatendo-as pela manhã. A Casa do Cantador fornecia-lhes a segurança da hospedagem, o Bar Tamandaré, o ambiente prazeroso de discussão. Durante a *“cantoria de pé de parede”*, o aprendiz observava o desempenho de profissionais e podia, algumas vezes, também cantar, para ir se acostumando à apresentação em público. O debate na manhã seguinte, no Bar Tamandaré, girava em torno da teoria do improviso, do desempenho dos cantadores, da qualidade dos motes e temas dados, do comportamento do público e outros assuntos gerais. Enfim, a prática da noite anterior era submetida à análise detalhada. A tarde livre esse aprendiz podia dedicar à leitura de livros, incluindo entre eles muitos didáticos.

O ambiente do Bar Tamandaré, sem abusar da comparação, reproduzia em certo sentido a Ágora ateniense, no que tange à simetria das participações e ao calor do debate, e as Termas romanas, no que tinha de camaradagem e de paixão pela discussão intelectual. Algo similar pode também ser encontrado nos bares em torno das redações dos jornais, até, talvez, a década de 1960, quando essas, e os bares do entorno, completavam a formação em jornalismo que autodidatas e jovens intelectuais provenientes de outras áreas careciam. Gabriel García Márquez fala de sua formação de jornalista e



escritor no livro *Viver para Contar* e nela o bar tem sua importância.

Sem dúvida, o Bar Tamandaré funcionava como uma academia de cultura popular. As academias, de arte ou de ciência, são lugares onde os pares se reúnem para debater. Anima essas pessoas a paixão por uma prática social (pesquisa científica, criação literária, execução artística). Nele se reunia a nata da cantoria popular de Mossoró e da região, os apreciadores de cantoria (*apologistas*, no jargão da área) e jovens aprendizes.

O bar também patrocinava, num sentido lato, um noviciado artístico, aproximando os aprendizes dos mestres e os introduzindo na reflexão sobre a versificação, o improviso e o ambiente de cantoria. Enfim, ele abrigava uma “*vadiagem festiva*”, na expressão de De Masi (2003, p. 223), que pode ser entendida como a distensão do espírito encontrada na boemia, no ócio, a qual, fermentada pelos estímulos intelectuais do ambiente, transforma-se em “*ócio criativo*”, estado proveniente do balanço entre trabalho e divertimento, farra e cultivo do intelecto. Na convivência de pares, sem o viés de gueto ou de seita, mas de celebração de uma identidade, a “*conversa jogada fora*” passeia pela análise de modelos, pela crítica e pela narração e rememoração de fatos que tecem uma história. Assim como a brincadeira, e toda a esfera do lúdico, sabe-se hoje, é parte constituinte do universo infantil e é caminho para o aprendizado, assim também a “*conversa jogada fora*”, com seu quê de ludicidade, é alimento da criatividade. É ócio que, vibrado nas cordas desse ambiente, produz coisas novas e melhorias no que se repete.

A competição, outro elemento frequentemente presente nos ambientes criativos, também dava o tom das relações entre os frequentadores do Bar Tamandaré. Uma camaradagem crítica apimentava as relações. Diferente da maledicência, esse tipo de camaradagem era livre para formular críticas, expressas sem nenhum subterfúgio, *na cara*, em geral revestidas de muita ironia.

Naquele meio, a crítica, também partilhada pelos apologistas, cobra, elogia, distingue o bom do mau poeta, o que segue as regras

e o que delas se desvia. Ela identifica o verso que se sobressai pela beleza da oração, pela riqueza de conhecimentos, pela cadência do ritmo, pela qualidade das imagens, pela velocidade do improviso, pelo brilho do desafio. O *balaio*, substantivo que no jargão do meio designa o verso decorado, a estrofe previamente feita, burlando o improviso, é fortemente condenado, assim como a apelação a termos chulos.

O aprendizado conjunto é mais efetivo. E ele ocorre com mais intensidade quando contamos com parceiros com quem simpatizamos e de quem admiramos o saber. Quer num contexto informal, como este de que vimos tratando, quer num contexto formal, como o da escola, a admiração mútua é fundamental numa relação de aprendizagem. Se o professor admira o aluno, por sua dedicação, inteligência e bons modos, por exemplo, e se o aluno admira o professor, por seu saber e paciência, um clima de simpatia mútua se instala, facilitando o aprendizado. Esse clima dá outra dimensão às críticas, necessárias à construção do conhecimento, tornando-as toleráveis. Simpatia e admiração, ingredientes de uma relação de prazer, são sentimentos subjetivos. E o aprendizado e sua expansão dependem talvez em maior grau dessa subjetividade do que de condições objetivas. O Bar Tamandaré não tinha o *glamour* de um bar da moda. Mas a atmosfera que se criava nele fazia-o um centro de excelência na formação de cantadores de viola.



Bibliografia

DE MASI, Domenico (org.) **A emoção e a regra**; os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

DE MASI, Domenico. **Criatividade e Grupos Criativos**. Sextante: Rio de Janeiro, 2003. 795 p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MARQUEZ, Gabriel García. *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Record, 2003

AÉCIO CANDIDO é poeta e escritor, professor aposentado da UERN. Autor de “Tempos do Verbo” e outros livros. Ex-presidente do Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP), atua na gestão da Fundação José Augusto.



OS IMORTAIS DA TERRA DOS CANAVIAIS

Carlos Roberto de Miranda Gomes



Levado pela amizade, fui honrado pelo convite do amigo Pedro Simões Neto - figura sempre presente nos movimentos culturais do Estado do Rio Grande do Norte e, particularmente, da Terra dos Canaviais, onde viveu grande parte da sua existência e de onde recebeu as influências dos Mestres da Cultura de Ceará Mirim - para colaborar na elaboração do Estatuto da ACLA – ACADEMIA CEARÁ-MIRINENSE DE LETRAS E ARTES, um sonho sonhado por alguns amantes da Terra dos Canaviais, tais como Bartolomeu Correia de Melo, Ciro José Tavares da Silva, Francisco de Assis Rodrigues, Franklin Marinho de Queiroz, Gibson Machado Alves, Janilson Dias de Oliveira, José de Anchieta Cavalcanti, Lúcia Helena Pereira, Maria Leonor Assunção



Soares Câmara e Ormuz Barbalho Simonetti que, juntos puderam dar continuidade à ideia numa assembleia de fundação ocorrida no escritório do idealizador no dia **18 de novembro de 2010**, ocasião em que foi discutido e aprovado o anteprojeto do estatuto da ACLA, sugestão do brasão, o lema da academia “Quaere Scientiam a Cunie ad Sepulcrum” (Procurar o saber do berço até o túmulo), os patronos e os acadêmicos.

Inicialmente foram escolhidos 24 (vinte e quatro) nomes para serem os Patronos da Academia, distribuídos em 24 (vinte e quatro) cadeiras, cujos primeiros ocupantes, fundadores, foram: Bartolomeu Correia de Melo, Caio César Cruz de Azevedo, Ciro José Tavares da Silva, Clea Bezerra de Mello Centeno, Francisco de Assis Rodrigues, Franklin Marinho Barbosa de Queiroz, Gibson Machado Alves, Janilson Dias de Oliveira, José de Anchieta Cavalcanti, Lúcia Helena Pereira, Maria Leonor Assunção Soares Câmara, Ormuz Barbalho Simonetti, Pedro Simões Neto e Sayonara Montenegro Rodrigues.

Tudo regularizado, com Ata arquivada no Livro “A” do 3º Ofício de Notas, privativo do registro de Pessoas Jurídicas da Comarca de Ceará Mirim, sob o nº 556, às fls. 320v/322, proclamando a citada data daquela reunião como historicamente a da fundação, complementada com o registro de seu Estatuto no já referido 3º Ofício de Registro de Pessoas Jurídicas da Comarca de Ceará-Mirim/RN, ocorrido em 27 de junho de 2011, em averbação à margem do mesmo registro da Ata de fundação referida no *caput*.

Em pleno trabalho para superar a burocracia, veio então o primeiro impacto: morre Bartolomeu Correia de Melo, o parceiro dos primeiros momentos, que por ironia costumava dizer: “eu estou mais para Patrono do que para Acadêmico”. Mesmo atônitos com o infausto acontecimento, o trabalho continuou com os remanescentes, porém forçando uma modificação: colocar o amigo Bartola como um dos Patronos da Academia, ampliando o número de cadeiras para 25; posteriormente acrescentaram-se mais três ilustres Ceará-mirinsenses: Rui Antunes Pereira, Roberto Pereira Varela e Etevaldo Santiago, totalizando assim 28 (vinte e oito) cadeiras, preenchidas com a admis-



são de Aécio Augusto Emerenciano, Leda Marinho Varela da Costa, Múcio Vicente de Oliveira e Roberto Brandão Furtado.

A instalação ocorreu com uma bela solenidade, realizada na Estação Cultural Prefeito Roberto Varela, com a presença da sociedade ceará-mirinese e de muitos convidados de outras Comunas, registrando-se a Academia de Letras Jurídicas - ALEJURN, Academia Macaibense de Letras e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, além de Instituições e Sociedades Culturais da terra potiguar, ocasião em que foram entregues títulos de sócios honorários.

Fomos em um ônibus onde a poesia nos acompanhou durante toda a viagem, tanto na ida quanto na volta. Foi um instante ímpar de confraternização dos intelectuais potiguares.

Com isso, o poeta Pedro Simões concluíra o seu poema maior em tempo recorde. Ele tinha pressa, e ninguém sabia o porquê.

Forçado por problemas de saúde, Pedro afastou-se da cabeça da academia no dia 8 de dezembro de 2011 (dia da padroeira de Ceará-Mirim), sendo hospitalizado para a realização de uma pequena cirurgia que, após severas complicações, o levou para sua última viagem, em 1º de fevereiro de 2013, depois de 14 meses de internação hospitalar, mas o clima da novel Entidade permanecia.

Escreveram seus companheiros que a sua irmã Joventina assim se expressou sobre Pedro: “o pássaro, sonhador de belos sonhos, voou rumo a outros planos, onde deve estar desenvolvendo trabalhos igualmente importantes. Mas se foi com a consciência tranquila do dever cumprido: o seu sonho maior de fazer retornar a cultura a sua cidade querida – o Ceará-Mirim – fora realizado”.

Em 14 de junho de 2013 os imortais remanescentes reiniciaram as atividades daquela Casa de Cultura, numa assembleia geral ordinária realizada na Câmara Municipal de Ceará-Mirim, com a eleição regulamentar e posse de novos dirigentes para o biênio 2013/2015, contando com os acadêmicos: Presidente: Emmanuel Cristóvão de Oliveira Cavalcanti; Vice-Presidente: Ciro José Tavares



da Silva; Secretária: Sayonara Montenegro Rodrigues e Tesoureiro: Franklin Marinho Barbosa de Queiroz.

Após a posse dos eleitos, foram apresentadas proposições diversas, entre as quais, a do Acadêmico Ciro José Tavares da Silva, sugerindo que o sócio falecido, Pedro Simões Neto, fosse alçado à condição de Patrono da Academia que, via de consequência, passaria a ter a denominação de “Academia Ceará-mirinese de Letras e Artes Pedro Simões Neto”, bem como a substituição do patrono inicialmente indicado para a cadeira 13 (Herculano Bandeira de Melo), que era desconhecido seu relacionamento com Ceará-Mirim, sendo substituído por Pedro Simões Neto. As proposições foram aprovadas à unanimidade dos presentes.

Ainda por proposição do Acadêmico Ciro José Tavares da Silva, foi apresentado o nome da Advogada Joventina Simões Oliveira, para ocupar a cadeira 20, que tem como Patrono Meira e Sá, antes ocupada pelo hoje Patrono da Academia, o seu irmão Pedro Simões Neto. A proposição também foi acatada pela unanimidade dos Acadêmicos, presentes à Assembleia Geral.

No correr das novas gestões foram admitidos novos associados: em 12/09/2013, os sócios Maria Heloisa Brandão Varela, Jeanne de Araujo Silva, Joana d’Arc Arruda Câmara, Maria da Conceição Cruz Spineli e Maria das Graças Barbalho Bezerra Teixeira; em 10/02/2015, o sócio Ricardo de Moura Sobral; em 04 de março de 2015, em Assembleia Geral Ordinária, no Conselho Estadual de Cultura, foi realizada a eleição regulamentar da nova Diretoria, que iria dirigir a ACLA durante o biênio 2015/2017, assim constituída: Presidente: Joventina Simões Oliveira; Vice Presidente: Sayonara Montenegro Rodrigues; Primeiro Secretário: Maria das Graças Barbalho Bezerra Teixeira; Segundo Secretário: Caio César Cruz Azevedo; Primeiro Tesoureiro: Franklin Marinho Barbosa de Queiroz; Segundo Tesoureiro: Gibson Barbosa Alves.

Ficou decidida uma reformulação estatutária, com o acréscimo de mais dois Patronos: Percílio Alves de Oliveira e Inácio

Cavalcanti de Albuquerque, perfazendo então, um total de 30 (trinta) Cadeiras.

No dia 20 de abril de 2015, em Assembleia Geral, realizada em Natal, no Conselho Estadual de Cultura, foram eleitos, mais três acadêmicos, entre os vários inscritos, para preenchimento de vagas, nas pessoas de Gerinaldo Moura da Silva, Gustavo Leite Sobral e José Eduardo Vilar Cunha.

Na ausência de cláusula impeditiva no Estatuto Social, e após consulta formulada ao jurista e sócio honorário da ACLA, Carlos Roberto de Miranda Gomes, os Acadêmicos Emmanuel Cristóvão de Oliveira Cavalcanti, Joventina Simões Oliveira e Ricardo de Moura Sobral pleitearam o remanejamento de suas Cadeiras, em razão da inclusão dos nomes dos novos Patronos, sendo o pleito aprovado à unanimidade dos presentes.

Outra vez a fatalidade bate às portas da Academia quando, em 11/07/2016, falece a poeta fundadora Lúcia Helena Pereira, deixando vaga a Cadeira nº 04, que tem como Patrono Maria Magdalena Antunes Pereira. Logo em seguida, também faz a viagem para a eternidade o acadêmico José Eduardo Villar Cunha, em 11/09/2016, deixando vaga a Cadeira nº 06, que tem como Patrono José Augusto Meira Dantas.

Para o preenchimento das vagas, em 15/09/2016, foram aprovados os nomes de Bianca di Angeli Carreras Simões, Iran Rodrigues Costa e Francisco Martins Alves Neto, nas Cadeiras 13, 18 e 24, respectivamente, que ainda não haviam sido preenchidas.

Numa nova Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 26/01/2017, na Biblioteca Pública Municipal Dr. José Pacheco Dantas, ocorreu a eleição regulamentar da nova Diretoria para o biênio 2017/2019, sendo eleitos os seguintes acadêmicos: Presidente: Joventina Simões Oliveira; Vice Presidente: Gerinaldo Moura da Silva; Primeiro Secretário: Maria das Graças Barbalho Bezerra Teixeira; Segundo Secretário: Maria Leonor Assunção Soares Dantas; Primeiro Tesoureiro: Joana d'Arc Arruda Câmara, e Segundo Tesoureiro: Gibson Barbosa Alves.



Em 18/09/2017, em Assembleia Geral Extraordinária, realizada em Natal, no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, foi realizada a votação para escolha de dois nomes, entre os vários inscritos, a fim de preencherem as duas vagas remanescentes em aberto, sendo eleitos os escritores André Felipe Pignataro Furtado de Mendonça e Menezes e Francisca Maria Bezerra Lopes. Na mesma AGE, por proposição das Acadêmicas Maria da Conceição Cruz Spineli e Joana d’Arc Arruda Câmara, foram criadas mais duas Cadeiras, sob o patronato da poeta Lúcia Helena Pereira, Cadeira 31 e a Cadeira 32, sob o patronato do músico José Luiz.

A novel academia vê-se, outra vez, com desfalque em seus quadros, posto que em 27/12/2017 faleceu o Acadêmico Ciro José Tavares, um dos entusiastas da ACLA e, no ano seguinte, em 04/03/2018, faleceu a Acadêmica Clea Bezerra de Melo Centeno.

Atualmente estão vagas as Cadeiras números 02, 05, 31 e 32.

Enfim, sequenciando o funcionamento regular da Entidade, em data de 20 de novembro de 2018 foi realizada nova Assembleia Geral Ordinária para a eleição da Diretoria para o biênio 2019/2021, na sede da ACLA da Praça Odilon Ribeiro Coutinho, em Ceará-Mirim, com a escolha dos acadêmicos Presidente: André Felipe Pignataro Furtado de Mendonça e Menezes; Vice Presidente: Joventina Simões Oliveira; Primeiro Secretário: Francisca Maria Bezerra Lopes; Segundo Secretário: Francisco Martins Alves Neto; Primeiro Tesoureiro: Joana d’Arc Arruda Câmara; e Segundo Tesoureiro: Bianca di Angeli Carreras Simões.

COMPOSIÇÃO ATUAL DA ACADEMIA

Em consequência de todas as modificações referidas anteriormente, a Academia Ceará-mirinese de Letras e Artes “Pedro Simões Neto” – ACLA, hoje tem a seguinte composição:

PATRONOS E SÓCIOS EFETIVOS

Cadeira nº 1 - Patrono - Nilo de Oliveira Pereira - Ocupante - Caio César Cruz Azevedo

Cadeira nº 2 - Patrono - Edgar Ferreira Barbosa - Ocupante –VAGA.

Cadeira nº 3 - Patrono - Juvenal Antunes de Oliveira - Ocupante - Paulo de Tarso Correia de Melo

Cadeira nº 4 - Patrono - Maria Madalena Antunes Pereira - Ocupante –Francisca Maria Bezerra Lopes

Cadeira nº 5 - Patrono - Adele Sobral de Oliveira - Ocupante –VAGA.

Cadeira nº 6 - Patrono – José Augusto Meira Dantas - Ocupante – André Felipe Pignataro Furtado de Mendonça e Menezes

Cadeira nº 7 - Patrono - Rodolfo Augusto de Amorim Garcia - Ocupante -Roberto Brandão Furtado

Cadeira nº 8 - Patrono - Júlio Gomes de Senna - Ocupante - Gibson Machado Alves

Cadeira nº 9 - Patrono - Inácio Meira Pires - Ocupante -Múcio Vicente de Oliveira

Cadeira nº 10 - Patrono - Jayme Adour da Câmara - Ocupante – Leda Marinho Varela da Costa

Cadeira nº 11- Patrono - Padre Jorge O’Grady de Paiva - Ocupante - José de Anchieta Cavalcanti

Cadeira nº 12 - Patrono - Elviro Carrilho da Fonseca - Ocupante –Aécio Augusto Emerenciano

Cadeira nº 13 - Patrono – Pedro Simões Neto - Ocupante –Bianca di Angeli Carreras Simões

Cadeira nº 14 - Patrono - José Emídio Rodrigues Galhardo - Ocupante - Janilson Dias de Oliveira

Cadeira nº 15 - Patrono - José Alcino Carneiro dos Anjos - Ocupante –Jeanne de Araujo Silva

Cadeira nº 16 - Patrono - Francisco Fernandes Sobral - Ocupante –Ricardo de Moura Sobral



Cadeira nº 17 - Patrono - Etelvina Antunes Lemos - Ocupante - Sayonara Montenegro Rodrigues

Cadeira nº 18 - Patrono - Antônio Glicério - Ocupante –Francisco Martins Alves Neto

Cadeira nº 19 - Patrono - Maria Dolores Bezerra Cavalcanti - Ocupante –Maria da Conceição Cruz Spinelli

Cadeira nº 20 - Patrono - Francisco de Salles Meira e Sá - Ocupante –Gustavo Leite Sobral

Cadeira nº 21 – Patrono - Ana Augusta da Fonseca Cabral (Anete Varela) - Ocupante –Gerinaldo Moura da Silva

Cadeira nº 22 - Patrono - Rafael Fernandes Sobral - Ocupante - Franklin Marinho Barbosa de Queiroz

Cadeira nº 23 - Patrono - José Pacheco Dantas - Ocupante - Maria Leonor Assunção Soares Câmara

Cadeira nº 24 - Patrono - Etevaldo Cruz Santiago - Ocupante –Iran Rodrigues Costa

Cadeira nº 25 - Patrono - Bartolomeu Correia de Melo - Ocupante - Ormuz Barbalho Simonetti

Cadeira nº 26 - Patrono - Roberto Pereira Varela - Ocupante – Maria das Graças Barbalho Bezerra Teixeira

Cadeira nº 27 - Patrono - Ruy Antunes Pereira - Ocupante –Maria Heloisa Brandão Varela

Cadeira nº 28 - Patrono - Manuel Fabrício de Souza (Amarildo) - Ocupante – Joana D’Arc Arruda Câmara

Cadeira nº 29 - Patrono – Percílio Alves de Oliveira - Ocupante – Joventina Simões Oliveira

Cadeira nº 30 - Patrono – Inácio Cavalcanti de Albuquerque - Ocupante – Emmanuel Cristóvão de Oliveira Cavalcanti

Cadeira nº 31 - Patrono – Lúcia Helena Pereira - Ocupante – VAGA

Cadeira nº 32 - Patrono – José Luiz da Silva - Ocupante – VAGA



SÓCIOS HONORÁRIOS

Armando Roberto Holanda Leite
Carlos Roberto de Miranda Gomes
Diógenes da Cunha Lima Filho
Eduardo Antônio Gosson
Iaperi Soares de Araújo
Inácio Magalhães de Sena
José Antônio Spineli Lindozo
Jurandyr Navarro da Costa
Manoel Onofre de Souza Júnior
Olímpio Maciel
Roberto Lima de Souza
Valério Alfredo Mesquita
Vicente Alberto Serejo Gomes

SÓCIOS BENEMÉRITOS

Bianor Francisco Filho
Jailza Lopes Ricardo Simões
Maria da Conceição Mendes Paiva

SÓCIOS CORRESPONDENTES

Hamilton de Sá Dantas – em Brasília, DF
José Fernandes Senna –no Rio de Janeiro, RJ
Maria Alice de Oliveira Brandão –em São Paulo, SP
Maria da Conceição Câmara Taquelin – em Portugal.

Ao registrar a história da ACLA “PSN”, impossível esquecer o seu idealizador, homem constante, presente, fiel e competente, Pedro soube fazer a intriga do bem e colheu uma gama incomensurável de amigos.



Foi meu companheiro em inúmeras jornadas na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Rio Grande do Norte e comigo compartilhou projetos e programas, como a criação do IBTJ – Instituto Brasileiro de Tecnologia Jurídica, que foi responsável pelo primeiro curso de noções de direito para leigos, com absoluto sucesso, chegando a diplomar a 1ª Turma na sede da OAB. Reativou o Instituto dos Advogados do Rio Grande do Norte e plantou muitas sementes.

A ACLA “PSN” já editou a sua primeira revista em outubro de 2017 e outras, certamente, irão acontecer, tornando perene a sua história e inesquecíveis os seus imortais.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é escritor e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e outras instituições.

QUANDO O JORNALISMO TRANSCENDE OBELISCO DA PRAÇA

Eliabe Alves

A Vila de Currais Novos, no alto sertão do Seridó potiguar, nos últimos decênios do século XIX e princípio do século XX, apesar de suas poucas ruas e avenidas, do entorno da igreja de Sant'Ana, vivia a expansão urbana e comercial, fncada na opulência econômica, gerada pela produção do algodão.

Nesse contexto de metamorfoses, foi fundamental a intervenção de um jovem intelectual, que certamente, foi tocado no centro de Natal ou do Recife, pelos impacto das folhas do dia, com notícias anunciadas pelas vozes estridentes dos pequenos jornalheiros, em horas matutinas ou vespertinas. Ulysses Telêmaco, esse era o seu nome, figura humana que se tornou essencial no contexto em que viveu, pois já naquela época, por meio da tinta impressa nos jornais, propagava o ideário do progresso, refletido no cotidiano de uma Currais Novos pós-escravista, diretamente, influenciada pela religiosidade e o domínio do Partido Republicano Federal, comandado no Rio Grande do Norte, pela chamada oligarquia “Albuquerque Maranhão”.

Monsenhor Ausônio Tércio de Araújo, 83 anos, neto do Jornalista Ulysses, mesmo se revelando simpático à Monarquia, expôs o fervor republicano no qual sua família estava imersa. “Meus antepassados, eram ardorosos defensores da República, hoje a derrocada desse sistema, nos mostra que não é uma ideologia política boa. Por outro lado, se observarmos com atenção, as nações mais prósperas são do planeta monarquistas”, disse.

Origem rural

O curraisnovense Ulysses Telêmaco de Araújo Galvão nasceu na fazenda São Bento, em 03 de março de 1872, é décimo quinto



filho do Coronel Laurentino Bezerra de Medeiros Galvão (1833-1898) e Thereza Aureliana de Jesus (1835-1880), mesmo sem presumir das letras, o destino brilhante do filho, seus progenitores como título de batismo, para assentar no menino sertanejo, puseram emblema inspirado no poema épico do século IX a.c. do poeta grego Homero, que narra as aventuras do herói Ulysses.

À época de Ulysses, em razão das precárias condições de saúde, mesmo em família com melhores condições financeiras, o índice de mortalidade infantil era altíssimo, isso explica, o motivo de apenas 6, dos 16 filhos do Coronel Laurentino ter atingido a idade adulta; os que sobreviveram, foram alfabetizados por professores particulares e passaram a infância no cenário bucólico da fazenda paterna, sendo que as meninas, em meio às atividades domésticas e os meninos, entre eles: Antônio Florêncio e Ulysses, conheceram as lidas do pai, administrando os rebanhos entre invernações, períodos de estiagens e fabricações de farinha de mandioca na Serra de Santana.

Política na família

Como o Cel. Laurentino, não se limitava ao agronegócio, envolvia-se também na vida social e política da Vila, exercendo as funções de Juiz de Paz, presidente do partido Liberal e Comissão Libertadora curraisnovense, que reunia abolicionistas locais. Entre (1886-1887), exerceu o mandato de deputado provincial e em 1891, torna-se o primeiro intendente Municipal de Currais Novos e, nesta função, conforme Decreto Nº 01, de 10 de março do mesmo ano, providenciou a demarcação do município e publicou o primeiro Código de Posturas Municipal.

O então adolescente Ulysses, às voltas com execução política do Cel. Laurentino, torna-se secretário da Intendência Municipal, responsável por organizar toda a demanda burocrática, neste interím, começa a ter acesso a publicações da imprensa caicoense e natalense; depois que o pai sai da intendência, são desse período, os arquivos com relatórios redigidos por Ulysses, nos quais, há informações detalhadas da divisão da Serra de Santana, com consequen-

tes “dízimos” da produção, cobrados pela Intendência, aos colonos que trabalhavam na zona de plantar e fazendeiros da zona criar.

Em 1892, Ulysses Telêmaco servia de Secretário da Intendência da Villa de Curraes-Novos, a pedido do Sr. Alfredo de Moreira Pinto, faz uma breve descrição, dos aspectos históricos da recém-criada vila, que tinha por finalidade angariar informações para a publicação do “Dicionário Geographico do Brazil”. Em seu título XXII, registrado no livro de Expediente Municipal da Villa de Curraes Novos (1891-1896).

Início na imprensa

No começo da fase como funcionário público, Ulysses inicia suas colaborações no jornal “A Republica”, órgão oficial da agremiação partidária, fundado por Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e, com a qual o Coronel Laurentino mantinha acentuadas ligações políticas e, que, grosso modo, serviu à oligarquia como tribuna midiática. No “Diário de Natal”, primeiro periódico diário da capital papa jerimum, criado e dirigido pelo jornalista Elias Antônio Ferreira Souto, o jovem intelectual de Currais Novos, também atuou como correspondente de notícias seridoenses.

Não consegui ter acesso a documentos, que comprovem que Ulysses deu continuidade aos estudos formais na Escola de Latim de Caicó/RN, Ateneu Norte-rio-Grandense ou no Recife/RN, locais de tradicionais instituições de ensino da época. Por outro lado, suas leituras, somada ao exercício constante da escrita, o tornaram um jornalista versátil, comprovadamente criativo, com criações telúricas e líricas, que apresentam riquezas lexicais e densidade estética, em um tempo que os meios de comunicações eram precários.

“Além da inteligência de Ulysses, o que mais me impressiona; é em época, onde tudo era transportado em lombo de animais, sem meio tecnológicos e dificuldade com estradas, ele conseguia ter acesso a muitas publicações importantes de outros estados”, explica Monsenhor Tércio.



Realizando um sonho

Após Ulysses tomar gosto pela imprensa e publicar constantemente seus textos, em outros jornais e almanaques Norte-Rio-Grandenses e até em outros estados brasileiros, surgiu em seu coração de homem de letras e visão empreendedora, o desejo de juntar amigos, para iniciar a imprensa pioneira de sua terra natal, à época utilizando a técnica artesanal de rodar jornais, com composição manual de tipos móveis, letra por letras, paginação e impressão, em tipografia própria, instalada em um sótão dos chamados “quartos do meio”, próximo a sua residência, onde hoje, está situada a Praça Cristo Rei.

“A Voz Potyguar”, este é o nome escolhido, para o veículo de imprensa sonhado, que se torna realidade em 1 de janeiro de 1905, dirigido por Ulysses, com corpo redacional composto por Vivaldo Pereira e Abílio Chacon. Conforme o Desembargador Luís Fernandes historiou em seu livro “A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte”, por meio de pesquisa, que apresenta um recorde de tempo entre (1832-1908), ainda em 1900, quando Ulysses estava com apenas 18 de idade, auxiliado por Abílio Chacon, lança o jornalzinho manuscrito Echo do Norte.

Segundo também narra o Desembargador, na primeira edição do órgão noticioso “A Voz Potyguar”, o redator-chefe já declarava sua profissão de fé, com epígrafe no artigo-programa: O nosso lema, a nossa bandeira de combate será hoje e sempre o amor da pátria e o engrandecimento deste Município. No editorial de número zero, nas palavras “pátria” e “família”, está expressa a natureza positivista e civilismo do ideário do novo jornal.

Jornal próprio

Ainda de acordo com o Desembargador, tendo feito aquisição de um novo prelo no Rio de Janeiro, “A Voz Potyguar” melhorou de formato e, melhorada consideravelmente a impressão, no dia 1º de Julho de 1906 começou a ser publicado apresentando outro *layout*.

Em contraposição à turma liderada por Ulysses, o pesquisador Willian Pinheiro, menciona o surgimento de outro pequeno grupo de jornalistas na cidade, capitaneado por Manoel Tomaz de Araújo, fundador em 10 de maio de 1906, da tipografia e Jornal “O Progresso”. “A grande importância de Manoel Tomaz, está na questão de ter trazido a oposição para a imprensa local, imprimindo o jornal junto com os Salustinos, enquanto que Ulysses também com tipografia própria, publicava “A Voz Potyguar”, junto com Vivaldo Pereira”, pontua.

Manoel Rodrigues de Melo, no “Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte”, destaca o tabloide de Ulysses Telêmaco, que no início, circulava com tiragens semanais, apresentando quatro páginas, depois passou a sair quinzenalmente, com doze páginas apresentando editorial, charadas, artigos e poemas com temáticas que despertavam o interesse municipal, mesmo quando *abordava os assuntos jornalísticos nacionais ou internacionais*.

Na obra “Totoró, Berço de Currais Novos”, publicada em 2008, Joabel Rodrigues, cita com base em texto publicado por Pedro Pereira, em periódico literário rodado em Currais Novos, nos anos 20, mencionando alguns títulos da autoria de Ulysses: *Notícias do território do Brasil, Guerra do Rio da Prata contra o Paraguai, Revolução de 15 de novembro, Elevação de Napoleão Bonaparte, Apogeu e queda de Napoleão, Negócio dos Estados Unidos depois da Revolução e outros*.

Ulysses, imprimiu nas folhas de “A Voz Potyguar”, seu aguçado talento em charadismo, memorialismo, crônica, poesia simbolista. Em 1908, após ter colaborado com a evolução cultural currais-novense e, conseqüentemente, ter consolidado as ideias do Partido Republicano, encerra suas publicações, que já contavam com duração de 3 anos e 163 números rodados. Valendo-se da habilidade jornalística, de sua pena também saíram brilhantes artigos combatendo o fumo, álcool, jogo e analfabetismo. “Ulysses foi em sua época, o mais destacado homem de letras de Currais Novos, jornalista talentoso fundou jornais e revistas”, ressaltou o escritor Celestino Alves, em 1985, no livro “Retoques da História de Currais Novos”.



Conforme o pesquisador e Desembargador Luís Fernandes, na edição de 13 de janeiro de 1905, o jornal “A República”, principal jornal do Estado, faz saudação ao “A Voz Potyguar”, periódico curraisnovense, destacando sua aparição como a representação de “uma grande força de vontade naquela terra sertaneja”.

O idealizador da mídia impressa curraisnovense, Ulysses Telêmaco de Araújo Galvão, que também foi tabelião público e presidente da Irmandade do Coração de Jesus, faleceu precocemente no dia 21 de novembro de 1907, aos 35 anos, depois de ter lutado incansavelmente contra a tuberculose, deixando diversos escritos inéditos, muitos dos quais alguns foram violados, extraviados ou perdidos no tempo. Era casado com Guilhermina Leonísia Araújo, com quem formou família composta pelos filhos: Suzel, Uriel, Francisco Mentor e Ausônio Araújo.

Legado inspirador

Mesmo depois do desaparecimento de Ulysses, fundador e redator principal do “A Voz Potyguar”, a chama da imprensa acesa continuou através de Vivaldo Pereira e Abílio Chacon, que deram continuidade ao jornal. O entusiasmo e as realizações do pioneiro inspiraram os novos veículos de comunicações em chão curraisnovense.

Em meados da segunda década do século passado, na revista literária “Ninho das Letras”, publicação onde o profícuo jornalista Vivaldo Pereira, antigo companheiro de Ulysses, estava instalado, a biografia e imagem do pioneiro voltou a ser revisitada.

Logo na primeira edição, lançada em novembro de 1925, Pedro Pereira publicou artigo em louvor ao saudoso falecido, com foto na página seguinte, com a “Homenagem do Ninho das Letras, Ulysses Telêmaco de Araújo Galvão, de saudosa memória”. No texto da época, o autor denunciou o ostracismo, no qual estava mergulhada a memória ulyssiana: “Foi um grande intelectual, todavia tem sido pouco lembrado nesses últimos tempos, porquanto nem um beco recebeu o seu nome. Quanta ingratidão!” - frisou.

Para sensibilizar os leitores de então, no sentido de aderir à campanha pela elevação do busto de Ulysses, Pedro Pereira, traz a tona de forma enfática, a sua influência na juventude: “Ele inventou, iniciou uma nova ordem de coisas. Criou uma escola em nossa terra que durou longos anos, tendo iniciado na carreira intelectual a mocidade de seu tempo, fundando o jornal epigrafado *A Voz Potyguar*”.

Campanha vitoriosa

Neste periódico, que tinha entre os integrantes de redação: Padre Pedro Paulino, Dr. Tristão Barros, Dr. Tomaz Salustino, Dr. Mariano Coelho, Professor Gilberto Pinheiro, Baldômero Chacon, Pedro Pereira de Araújo e a Professora Olívia Melo, foi realizada uma campanha vitoriosa, pela elevação de monumento, que imortalizaria Ulysses, ao lado da igreja Matriz, local onde havia a residência do jornalista.

Em breve relato, na revista também descreve o acolhimento da campanha: “Folgamos em registrar o grande acolhimento que vem merecendo de nosso povo, a subscrição aberta de nossa campanha, para aquisição de um busto que perpetue a memória, digna, por todos os títulos de nossa admiração, do querido e saudoso filho desta terra (...). Essa homenagem, que é uma das mais justas que se há projetado entre nós”.

Um obelisco, e não o busto, foi erigido em homenagem ao pai da imprensa de Currais Novos, e foi inaugurado em 21 de dezembro de 1928, com as contribuições financeiras de 44 doadores, que aglutinaram somatório final de 5.005.\$00 réis.

ELIABE ALVES é escritor, jornalista e fotógrafo. Colabora com artigos e ensaios em revistas e outras publicações.



AS PALAVRAS ESCREVEM HILDEBERTO

David de Medeiros Leite

Concluo a leitura do livro *As palavras me escrevem* (Ed. Mondrongo, 2019), de Hildeberto Barbosa Filho; ato contínuo, releio-o. Vou ao prefácio, da professora Sandra Luna, e recorro ao texto das “orelhas”, de Gustavo Felicíssimo. Ambos bons, analíticos e ilustrativos. Porém, algo de inquietação permanece em mim. Ah, já sei: preciso comentar com alguém, emulando impressões. Por outro lado, ocorre-me a ideia de resenhar a obra. Tergiverso. O receio, de não a traduzir em poucos parágrafos, pesa na balança da insegurança. Dou de ombros.

Reafirmo, para mim mesmo: Hildeberto é para ser lido e comentado. Até mesmo porque não creio que alguém o leia e permaneça incólume. Detalhe: isso serve para quem é afeito, ou não, às lides poéticas. Hildeberto Barbosa Filho, de forma despretensiosa, escreve para ambos os públicos. Desejam provas? Provas lhes dou: “O poema/ é planície,/ pastoral das letras.// Só me serve à dor/ de estar vivo/ para amar a morte/ como única metáfora.”

Duas estrofes que carregam ensinamentos aos afeitos à poesia, ao tempo que disseminam lirismo àqueles que as leem esporadicamente. E, talvez, o mais importante: Hildeberto ensina sem a enfadonha “bossa” professoral, como também poetisa sem açucarar os versos, como sói fazer aos ávidos por público. Ou seja, faz poesia manejando os instrumentos literários com equilíbrio e madureza.

Um par de páginas à frente, outro “achado” poético para ser sorvido observando ritmo, pausas, rimas, além de nuances implícitos ou explícitos:



“Envelhecer
é saber menos a medida
das coisas,
passar ao largo do oxigênio
e da luz que as tornam vivas
e únicas,
sabendo a vinagre o miolo de toda
sabedoria.”

Outra vertente hildebertiana que requererá redobrada atenção: a proposital dualidade dos temas, onde taciturnidade e exuberância convivem no mesmo verso, deixando que cada um extraia o que melhor lhe aprouver. E vejam que é extremamente tênue a linha que espaça tão díspares sentimentos. Como, também, merece igual observância a própria temática eleita por Hildeberto, deixando sempre a certeza de que ele absorveu o ensinamento drummondiano naquilo de penetrar, surdamente, no reino das palavras, pois “lá estão os poemas que esperam ser escritos”.

Às folhas tantas, o cerne do livro: “Eu escrevo/ ou as palavras me escrevem/ na leveza da tela?// Há tanta luz/ nos versos que me relatam,/ tanto silêncio/ salpicando meu rosto,/ tantos acordes amputados/ na música que me pauta.// Se escrevo, se/ as palavras me escrevem,/ não importa./ Poesia e poema não têm causa/ nem origem nem cor”.

O atilamento de Hildeberto em transpor-se da seara do papel à tela do computador e, desta, transfigurar o incômodo da intensidade da luz em silêncio a salpicar-lhe o rosto, já pagaria qualquer poema. E, se alargarmos um pouco o entendimento, nos será fácil denotar que as palavras lhe servem de espelho, traduzindo-lhe muito mais que a mera imagem, pois alcançam o âmago de sua alma-sentimento.



Gustavo Felicíssimo, em feliz comentário (para não perdermos o trocadilho), diz que esse livro de Hildeberto, composto de 55 poemas, também pode lido como um “poema-livro, como é o ‘Poema-sujo’, de Gullar e o ‘Livro de Silbion’ do Nejar”. Ouso ratificar que a obra de Hildeberto possui essa unicidade temática e exemplífico: quem teve a oportunidade de ler *Nem morrer é remédio: poesia reunida* (Ed. Ideia, 2012), pode muito bem seguir com o (ótimo) *Dançar com facas* (Ed. Mondrongo, 2016) e, na mesma pisada, rumar para *As palavras me escrevem*, pois terá a sensação de percorrer um único livro. Isso para falarmos em poesia.

Em prosa, a obra de Hildeberto é prolífera. Afinal de contas são anos a fio dedicando-se ao “estudo da poesia, da crítica literária, das relações entre jornalismo e literatura e dos gêneros heterodoxos, como diários, memórias, biografias, cartas e confissões”.

As palavras escrevem Hildeberto, e ele faz versos. E declara o porquê de fazê-los:

“Faço versos
como quem nada procura
na escura vertigem
da página em branco.

Faço versos
que não me fazem melhor
nem pior.
Versos que não me dão
qualquer segurança.



Muito menos a esperança
de um dia ser feliz.
Faço versos
para que o silêncio não mastigue
as vogais do meu canto,

ou como quem se encanta
diante do nada, a mais delicada
matéria do poema.”

Por isso, digo-vos: leiam Hildeberto Barbosa Filho. E o façais abertos a aprender com suas admiráveis lições. Lições literárias, lições poéticas, lições de (para a) vida.

DAVID DE MEDEIROS LEITE é poeta, escritor e professor da UERN. Doutor pela Universidade de Salamanca. Autor de “Cartas de Salamanca”, “Ruminar” e outros livros. Membro da Academia Mossoroense de Letras e de outras instituições culturais.



A REPRESENTAÇÃO TRÁGICA E CÔMICA DA MORTE EM *CHÃO DOS SIMPLES*

Sara Costa dos Santos & Denise Coutinho de Souza

INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do XX, a poesia marcava mais presença no Rio Grande do Norte do que a prosa. Nesse período, ainda não havia uma tradição da prosa no estado. Diante disso, houve algumas tentativas de fixação desse gênero literário, de acordo com Rego (2017), como por exemplo a obra *Contos do Agreste*, cujo autor, Kerginaldo Cavalcanti (1895-1984), a publicou em 1914. Em seguida, Luiz Potyguar Fernandes publica *Alma Alegre* em 1915. Porém, Luís da Câmara Cascudo critica esses dois volumes como “fracos e mal observados” em seu primeiro livro de crítica *Alma Patrícia* (1921). Sendo assim, alguns nomes merecem destaque na produção do gênero conto na terra potiguar, como por exemplo Polycarpo Feitosa (1867-1955) que escreveu contos, mas o seu destaque foi no gênero romance; Afonso Bezerra (1907-1930), que teve notoriedade na escrita de contos regionalistas e Manoel Onofre Júnior (1943 -), autor a ser estudado no presente artigo e que possui uma vasta obra, já tendo publicado contos, crônicas e estudos sobre a literatura norte-rio-grandense.

Manoel Onofre Júnior nasceu na cidade de Santana do Matos (RN), em 20 de julho de 1943 e residiu em Martins e em Mossoró, onde realizou os primeiros estudos. É formado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e exerceu o magistério durante alguns anos, quando lecionou a disciplina de História. Entretanto, se fixou na carreira jurídica e aposentou-se como desembargador do Tribunal de Justiça do RN. Manoel Onofre possui uma

vasta obra ensaística publicada, dentre a qual se destacam: *Estudos norte-rio-grandenses* (1978), ganhador do prêmio Câmara Cascudo, de 1975, *Salvados* (1982), *Ficcionistas do Rio Grande do Norte* (1995), e *Guia poético da cidade do Natal* (1984). Em relação a sua produção literária, o autor volta-se para a prosa, mais notadamente o conto e a crônica que possuem caráter demasiadamente regional. Seu primeiro livro nesse viés foi *Serra Nova* (1964), mas foi com *A primeira feira de José* (1973) que se firmou.

Em 1983, Onofre publica a primeira edição do livro *Chão dos Simples*, obra de contos regionalistas e objeto de análise do presente artigo. Neste trabalho, porém, usaremos como bibliografia a terceira edição, de 2014. Em *Chão dos Simples* (2014), o autor traz histórias curtas e cômicas da cidade fictícia de Serra Nova, localizada no interior do Rio Grande do Norte, que parecem ter nascido das narrativas orais, e que envolvem personagens do sertão potiguar com características e personalidades bem marcantes. Segundo o pesquisador Thiago Gonzaga em ensaio publicado na obra em questão (p.17): “*Chão dos Simples* é um livro que desperta a curiosidade e o fascínio do leitor para toda a beleza do sertão nordestino.”

A MORTE NA LITERATURA E EM *CHÃO DOS SIMPLES*

A morte é um tema recorrente na literatura e é representada das mais variadas formas. Na Grécia Antiga, marcou presença em grandes epopeias trágicas como *Édipo Rei*, de Sófocles, e *Iliada*, de Homero. Já no Brasil do século XIX, foi tema central de obras consagradas como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Esses são apenas alguns exemplos de obras canônicas que trazem a morte como tema principal; existem muitas outras obras que passeiam por essa temática.

O tema “morte” é tratado de várias maneiras e geralmente é associada a uma “ética” ou “moral” de vida, ou seja, ela nos traz, muitas vezes, uma lição de moral relacionada aos mais variados fatos da vida.



Em *Édipo Rei*, por exemplo, vemos a morte como destino traçado de alguns personagens e mesmo que essa sina tente ser mudada ao longo do caminho, ela permanece intocada porque já foi predeterminada e não há nada que se possa fazer para alterá-la. Essa temática não é muito diferente nas outras tragédias gregas consagradas.

Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a morte é o tema central da narrativa, mas não necessariamente ela quer passar uma causalidade moral para o leitor. Muito pelo contrário. Em Brás Cubas, a morte é motivo de piada, de chacota, principalmente pelo fato de o narrador, que também é o protagonista da história, ser um defunto. Aqui, a morte não é a causa de uma má conduta ou de um destino premeditado, ela é simplesmente apresentada como um fato normal da vida. Todavia, o que nos chama atenção é o fato de ela ser retratada de forma totalmente cômica e irônica. O narrador, que se denomina “defunto autor”, tem seu jeito único e humorístico de contar a própria morte, além de ironizar o acontecido e as pessoas que o presenciaram sem nenhuma piedade.

A morte é um tema bem presente nos contos que compõem a obra *Chão dos Simples*. Neste artigo vamos nos deter nos contos que abordam a morte de forma trágica e cômica ao mesmo tempo. Os contos a serem comentados neste artigo são: De como Dr. Aris-tóteles não se casou, Marivi e Dia de juízo.²

Em *Chão dos Simples*, a morte dos sertanejos que compõem as narrativas é apresentada de forma natural e simples na maioria dos casos. Porém, nos três contos aqui citados, o tema “morte” é construído tragicamente e acaba suscitando o riso no leitor. Em relação à comicidade, Wladimir Propp (1992, p.31) diz que: “O riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto ridículo e de um sujeito que ri – ou seja, do homem.”. Portanto, em qualquer representação artística, a comicidade só pode ser gerada por meio de uma causa, como também afirma Propp (1992, p. 29):

2 Todos esses contos estão presentes na edição comemorativa 30 anos de Chão dos Simples (2014).

[...] O material demonstra que o método mais funcional é o de ordenar o próprio material de acordo com as causas que suscitam o riso. Falando mais simplesmente, é preciso estabelecer do que, em essência, riem as pessoas e o que exatamente é ridículo para elas. Em poucas palavras, podemos sistematizar o material conforme o objeto da derrisão.

Sendo assim, as causas do humor nos contos aqui citados são várias. Vão desde a solteirice e casamentos não realizados a fatos extremamente fantásticos como o fim do mundo.

DE COMO DR. ARISTÓTELES NÃO SE CASOU E MARIVI: O DESTINO DA SOLTEIRICE

Muitas pessoas têm o grande sonho de casar e de constituir uma família. E esse sonho, desde os tempos antigos, é mais desejado por mulheres do que homens. Contudo, encontrar a “alma gêmea” não é uma tarefa tão fácil para todas as pessoas. A temática da solteirice é bem explorada pela literatura e inclusive é retratada de forma bem-humorada pela obra *Chão dos Simples*.

Em *De como Dr. Aristóteles não se casou*, o conto aborda a trágica história da vida amorosa de Dr. Aristóteles – homem tranqüilo, promotor de justiça aposentado e consertador de bonecas em sua pequena cidadezinha Serra Nova – e Mocinha de Altiva, moça velha, organizadora dos festejos da cidade (principalmente os que envolviam política) e nem tão tranqüila assim.

O romance dos dois é algo totalmente inusitado na cidadezinha de Serra Nova, visto que eles são o oposto um do outro. Bem

baseado no velho dizer “os opostos se atraem”, o romance do casal dá muito certo e eles marcam o casamento. Mocinha de Altiva organiza os eventos políticos da cidade e é responsável por um dos partidos que concorrem naquele ano. Entretanto, o seu partido é derrotado e ela fica muito doente. Quando o casamento está perto, a personagem melhora consideravelmente; todavia, morre logo após uma discussão bastante calorosa com uma adversária do outro partido. Dr. Aristóteles, portanto, fica extremamente triste pela perda de sua amada.

O riso é suscitado no leitor a partir da fala de Quitéria Velha, a fofqueira “consagrada” de Serra Nova: “Coitado, tão triste; não sabe que fogueira pulou.” (2014, p.76), fazendo menção a Dr. Aristóteles, que chorava ao lado do caixão da amada. O narrador ainda enfatiza “comentou venenosamente” para mostrar que a fofqueira não tinha nenhuma compaixão pelo fato trágico. E é exatamente por meio dessa fala que a comicidade é gerada no conto e o destino da solteirice é representado tanto de forma trágica quanto cômica, mas dessa vez essa sina é destinada a um homem e não a uma mulher.

Em *Marivi*, somos apresentados a uma moça que mora na cidadezinha de Serra Nova, porém detesta o fato de ter que viver no local interiorano, visto que ela já havia morado na cidade de Recife e morria de amores pela capital, enquanto odiava a cidadezinha de nascença. Na fala da personagem: “Não há no mundo lugar melhor para a gente viver” (2014, p.129), enquanto os outros moradores a chamavam de “Caritó metida a besta”.

Marivi morava “à força” na cidadezinha pacata até que um dia se apaixona por Carlos que chegara da capital para exercer o cargo de Promotor Público. Entretanto, o rapaz nunca nem olhou para Marivi e ela também nunca ousou se aproximar dele. Ele vai embora da cidade e ela fica mergulhada em sua vida triste de solteirona, de casa para a igreja.

Até que um dia, Marivi morre de um infarto dentro da igreja e ainda por cima, diante do altar de Santo Antônio quando lhe levava umas flores. Sobre a morte de Marivi, o narrador ainda informa

(2014, p.130):

[...] Disseram-me que, na queda, a imagem do casamenteiro também despencou, espatifando-se; os cacos de gesso ficaram espalhados no piso frio a perturbar a paz do templo, enquanto não foram para a carroça do lixo.

Dessa forma, a morte da personagem principal é retratada de forma totalmente trágica e irônica, já que ela, solteirona, morre diante da imagem do santo que representava a sua grande esperança, que era de se casar algum dia. Além disso, a comicidade do conto é mais evidente em face da queda do santo casamenteiro, como se fosse uma representação imagética do destino trágico da personagem Marivi e uma forma de punição pelo seu comportamento egocêntrico frente aos outros moradores de Serra Nova.

DIA DE JUÍZO: O RISO E O FIM TRÁGICO DE UMA MORTE

No conto *Dia de juízo*, Onofre traz de forma cômica um acontecimento temido por muitos, dialogando (a partir do título) diretamente com o livro cristão intitulado de *Apocalipse*. Tudo ocorre em Serra Nova, lugarzinho onde o personagem central, padre Frederico era vigário há alguns anos. O padre Frederico, como se conta, era um senhor de idade, muito preocupado com a moral. É contado que o Padre já não fazia suas missas como antes, pois, confundia-se com alguns trechos durante a liturgia.

A comicidade no conto acontece na primeira missa de um sábado de aleluia, onde ocorreria um ritual: a queda do celebrante (Pe. Frederico) da missa para achar a aleluia, ou seja, encontrar no missal a palavra símbolo de ressurreição. Naquele sábado o padre prostrara-se, no entanto, ficara por ali mesmo, causando um certo tumulto, pois, segundo uma “crendice” do povo, se o padre não encontrasse a ale-



luia, chegaria então o juízo final. Como o padre Frederico continuava prostrado, o povo entendeu que ele não a tinha encontrado. A partir disso ocorreram vários episódios, a começar por grandes listras de fumaça riscando o céu de canto a canto deixando o povo tumultuado, de boca aberta observando tal fenômeno. O leitor percebe que, no caso se tratava de um avião, e por este fato se torna engraçado observar a reação dos personagens. O narrador conta com detalhes no trecho a seguir como estava a situação nas ruas de Serra Nova:

Rebuliço na praça que nem em dia de festa. Gente correndo, se atropelando, o estouro da boiada. Mulheres com ataques de histeria. Valentões pedindo penico. Crianças aos berros. E um chororô, um coro de lamentações sem fim. O medo, o medo. Medo espalhado no ar, como algo pestilento.

(Onofre, 2014, p. 90)

Logo surge uma moça pelada pelas ruas na maior gritaria, do outro lado, uma mulher que traía o esposo pedindo perdão de joelhos, do outro, um homem correndo atrás do padre querendo contar um pecado nunca citado em confissão alguma, dizia “Ai, que se eu não encontro o padre vou direto para o inferno. Meu Jesus, misericórdia! Desde menino eu tenho esse pecado escondido”. Observar que todas essas situações trazem o riso ao leitor, é como foi dito mais acima: “O riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto ridículo e de um sujeito que ri”. O objeto ridículo no conto Dia de juízo é exatamente a reação dos personagens mediante um padre prostrado e umas listras riscadas no céu. Uma criança chega a perceber que se trata de um avião. Até a voz de uma criança tem mais sanidade, voz esta que é ignorada pelo adulto delirante, que andando de olhos fechados acompanha toda a multidão.

Ao final do conto, algo inesperado acontece, o mundo tinha, sim, se acabado, mas não como esperavam os personagens. Em Serra Nova já

tinha anoitecido, o padre já se levantara, e, mesmo assim, o povo continuava apavorado, esperando o final dos tempos. Faziam-se grandes filas para a confissão, vez ou outra as beatas saíam aos tapas. O padre Frederico observava toda aquela situação, exausto, pensava em como aquele dia o havia enchido, “um inferno”, sendo este o seu último pensamento, pois passara mal, estava morrendo, e ainda preocupado fez um último pedido: “não esqueça de botar água na gaiola do canário”. O narrador encerra de forma melancólica: “Para ele sim, o mundo acabou”.

Há todo um preparo para a morte do sacerdote ao longo do conto Dia de juízo, pois, o padre prostrara-se, e ali mesmo ficou; fez com que as pessoas se apavorassem e saíssem da igreja e então percebessem as listras brancas no céu. As pessoas não estavam preocupadas umas com as outras, apenas com a própria salvação. Em nenhum momento alguém se preocupou com o padre que já estava cansado. De forma cômica é apresentada toda essa preocupação das pessoas com a própria salvação, e no final, a morte do padre Frederico era o que ninguém esperava.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou apresentar reflexões sobre a representação trágica, e ao mesmo tempo cômica, da morte na obra *Chão dos Simples* (2014), do escritor potiguar Manoel Onofre Júnior. Todavia, as análises que aqui foram apresentadas são apenas algumas, pois a obra de Manoel Onofre Jr. é vasta e rica, podendo ser observados, comentados e estudados vários outros objetos.

Entretanto, o objetivo maior foi o de mostrar que a prosa norte-rio-grandense continua viva e passível de grandes estudos. A prova disso é que a obra simples e simpática de Manoel Onofre Júnior ainda é objeto de pesquisa de vários discentes e docentes da área da literatura potiguar, mesmo depois de trinta e cinco anos da publicação da sua primeira edição. Além disso, é um dos livros potiguares mais reeditadas, contando com quatro belas edições.

Manoel Onofre Júnior, grande contista da contempora-



neidade, impressiona uma gama de leitores, alunos, professores e pesquisadores da literatura norte-rio-grandense e, com certeza, continuará impressionando com suas histórias de temática rica e ao mesmo tempo simples, regionalista e ao mesmo tempo universal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Todos os romances e contos consagrados: vol 2 / Machado de Assis.** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRANDÃO, Junito. **Teatro grego: tragédia e comédia.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma Patrícia.** Edição Fac-similar de 1921. Mossoró: ESAM, Fundação Guimarães Duque, 1991.

DUARTE, Constância Lima e MACÊDO, Diva M. C. Pereira de (orgs.) **Literatura do Rio Grande do Norte: antologia.** 2 ed. Natal, RN: Governo do Estado do RN, Fundação José Augusto, Secretaria de Estado da Tributação, 2001.

GONZAGA, Thiago. **Os grãos: ensaios sobre literatura potiguar contemporânea.** Natal, RN: CJA, 2016.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto.** 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GURGEL, Tarcísio. **Informação da literatura potiguar.** Natal, RN: Argos, 2001.

HOMERO. **Ilíada.** 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ONOFRE JR., Manoel. **Chão dos Simples.** 3 ed. Mossoró, RN: Sarau das Letras, 2014.

PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

REGO, Maria Aparecida de Almeida. **Entre salinas e maledicências: uma leitura do romance Macau em contexto de ensino**. Natal, RN: EDUFRN, 2017.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SARA COSTA DOS SANTOS e **DENISE COUTINHO DE SOUZA** são professoras e pesquisadoras, com graduação em Letras, e especialização em literatura e cultura do Rio Grande do Norte pela UFRN.



ANRL CATÓLICA: A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO CATÓLICO NOS PRIMÓRDIOS DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Bruna Rafaela de Lima Lopes

Este artigo está didaticamente organizado em três partes. Na primeira parte é feita uma análise do processo de formação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL), identificando a sua composição e as bases do projeto da entidade para agregar os intelectuais norte-rio-grandenses. Discute-se ainda as ligações entre o projeto da ANRL e o pensamento católico. Na segunda parte, é apresentada a prosopografia dos patronos e dos primeiros acadêmicos. Discute-se a composição desses grupos e demonstra-se as razões que levaram a se formar na ANRL uma rede social que teve por base cientistas, letrados e religiosos. A terceira analisa como o método prosopográfico contribuiu para compreender tanto o engajamento dos intelectuais no seio da ANRL, quanto os interesses católicos que estavam presentes na constituição dessa entidade.

Este estudo preliminar analisa como o pensamento católico influenciou na formação da ANRL. Essa entidade, criada em 14 de novembro de 1936, foi organizada por Luís da Câmara Cascudo a partir de uma série de encontros realizados, no decorrer desse ano, em sua própria residência, com pessoas letradas da sociedade natalense. O convite para as reuniões era feito pelo próprio Cascudo, que também decidia quem seriam os convidados. Apesar de reunir um grupo pequeno de pessoas, as reuniões que antecederam a criação da ANRL já eram amplamente divulgadas no jornal católico *A Ordem* e no jornal *A República*, órgão oficial do Governo estadual. O trabalho está limitado ao período compreendido entre 1936 (ano em que aconteceram as reuniões preliminares para a criação da entidade) e 1938 (primeiro ano de funcionamento da ANRL, depois da sua instalação oficial).

Três razões permitiram o estabelecimento de uma relação entre a Igreja Católica e a formação da ANRL: a primeira razão está relacionada ao fato de que Cascudo era um historiador católico - profundamente ligado ao Clero natalense - e, nessa condição, tanto participou de entidades católicas, como a Congregação Mariana, quanto defendia a atuação da Igreja no seio da intelectualidade natalense.³ Nesses termos, se considerarmos que Cascudo desenvolvia suas ações sempre com as “bênçãos” do Clero, a organização da ANRL deveria se manter no mesmo padrão. A segunda razão diz respeito à maneira como o jornal católico *A Ordem* divulgava amplamente todas as reuniões anteriores e posteriores à criação da ANRL. Assim, considerando-se que um jornal católico enfatiza as notícias que sejam compatíveis com os interesses católicos, a ampla divulgação da ANRL em suas páginas é indício nítido da participação da Igreja. A terceira razão está associada ao fato de o padre Luís Monte,⁴ principal intelectual católico natalense nas décadas de 1930 e 1940, ter tido uma participação decisiva na ANRL, tendo sido inclusive o idealizador do seu lema. O lema da ANRL (“*Ad Lucem Versus*” – Rumo à Luz) foi definido por Monte em 1936.

Com o intuito de identificar a presença católica no seio da ANRL, inicialmente foram elaboradas duas prosopografias: uma dos patronos das cadeiras e outra dos primeiros acadêmicos. Sabendo-se que Cascudo indicou todos os patronos e todos os acadêmicos no momento de instalação da ANRL, procurou-se perceber três questões básicas: os elementos comuns e divergentes que compunham o perfil dos escolhidos; as relações entre esse perfil dos membros (patronos e acadêmicos) e o pensamento católico; e, finalmente, como a trajetória dos intelectuais que se tornaram acadêmicos contribuiu para a consolidação da instituição que se apresentou como laica, ainda que estivesse profundamente vinculada ao catolicismo.

3 Sobre o tema consultar: LIMA, Bruna Rafaela de. **Da rede ao altar:** vida, ofício e fé de um historiador potiguar.

4 O Padre Luiz Gonzaga do Monte foi sagrado cônego em 1941. Portanto, em alguns momentos deste trabalho ele poderá ser tratado como padre e, em outros, como cônego.

O trabalho foi elaborado a partir de três conjuntos documentais, a saber: o primeiro – e, considerando a quantidade de fontes, o mais importante – foi composto pelo periódico católico *A Ordem* e pelo jornal *A República*, órgão do Governo do Estado. Nesses documentos foram investigadas as notícias e os artigos que tratavam sobre a ANRL no período compreendido entre 1936 e 1938. Isso inclui tudo o que foi publicado sobre as reuniões que antecederam a criação da ANRL e as notícias divulgadas até dois anos após a sua instalação. Ainda nesses periódicos foi possível coletar parte das informações sobre a vida dos primeiros acadêmicos. O segundo conjunto documental foi composto por textos biográficos, literários e acadêmicos, que permitiram traçar as trajetórias dos patronos das cadeiras e ampliar os dados sobre os primeiros acadêmicos. O terceiro conjunto foi formado pelos documentos oficiais da ANRL, tais como estatuto, regimento e atas das reuniões.

No dia quinze de maio de 1937, sábado, no salão nobre do Instituto de Música do Rio Grande do Norte. O Instituto de Música do Rio Grande do Norte foi fundado, em 1º de janeiro de 1933, por Waldemar de Almeida em parceria com Luís da Câmara Cascudo e Severino Bezerra, a convite do então interventor Bertino Dutra da Silva. Waldemar de Almeida era o Diretor do Instituto na época da Fundação da ANRL. Essa informação é importante para o trabalho na medida em que o próprio local da reunião da ANRL estava associado a um espaço construído por Cascudo. Nesse Instituto situado à Rua Vigário Bartolomeu, 630, no centro da cidade de Natal, foi instalada oficialmente a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras (ANRL), entidade que já havia sido preliminarmente fundada em reunião realizada, no mesmo no local, no dia 14 de novembro de 1936.⁵ A imprensa noticiou o acontecimento e saudou a iniciativa. Aos olhos dos articulistas dos jornais locais da época, a partir de então, no Rio Grande do Norte, a cultura e o pensamento não estariam mais dispersos, pois os homens dedicados às letras e

5 A sessão preliminar da ANRL ocorreu no Instituto de Música no dia 14 de novembro de 1936. Essa sessão teve o objetivo de preparar a inauguração da entidade. (Jornal *A República* de 15 de novembro de 1936).

às artes estariam reunidos em uma entidade. Câmara Cascudo fez na ocasião um discurso de improviso, narrando as muitas tentativas de que participou para que a entidade passasse a existir. Também foi lido um telegrama enviado pelo senhor Affonso Costa, então presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, que se congratulava pelo “novel sodalício”. A sessão foi presidida pelo Dr. Henrique Castriciano e nela estavam várias pessoas, entre as quais o senhor Petrarca Maranhão (intelectual maranhense que ocupava o cargo de Procurador da República no estado) e dezessete acadêmicos dos vinte e cinco que compunham a entidade nessa primeira fase. (A'ORDEM, 1937, p.01).

Os Estatutos da entidade foram elaborados antes da sessão de instalação e foram amplamente divulgados nos jornais locais no dia 17 de novembro de 1936.⁶ Esse documento legal explicita que a ANRL teria “por [finalidade] a cultura da língua e da literatura nacional, especialmente a do Rio Grande do Norte”. (A REPÚBLICA, 1936, p. 01).⁷ Também expressa que a Academia seria composta por vinte e cinco membros efetivos e perpétuos,⁸ escolhidos entre as pessoas, nascidas no Rio Grande do Norte ou residentes no estado a mais de quinze anos, que tenham publicado trabalhos de reconhecido mérito em qualquer gênero da literatura ou outras obras de valor cultural.⁹ Os estatutos ainda definem que a administração da ANRL teria a seguinte composição: presidente, secretário geral, 1º secretário, 2º secretário e tesoureiro.

Como acontecia com outras entidades que surgiam em Natal no período, Câmara Cascudo se apresentou como o seu idealizador.

6 Os Estatutos da ANRL foram publicados integralmente em: A República, 17 nov. 1936, p. 1.

7 Artigo 1º do Estatuto da Academia Norte-Rio-Grandense. A República, 17 nov. 1936, p. 1.

8 O número de vinte e cinco membros (e de cadeiras) da ANRL foi ampliado para trinta membros (em 1948) e, posteriormente, para quarenta (em 1957). Este trabalho se dedicará exclusivamente a compreender a composição inicial da entidade.

9 Estatuto da Academia Norte-Rio-Grandense. A República, 17 nov. 1936, p. 1.

[...] Era eu o homem que andava empurrando o sonho [de criar a Academia Norte-Rio-grandense de Letras] [...]. Todos os acadêmicos, fundadores, foram, sem exceção, convidados por mim. (A REPÚBLICA, 1949, p.01).

Para completar a organização da ANRL, Cascudo desejava um lema que fosse capaz de explicar as bases da entidade. Para tanto, ele próprio, solicitou ao Padre Luiz Gonzaga do Monte, que constava entre os imortais da ANRL, para elaborar esse lema. Segundo o Cônego Jorge O'Grady de Paiva,¹⁰ Monte apresentou vários [lemas], para que os acadêmicos pudessem escolher. Foi escolhido *Ad lucem versus*, que significa *rumo à luz*, em direção à luz, seguindo ou caminhando para a luz. [O lema não significa], simplesmente, *voltado para a luz*, o que seria uma posição estática. (PAIVA, 1996, p. 257-258).

Paiva, não explicita em sua afirmação as razões para discutir o sentido do lema. Entretanto, Dom Adelino Dantas,¹¹ sucessor de Monte na condição de imortal da entidade, escrevendo, em 1951, na Revista da Academia de Norte-Rio-Grandense de letras, assim se pronunciou:

AD LUCEM! Que significam estas palavras?

[...] um ilustrado sacerdote conterrâneo em artigo publicado em nossa imprensa, deu a esse nosso lema acadêmico esta tradução: **Voltado para a luz**. [...]

Entendo que **Voltado para a luz**, não exprime, jamais, o sentido profundo, que lhe quis dar o Padre Monte. [...] A expressão Voltado para a

10 Jorge O'Grady de Paiva escreveu uma biografia do Padre Monte após o falecimento deste. Esse trabalho de Paiva atendeu a um pedido de Cascudo, que desejava manter viva a memória do falecido.

11 Dom Adelino Dantas foi ordenado sacerdote em 18 de novembro de 1934. Em 1935 assumiu a função de Reitor do Seminário São Pedro, onde padre Monte era professor. Em setembro de 1952 foi nomeado bispo de Caicó. Posteriormente assumiu o bispado em outras dioceses. Desfrutou da amizade pessoal de Padre Monte e de Câmara Cascudo.

luz não traduziria com fidelidade o sentido altíssimo de uma oficina acadêmica. (DANTAS apud NAVARRO, 1999, p. 347).

O texto de Dom Adelino Dantas foi lido na presença de Câmara Cascudo e dos demais imortais e o material está devidamente registrado na Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Ademais, Cascudo conhecia com profundidade o pensamento de Dom Adelino, tendo inclusive proferido o discurso de saudação ao sacerdote no momento da sua posse na ANRL. Isso significa que a interpretação do lema feita por Dom Adelino Dantas esteve em plena concordância com as ideias de Cascudo.

Ao considerar a convivência dos membros da ANRL com as ideias de Dom Adelino sobre o lema da ANRL, tem-se um forte indício para afirmar a intensa relação entre essa entidade e a Igreja Católica. Nesses termos, o discurso produzido por Dom Adelino estabelece uma associação entre o lema da ANRL (*AD LUCEM VERSUS*) e as bases do seu projeto de sustentação. Se a ideia dele é que buscar a luz significa acreditar em outra luz, que está acima das “contingências terrenas”, a proposta da ANRL é que seus membros estejam vinculados à fé em força que está além da terra.

Assim, a ANRL não pretende apenas reunir letrados locais para cultura à língua e literatura do Brasil e do Rio Grande do Norte, como está explicitado no Estatuto da entidade. Percebe-se na Academia a pretensão de reunir letrados que tenham fé. Nesse caso, pode-se afirmar que o projeto de cultura a língua e a literatura estava ligado a outro projeto: buscar, continuamente, a luz que existe além da terra. Por que Câmara Cascudo e os demais imortais criaram uma entidade, agregadora de letrados, com o projeto primeiro de buscar a fé?

Nesse sentido, Dom Marcolino articulou a criação de instituições culturais aparentemente leigas, mas que essencialmente estivessem vinculadas aos preceitos católicos. Para desenvolver essa missão, Dom Marcolino passou a estimular a ação de intelectuais

católicos junto a essas instituições. Dom Marcolino, religioso que transitava politicamente com facilidade na Bahia e no Rio de Janeiro, assumiu a Diocese de Natal com a missão de fortalecer a Igreja no seio da sociedade e junto aos poderes políticos. Com a ascensão de Vargas ao Governo brasileiro, por intermédio do Movimento de 1930, Dom Marcolino Dantas desenvolveu uma política de apoio aos Interventores Federais e se distanciou politicamente das famílias destituídas do poder.

O apoio de Dom Marcolino a Vargas foi provado, em 1931, quando o bispo de Natal apoiou o Interventor Aluísio Moura contra a tentativa de deposição, orquestrada pelo então tenente Ernesto Geisel, Secretário Geral do Estado e Diretor da Segurança Pública do Rio Grande do Norte. Ao longo de todo o período Vargas, essa política não foi alterada. Nas eleições de 1934 e 1935, por exemplo, Dom Marcolino Dantas foi alvo de ataques por parte do Partido Popular, agremiação política que reunia a oposição ao interventor Mário Câmara.¹²

Partindo dessa lógica, pode-se afirmar que a ação de Dom Marcolino em Natal se associou ao processo de reorganização da Igreja Católica no Brasil. O bispo de Natal, com o apoio das orientações fornecidas pelo Centro D. Vital, implementava ações para o fortalecimento de uma “Neocristandade”.

Nesses termos, pode-se entender que, ao aproximar a Igreja Católica norte-rio-grandense com os Interventores nomeados por Vargas, Dom Marcolino conseguiu que o Governo do Rio Grande do Norte incorporasse aos seus quadros um significativo número de intelectuais católicos, o que lhes permitiu maior poder na sociedade. Nessa conjuntura Luís da Câmara Cascudo assumiu papel de destaque, o que explica a sua atuação em várias empreitadas, como no apoio da Ação Integralista Brasileira, na fundação do jornal *A' Ordem* (periódico diário da Diocese de Natal) e na fundação de entidades, como a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

12 Ver mais sobre esses temas de Igreja Católica e política nos textos do professor: PEIXOTO, Renato Amado.

Portanto, a ANRL foi um projeto associado à “Neocristandade” católica vigente nos anos 1930. A caracterização da rede formada com seus patronos e seus primeiros acadêmicos contribuirá para uma melhor compreensão sobre o perfil da entidade no momento de sua formação.

Como já demonstramos anteriormente, Cascudo afirmou que escolheu e convidou todos os vinte e cinco acadêmicos¹³ que constituíram a entidade no primeiro momento. Quanto aos Patronos, a escolha se deu pelos Acadêmicos, ou seja, cada acadêmico escolhia quem seria o patrono da sua cadeira. Entretanto, essas informações são insuficientes para caracterizarmos de maneira ampla a sua composição.

Nesses termos, ao ter por meta analisar o papel do pensamento católico na formação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras julgamos que seria conveniente esboçar um perfil dos patronos e dos primeiros acadêmicos. Para desenvolver essa tarefa, optamos por construir o perfil da entidade a partir de uma rede social que a constituía. O ponto comum para a criação dessa rede foi o fato de todos terem sido escolhidos por Cascudo.

Sobre os primeiros acadêmicos da ANRL, percebemos que eram predominantemente homens. Dos vinte e cinco acadêmicos, apenas duas mulheres compunham a entidade. Essa situação espelhava as ideias no período em que a mulher era considerada personagem secundária na vida pública. Os dois casos são exceção à regra geral.

No que concerne à formação acadêmica (Tabela 1), a maioria dos participantes da ANRL haviam concluído Direito em Recife. Isso evidencia que se tratava de pessoas com razoável poder aquisitivo, pois os estudos em outra cidade empregavam boa quantidade de recursos. Evidencia também o perfil social dos participantes, tendo em vista que apenas dois deles não tinham uma formação especializada, o que demonstra que os letrados da cidade sem formação

13 Ver os primeiros ocupantes da ANRL em: CASCUDO, Câmara. **História da Cidade do Natal**. 4 ed. Natal: EDUFRN, 2010. p. 503-504.

acadêmica não fizeram parte da entidade. Tudo indica que havia, nesse processo, uma seletividade econômica. Intelectuais com baixo poder aquisitivo estariam fora deste seletivo grupo.

Tabela 1: Formação dos primeiros acadêmicos

Formação acadêmica	Número de acadêmicos que se formaram
Direito (formados pela escola de Direito de Recife)	17
Medicina	2
Magistério (formado pela Escola Normal de Natal)	3
Sacerdócio (padre)	1
Sem formação especializada	2
Total	25

Na tabela 2, é demonstrado como os acadêmicos se vinculavam a outras entidades existentes na sociedade. Ao construir essa tabela, procuramos identificar se os Acadêmicos participavam efetivamente dos grupos na sociedade natalense. Almejava identificar se seria possível ser acadêmico simplesmente por realizar uma produção intelectual. Na minha investigação, observamos que todos os acadêmicos tinham vínculos com outras entidades. Nesse sentido, chama a atenção o fato de que os acadêmicos pertencem aos mesmos grupos em que Cascudo atuava. Dessa forma os acadêmicos estão sempre vinculados a, pela menos, um dos grupos de Cascudo: maçonaria, Igreja Católica, integralismo e Instituto Histórico. Chama a atenção, ainda, que mesmo católicos, a maioria dos membros da entidade são também adeptos da maçonaria. Isso significa que a oposição entre a Igreja e maçonaria existente, naquele momento, não se expressava na sua plenitude.

Tabela 2: Participação em movimentos e / ou instituições¹⁴

Instituição/ movimento	Número de praticantes
Instituto Histórico e Geográfico de Rio Grande	15
Maçonaria	17
Ação integralista	19
Movimentos católicos	23

No tocante ao motivo do convite de Cascudo, além de ser católico, como já foi discutido, está associado a produção de artigos em jornais, livros e peças teatrais. São os artistas letrados e católicos. Na análise dos dados, constatamos que treze dos acadêmicos foram convidados por escreverem em jornais, dez por produzir em livros e três por escreverem peças e atuarem em peças de teatro. Isso significa que, para Cascudo, acadêmicos seriam prioritariamente aqueles que escreviam em jornais e produziam livros. O que importava não era a atividade intelectual do sujeito, mas se ele tinha escrito nesses dois suportes. Percebe-se, na investigação, que várias pessoas que foram autores de livros e que escreviam para os jornais não foram convidados para a Academia. Esse fato mostra a seletividade dos convites. Percebe-se, nos dados, que a Academia convidava as pessoas pertencentes às instituições já consolidadas na sociedade, como o Instituto Histórico, a Maçonaria e a Igreja Católica. Cascudo não buscava abarcar o pensamento intelectual em diversos campos (ciências, artes, literatura, poesia, etc.), mas sim os amigos que estavam nas instituições que ele frequentava. Além disso, intelectuais ateus e comunistas jamais poderiam ter assento como patronos ou acadêmicos da ANRL.

No que se refere ao perfil dos Patronos, percebemos que os homens têm uma tendência a escolherem outros homens. Tendência também que era percebida na escolha das mulheres. Dentre os patronos, existiam vinte e dois homens e apenas três mulheres. As três mulheres escolhidas tiveram seus nomes indicados por três ra-

14 Um acadêmico geralmente participava de mais uma entidade. Essa é a razão para que a tabela não contabilize apenas vinte e cinco acadêmicos.

zões específicas: uma o Patrono desejava que seu ideal de educação feminina (educação para o lar) poderia ganhar visibilidade; outra o acadêmico escrevia biografias de pessoas injustiçadas pela história e, portanto, indicou uma “injustiçada” como forma de reabilitar sua memória.

Tabela 3: Motivo para escolha do patrono

Motivo para o acadêmico ter escolhido o patrono	Quantidade
Afinidade com as ideias	6
Razão familiar (avo, pai, parente)	5
Afinidade profissional	5
Não identificados	9

Na Tabela 3, apresentamos os motivos que levaram os acadêmicos a escolherem os primeiros patronos. Até o presente momento, só conseguimos identificar dezesseis motivos de escolha. A meta é que, em outros trabalhos, possamos ampliar essa investigação. Entretanto, a partir do que já investigamos, percebemos que a razão mais frequente para a escolha dos patronos era a afinidade de ideias entre os acadêmicos e os patronos. Assim, os maçons escolhiam patronos que tivessem associação com a maçonaria, os religiosos escolhiam patronos ligados à Igreja Católica e assim sucessivamente. Um segundo grupo de sócios escolheu os patronos entre membros antepassados do seu grupo familiar. Um terceiro grupo escolheu profissionais que realizavam as mesmas atividades que eles desenvolviam. Observando os dados, é possível perceber que os acadêmicos procuravam uma tradição que legitimasse a sua vida no mundo contemporâneo em que viviam. Essa legitimidade poderia vir nas ideias, quando em geral o acadêmico não tinha uma tradição familiar, na tradição familiar, quando o acadêmico descendia de uma família abastada, e na atividade profissional, quando ele não tinha ideias políticas sólidas e nem tradições familiares.

Os estudos voltados a entender o pensamento intelectual norte-rio-grandense ainda são escassos. O tema ainda carece de uma bi-

bliografia consistente. O ambiente intelectual anterior à formação da ANRL e o contexto político e religioso do período são temas que certamente se apresentam como objetos a serem investigados. Os trabalhos que tratam desse tema, em geral repetem as interpretações de Cascudo e de seus seguidores, quando não são produzidos por eles.

No texto deixamos evidente a influência da Igreja Católica na formação da ANRL. A tarefa não foi simples, pois as fontes estão dispersas e a ANRL ainda não tem um arquivo com todo o material sistematizado. As tabelas tiveram que ser construídas a partir de informações contidas, sobretudo, no Jornal *A 'Ordem*. Esse periódico católico apresentou-se como o grande arquivo para estudos sobre a ANRL. Tal constatação reforça o quanto a presença da Igreja foi forte no surgimento e no funcionamento dessa entidade.

Gradativamente fomos estudando os letrados e a relação deles com a ANRL, mas pudemos também analisar quem eram as pessoas além desse espaço. Fomos investigando a atuação de cada uma em espaços diversos: lugares que estudaram e nas entidades de que participaram politicamente.

No todo percebemos que a influência da Igreja na ANRL nunca foi explicitada. Este artigo parece inaugurar possibilidades de estudos para um melhor aprofundamento do perfil da ANRL e da relação que a Igreja estabelecia com as instituições culturais leigas existentes na cidade. Se tivermos conseguido mostrar a influência católica na ANRL, nosso trabalho já atingiu a meta traçada.

Referências:

ACADEMIA DE LETRAS NORTE-RIOGRANDENSE. **Jornal A' Ordem**, Natal, nov. 1936.

A INSTALAÇÃO DA ACADEMIA NORTE RIOGRANDENSE DE LETRAS. **Jornal A' Ordem**, Natal, maio. 1937.

CASCUDO, Câmara Luís da. **História da Cidade do Natal**. 4 ed. Natal: EDUFRN, 2010.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Fundação José Augusto, 1984.

ESTATUTO DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE. **Jornal A República**, Natal, 17 nov. 1936.

LIMA, Bruna Rafaela de. **Da rede ao altar**: vida, ofício e fé de um historiador potiguar. 06/04/2009. Dissertação (Mestrado). 231 f. Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em História, 2009.

NAVARRO, Jurandy. **Antologia do Padre Monte**. Natal. 1999. v. 09.

_____. **Centenário do Padre Luiz Monte**: conferência de JURANDYR Navarro. Natal/RN: Nordeste Gráfica e Editora, 2005.

O SUCESSO DA ACADEMIA DE LETRAS NORTE-RIOGRANDENSE. **Jornal A República**, Natal, nov. 1949.

PAIVA, Jorge O' Grady. **Verdade e Vida**. 2º. Ed. Natal: Ed. Gráfica Nordeste, 1996. (A primeira edição dessa obra foi publicada no Rio de Janeiro em 1947).

BRUNA RAFAELA DE LIMA LOPES é pesquisadora e professora de História do IFRN. Doutoranda em História pela UNISINOS. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

OBRAS DE ARTE ERUDITA EXISTENTES NO MUSEU DO SERTÃO

Benedito Vasconcelos Mendes

A arte erudita, representada pela pintura, escultura, desenho e gravura, era menos frequente no sertão semiárido do que a arte popular (artesanato ou arte utilitária). Na área seca do Nordeste brasileiro existiam poucos pintores e escultores de renome nacional, quando comparado com outras regiões do Brasil. No sertão de antigamente, somente aqui e acolá aparecia um artista plástico que se destacava no cenário nacional, como o sobralense Raimundo Cela (Raimundo Brandão Cela, 1890-1954) e o paraibano Pedro Américo (Pedro Américo de Figueiredo e Melo, 1843-1905). As regiões ricas, com melhores níveis culturais, favoreciam o florescimento da arte erudita, enquanto as regiões pobres estimulavam o surgimento da arte utilitária. No Nordeste do Brasil, podemos observar que, no passado, a rica região canavieira (litoral úmido da Zona da Mata) favoreceu o surgimento de numerosas e finas obras de arte, principalmente, nas igrejas de Salvador, Olinda, Recife, João Pessoa e em outras cidades regionais. A riqueza proporcionada pelo ciclo da cana-de-açúcar estimulou o florescimento das artes plásticas, enquanto a pobreza provocada pelas secas catastróficas na região semiárida determinou o desenvolvimento da arte utilitária, ajudando a população a sobreviver nesta região pobre e hostil, castigada pelas secas.

A arte erudita é tão bela e extasiante quanto a arte popular. Ambas, quando são de boa qualidade, chamam a atenção do apreciador e proporcionam encantamento e prazer. A beleza não é exclusiva da arte erudita, pois uma peça de arte popular pode ser tão bela, deslumbrante e expressiva quanto uma obra de arte erudita. A beleza de uma obra artística chama a atenção do expectador e proporciona deleite, seja ela erudita ou utilitária, que tenha sido feita por um analfabeto ou por alguém que tenha estudado muito a teoria de sua arte.

Podemos exemplificar alguns ícones das artes eruditas e populares no Nordeste com o poema abaixo:

1. Erudita é a poesia do baiano Castro Alves. Popular é a obra de cordel do cearense Patativa do Assaré.
2. Erudita é a cerâmica artística do pernambucano Francisco Brennand. Popular são os bonecos de barro do Mestre Vitalino de Caruarú.
3. Erudita é a pintura do sobralense Raimundo Cella. Popular é o primitivismo do acreano, radicado em Fortaleza, Chico da Silva.
4. Erudita é a gravura do cearense Aldemir Martins. Popular são as inscrições rupestres, gravadas nas rochas das grutas pelos habitantes pré-históricos do semiárido.
5. Erudita é a tapeçaria do potiguar Dorian Gray Caldas. Popular é a esteira de palha de carnaúba e a cestaria de cipó, vendida nas feiras sertanejas.
6. Erudita é a música clássica do pianista aracaense Jacques Klein. Popular é o forró do sanfoneiro e cantor pernambucano Luís Gonzaga.
7. Erudita é a arquitetura de Oscar Niemeyer. Popular é a arquitetura de taipa do Semiárido nordestino.
8. Erudita são os corais dos conservatórios de música. Popular é o aboio solitário e dolente do vaqueiro, tangendo e apascentando o gado, na caatinga espinhenta.
9. Erudita são as orquestras sinfônicas das universidades. Popular são as bandas de pífanos, que se apresentam nas festas folclóricas do interior do Nordeste.
10. Erudito é o canto gregoriano dos monges beneditinos. Popular são as ladainhas dos penitentes do Caldeirão do Beato Zé Lourenço.
11. Erudito é o sofisticado prato “salmão mourisco com aspargo verde e manteiga de laranja”, da conceituada chef de cozinha Flávia

Quaresma. Popular é a buchada de bode, preparada pela cozinheira anônima do sertão.

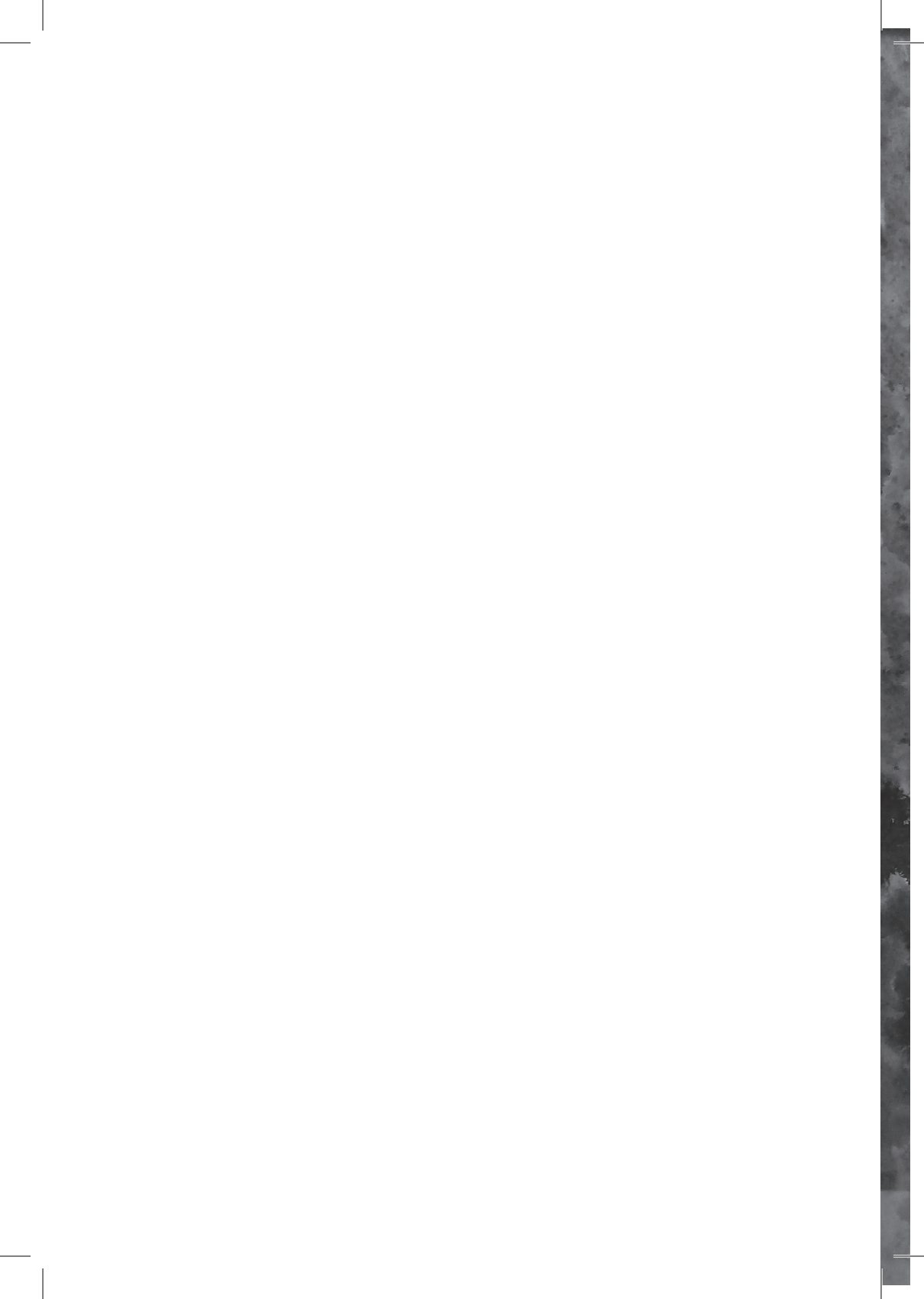
A parte de artes eruditas do Museu do Sertão é ampla e diversificada. Chama a atenção dos visitantes, a beleza plástica da coleção “Personalidades Sertanejas”, feitas em cedro e em tamanho natural, elaboradas por famosos escultores nordestinos (Frank (Frank Castro Fernandes Siqueira, 1955-), Wildhy Pereira (Vildamar Fernandes Pereira, 1984-) e outros). São esculturas dos ícones regionais, que se destacaram nos mais diferentes setores da vida nordestina, como na religião (Padre Cícero, Padre Ibiapina, Frei Damião, Beato Antônio Conselheiro, Beato Zé Lourenço, Beata Maria de Araújo e o Penitente); na música popular regional (Luís Gonzaga e Jackson do Pandeiro); no cangaço (Lampião e Maria Bonita); na literatura de cordel (Patativa do Assaré); e como líderes, profissionais ou tipos regionais (vaqueiro, Zumbi dos Palmares, artesão, botador de galão de água e vendedor de pirulito).

No Museu do Sertão existe o Pátio das Artes Vingt-Un Rosado, que é uma área aberta, com muitos monumentos e esculturas feitas com sucata de ferro, onde se destacam as expressivas obras do escultor potiguar, Elson (Elson Henrique de Oliveira Mesquita, 1988-), representadas por um touro, um cavalo, um bode e a escultura símbolo do Museu do Sertão (caveira de boi, no centro de uma ferradura e encimada pelo nome “Museu do Sertão”, feito com corrente de navio). Em diversos locais do Museu do Sertão encontramos belas obras feitas em pedra sabão (duas esculturas do Padre Cícero, duas do Frei Damião, uma expressiva cabeça de Cristo e uma criança índia), do artista plástico potiguar Bibiu (José Wellington Pereira da Silva, 1980-). Em pedra sabão, existe também uma cabeça de Lampião, do famoso escultor Rhasec (Paulo César Gonçalves, 1955-).

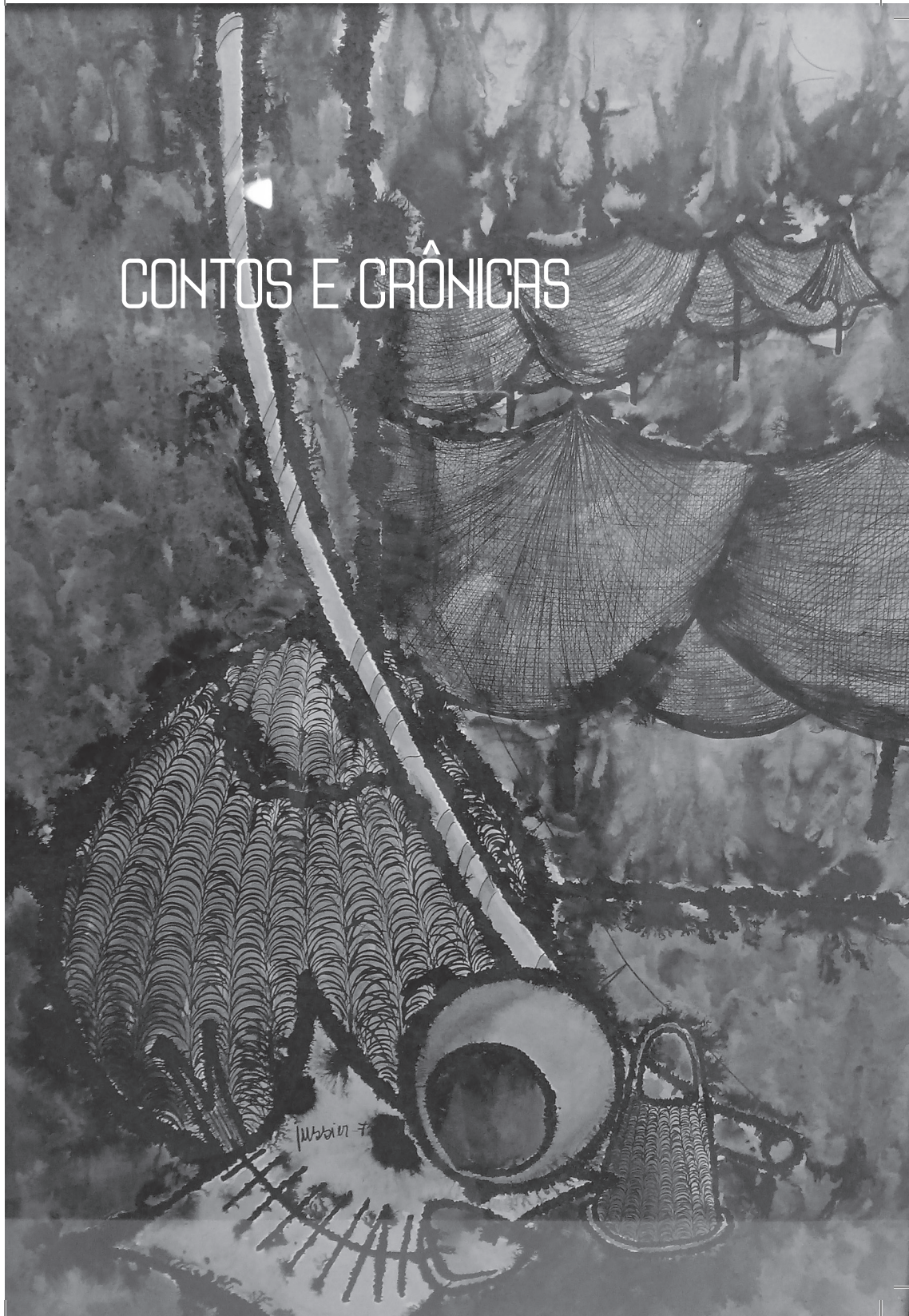
Em frente e ao lado da Capela de São Benedito estão localizadas uma imagem de São Francisco (pedra calcária) e um São Jorge (cimento armado), de autoria dos artistas potiguares Júnior (Emanuel Câmara Júnior) e Mestre João (João Batista Galdino, 1958-), respectivamente.

O Museu do Sertão tem uma Pinacoteca de autores Mossoroenses, doação dos acadêmicos da Academia Mossoroense de Artistas Plásticos-AMARP, dentre eles Franci Dantas, Yáscara Samara, Neuma Batista, Expedito de Assis, Hebert Luís Regis Menezes, Janilce da Silva Falcão, Ednaldo Oliveira Bezerra, Maria José Guimarães, Maria das Dores Almeida da Silva, Maria Bernadete Borba e Maria Freire Costa. Além destas obras citadas, existem várias outras que merecem destaque, como a linda coleção de ovos de avestruz pintados por Franci Francisca Dantas, Expedito de Assis e Joana Recomonte.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor, autor de “As artes na Civilização da Seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.



CONTOS E CRÔNICAS





GALERIA DE ARTES VILLA FLOR

UM SONHO TROPICAL

Iaperi Araujo

A Maria Lucia Beltrão Lessa Severo (mãe).

Minhas lembranças dos doidos anos de 60 a 80 são muito esfumadas. Algumas coisas são muito claras. Outras, nebulosas e até obscuras. Nesse período fiz vestibular, ingressei na Faculdade de Medicina da UFRN, escrevi compulsivamente em jornais e realizei minhas primeiras exposições de desenho na Galeria Xaria e na Galeria de Artes da Prefeitura na praça André de Albuquerque e publiquei meu primeiro livro (contos).

Esses fatos foram tão impactantes que minha memória preferiu resguardar. Em 1965, tivemos, eu e meu irmão Iaponi, que já pintava, uma aproximação com Augusto Severo Neto, já poeta consagrado, cultor das artes e que havia sido escolhido para dirigir o Museu de Arte Popular do Nordeste que estava sendo montado na fortaleza dos Reis Magos, recém restaurada. Janete Costa, uma baita de uma arquiteta, sua amiga, formava uma equipe para pesquisar e escolher objetos significativos da arte popular do nordeste e com a interveniência de Augusto, integramos a equipe que rodou o nordeste da Bahia até o Maranhão selecionando e comprando peças de arte popular, escolhidas entre as melhores da região. Cerâmicas, esculturas, objetos em madeira, artesanato em couro, bruxas de pano, objetos de latas de flandres, artesanato cinético e uma parafernália de cousas que representavam a criatividade e a alma do nosso povo.

O Museu de Arte Popular do Nordeste foi inaugurado no final de 1965, mas infelizmente durou pouco e seu rico acervo foi extraviado, destruído pelo tempo ou simplesmente roubado. Um dia, Augusto nos apresentou seu novo empreendimento. A Galeria

de Artes Villa Flor, ficava numa ruazinha sem saída, antiga vila Palatinik, quase na avenida Deodoro, no centro de Natal, paralela a rua coronel Cascudo na cidade Alta. Ruazinha calma, de casas avarandadas, roseiras nas janelas de gente que curtia a noite e as conversas nas calçadas.

No final da ruazinha que não deveria ter mais de 30 metros, ficava a Galeria. A última casa do lado direito de quem entrava. Era uma espécie de atelier acolhedor com objetos simples de arte popular, vasos de flores, arandelas e muito aconchego.

A grande figura da Galeria Villa Flor era Maria Lúcia Beltrão Lessa Severo, que casara com Augusto e nos amava com tanto carinho que era chamada de mãe. Alagoana, viera para Natal no rastro da implantação do Planejamento na administração pública e conhecera Augusto numa dessas tramas da vida. Apaixonaram-se e casaram.

Com a abertura da Galeria, logo começamos a organizar e a promover exposições. Uma minha, outra de Maria do Santíssimo, uma exposição de talhas de Irani, uma de pinturas de Iramar. Jusier, Canuto, Jordão, Jomar, Manxa, Leopoldo Nelson. Todos expuseram na Galeria que cada vez mais se afirmava no gosto das pessoas que amavam as artes.

Iaponi já fora morar no Rio em busca dos caminhos para sua arte, mas de vez em quando vinha a Natal e, como nós frequentava, a Galeria quase diariamente das 19 às 21 e até 22 horas para jogar conversar fora, contar causos, cantar, encenar pantomimas e vivenciar a arte.

A Galeria Villa Flor mantinha um acervo permanente que era acrescido por obras de artistas da cidade que por consignação deixavam seus quadros, esculturas e objetos de arte expostos à venda, mas habitualmente, coisa de uma vez por mês Augusto e Lucinha promoviam exposições individuais ou coletivas.

Quase diariamente alguns de nós traziam petiscos para a gente apreciar. Moradores da ruazinha nos mimavam com bolos, tortas e sucos. Outras vezes a gente degustava vinhos, queijos e copas,

mas nas vernissages havia sempre um buffet para os visitantes. Eles variavam. Na época das exposições, vinham amigos e curiosos. A rua ficava cheia de gente do bem. Famílias inteiras circulavam pelo espaço, mas no dia-a-dia éramos nós, a grande família que Lucinha Beltrão acolhia como mãe e conselheira.

Pra variar a gente ia também, habitualmente, nos finais de semana à casa de praia de Augusto e Lucinha na praia de Pirangi e éramos surpreendidos por Marcio Marinho, um poeta excepcional que esgrimia com as palavras a beleza de seus versos que às vezes transformava em canções.

Um dos mais queridos e assíduos amigos do casal Augusto/Lucia era o pintor Jussier Magalhães. Muito introspectivo, metódico e exigente com o que fazia, tinha em Lucinha uma confidente. Mesmo com casa de veraneio em Búzios, quando a gente se reunia em Pirangi ele ia prá lá para ouvir as conversas, jogar impugno, cantar, contar piadas e fazer trotes e brincadeiras, a maioria de mau gosto. Augusto se esmerava em trotes e trolagens. Era nosso líder e professor. Não o incomodava nossa ligação com Lucinha que nos tratava por filhos. Claro que tinha uma pontinha de ciúmes, mas a gente relevava.

Algumas vezes uns sobrinhos de Lúcia, vindos de Maceió onde moravam, passavam uns dias com eles. Meninos do bem, educados e inteligentes que se tornaram também amigos.

Um tempo, Augusto fundou um país imaginário, um lugar impreciso no planeta terra. A Batróvia. E o delírio foi crescendo com a colaboração de amigos. Foi idealizada a capital, modernamente planejada, o hino oficial que deveria ser cantado com a mão espalmada sobre o peito esquerdo mas que a turma da esquerda preferia que fosse o punho fechado para cima, com o queixo elevado, a cabeça voltada discretamente para a esquerda e os olhos fixos no alto. Foi criada a bandeira e toda a burocracia, inclusive os Ministérios. Claro, ocupados por amigos. A língua própria, batroviskaia era um grande segredo. Sabia-se que era uma mistura de língua latina. Meio romena, flamenga, basca e portuguesa.

Pra melhorar Augusto criou o consulado da Batróvia instalado na Galeria Villa Flor com placa de madeira entalhada por Canuto e tudo. Batróvia era um polo de efervescência cultural. Mesmo um pequeno país entre a Ásia e a Europa, por força de uma troca geográfica que fizemos, empurrando uns países para um lado e abrindo espaço entre eles onde acabou ficando a Batróvia. No consulado ofereciam-se bolsas de estudos para artistas e acreditem, teve gente incauta que se inscreveu e alguns até implorando para serem selecionados Teatro, música, circo, tudo remontava a Batróvia. A Villa Flor abrigou cerimônias de condecorações presidida pelo cônsul geral Augusto Severo. Não eram condecorações comuns. Eram objetos anacrônicos ou algo que remontava à Grande Pátria. Não sei quanto tempo durou, mas como nossos sonhos eram efêmeros, até por conta da agitação cultural natural de nós jovens, a Batróvia foi ficando de lado e antes que a Villa Flor fechasse, desapareceu. Alguns dizem que teve o mesmo destino da Atlântida. Outros, que fora anexada a um dos países que foram afastados para caber a Batróvia numa ponta do território Ficou apenas o quadro entalhado fixado na parede e a saudade.

Na Villa Flor vivenciamos todas as fases culturais e movimentos que mudaram o Brasil e construíram nossa história. As negras noites dos anos de chumbo, o tropicalismo irreverente que o regime militar não sei como deixou passar despercebido, a resistência do CPC da UNE, com uma larga permanência de João do Vale nos nossos encontros com “carcará” e “peba na pimenta” nas noites da Galeria. Ali foi o pouso seguro e agradável de quase todos os artistas da música e do teatro que estiveram em Natal naqueles anos e que procuravam um lugar tranquilo para conhecer a cultura da terra.

Em 1969, no mês de setembro, faltando apenas três meses para minha formatura em Medicina, fui preso pela Polícia Federal dentro da Reitoria da UFRN onde era bolsista na Editora Universitária., Exercia, desde 1964, quando ingressei na Faculdade de Medicina, liderança universitária, tanto no Diretório da Faculdade quanto no DCE, que fui vice-Presidente e até na Federação de Desportos Uni-

versitários. Liderança que era atrelada a esquerda universitária mas apostando no diálogo, sem provocações nem confrontos desnecessários contra o regime. Preso nas dependências do quartel do Exército, incomunicável, tive a solidariedade dos amigos que junto com meus familiares se mobilizaram para que eu fosse solto, sabendo-me completamente sem culpa. Essa mobilização envolveu desde o Reitor até o senador Dinarte Mariz e após uma semana, num final da tarde, fui solto. O jipe do Exército me deixou em casa. Fora uma denúncia sem fundamento. À noite, como habitualmente, fui à Villa Flor e recebido com todas as festas. Coincidentemente, o ator Paulo Autran estava em Natal para um espetáculo no Teatro Alberto Maranhão e como todos os artistas que vinham a Natal, estava na Villa Flor. Sabendo-me recém liberto e para minha honra e meu orgulho, homenageou-me com a declamação de um poema que infelizmente não me lembro de quem mas que falava de liberdade. Pena que a gente não tinha câmera de fotos e filmagem como agora para registrar tudo.

Vivemos a tropicália, os festivais de música de Natal e quase sempre um de nós era premiado. Nesses festivais, o grupo da Villa Flor participava unido torcendo pelos nossos compositores e cantores e sempre achincalhava os adversários com bombas de São João, rolos de papel higiênico e chuvas de bolinhas de papel. Jomar Jackson, um fabuloso artista daqui de Natal era o mais audacioso e chegava a levar sacos de ovos em que ele pacientemente injetava amoníaco com seringa, uns dois dias antes, para apodrecer. Era um “peido de véia” caseiro que empestiava o público e a plateia do Palácio dos Esportes para desespero do público e dos artistas que se apresentavam.

Minhas atividades de liderança universitária incluíam também as atividades culturais, promovendo festivais e concursos de literatura. Logo após o golpe de 64, encenamos no auditório da Escola de Música da UFRN, na praça Pedro Velho um musical tipo Opinião apresentado no Rio, com músicas de protesto e textos críticos remanescentes do CPC da UNE. Como o auditório não era tão visível, passamos despercebidos da censura que ainda não estava tão bem aparelhada.

Nos anos seguintes fizemos festivais de música, folclore e pintura no Palácio dos Esportes mas sempre tendo que discutir com a censura, tudo que deveria ser apresentado.

Em 1968 com o retorno do Teatro Universitário sob o comando do nosso grupo, com o nome de Teatro Novo Universitário e a sigla TONUS, encenamos “As troianas” de Eurípides numa adaptação de Sartre que readaptei junto com Carlos Furtado, com o que mais de vanguarda já se apresentou em Natal, por um grupo local. Encarregado dos costumes, usei tirar as vestimentas gregas dos soldados, vestindo-os com macacões de trabalhadores. Diva Cunha, a Cassandra que enlouquecera, vestia-se como uma hippie, com flores nos cabelos e trazia na mão, em vez de uma tocha acesa, uma lanterna a pilha. A música incidental era de Joel de Carvalho. O cenário de Marcos Silva era uma máquina onde um painel móvel expunha o poema PAZ/PUS. Os vencidos mobilizavam o painel para PAZ, os vencedores ao entrarem em cena, mudavam para PUS. As fotos de projeção no cenário eram de Frederico Marcos e textos da encíclica Populorum Progressio estavam pintados em dezenas de metros de faixas que circulavam os balcões dos camarotes e terminavam amontoadas no palco ao lado de cercas de isolamentos de arame farpado.

O catálogo foi censurado pela Polícia Federal pois tinha uma foto de Che Guevara com uma frase do texto da peça mas que tivemos que substituir a foto por uma frase escrita à mão, depois que a censura liberou: “Aqui havia a foto de um guerrilheiro morto”.

A peça teve muita repercussão e até primeira página da Tribuna do Norte mas só foi exibida uma única vez. Em 2018 completou 50 anos de sua exibição. Ensaíamos o texto, e fizemos muito laboratório de interpretação na Villa Flor e acabávamos fazendo uma paródia, lá mesmo, esbrachando o texto. O foco era a personagem Hécuba, interpretada por Adrimaria Rocha que lamentando-se pela morte do filho Heitor a gente parodiava brincando: “Ai de mim, quenga velha...”

Era assim a Villa Flor. Não sei por qual razão fechou. Provavelmente por terminado seu ciclo na história cultural da cidade. Augusto Severo Neto era o grande líder. Grande poeta, amigo verdadeiros dos amigos, escritor com a facilidade vernácula que nos concedeu o desenho das capas de alguns dos seus livros. Lucinha Beltrão, sua esposa era nossa mãe adotiva. Tão amada e tão querida. Psicóloga nos ouvia a todos nos tortuosos caminhos que enfrentamos e nas tantas dúvidas da vida.

Um tempo que não volta mais e que nos remonta a uma saudade tão intensa que nos dias de hoje, algumas vezes que passo caminhando pela rua general Varela que é perpendicular a vila Palatinik, ousou olhar mui sorrateiramente para o lugar onde funcionou a Galeria Villa Flor de Augusto e Lúcia, esperando ver a turma toda, nas noites claras e tropicais de Natal, sentada na calçada, em bancos, no meio fio, nas cadeiras cedidas pelos vizinhos, cantando alegremente saudando a vida. A nossa vida.

IAPERI ARAUJO é médico, escritor e artista plástico. Membro da Academia norte-rio-grandense de Letras e presidente o Conselho Estadual de Cultura. Autor de vários livros, dentre eles “Chão de Epidauro”, “Medicina na Língua do Povo” e “No rastro dos cangaceiros”.

NÃO GUARDO CADERNOS

Lívio Oliveira

Não guardo cadernos com folhas delicadas. A vida me ofereceu apenas uns blocos amarelados de papel com espiral em arame, onde derramo as minhas memórias lacunosas e os meus haicais surrealistas, pra lá de milium. Mesmo assim, sigo fazendo anotações de minhas travessias e travessuras, sem deixar jamais de ser o menino que se arvorava em liberdades desembestadas nas esquinas móveis do Barro Vermelho, lá onde ouvira, pela primeira vez, o nome de um poeta, Segundo Wanderley, que ainda dá nome à rua onde vivi por quase trinta anos, eu brincante, desavisado dos riscos que correria ao longo dos muitos dias que se estenderiam até aqui, talvez ainda agora me conduzindo a outras horas colecionadas lá adiante, neste ba(i)rro, nesta terra e noutras, molhadas pelos ventos de agosto, que replicam meus aniversários tardios de leonino. Tudo lá atrás e lá adiante. O que vale é ter coragem de viver isso e mais um bocadinho. E montar mais peças de tempos e horas. Misturar vida e poesia, pra dar e tirar o sentido das coisas tão triviais.

LÍVIO OLIVEIRA é poeta, escritor e Procurador Federal, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e de outras instituições culturais. Autor de “O Colecionador de Horas”, “O Teorema da Feira” e vários outros livros.

A RAZÃO DA MELANCOLIA EM COMPANHEIRO ACÁCIO

Clauder Arcanjo

Ontem, no meio da tarde, após uns compromissos meus na área de exames médicos, dou com Companheiro Acácio em uma das mesas do café na livraria da cidade. De longe, percebi-o macambúzio e enfiado em divagações. A amizade decifra-nos de longe, bem sei.

Fingi interesse em alguns livros de sociologia, a fim de me aproximar da sua mesa, quem sabe seria por ele notado. Nada, os olhos de Acácio visavam o longe, o próximo lhe era completamente invisível e indiferente.

Então, distanciei-me, respeitando o momento de introspecção do Companheiro. No entanto, confesso, não resisti mais de que cinco minutos. Sobreçado com algumas obras recém-lançadas, eu caminhei para uma das mesas da cafeteria, em busca de um lugar para sorver um donzelo; bem como folhear os exemplares escolhidos. E, nesse rito, ao final adquirir, na minha visão, os melhores tomos.

Quando eu, assumo que de forma um pouco escandalosa, chamei pela garçonete, Acácio elevou-me o olhar.

— Acácio!?!...

Senti-o deveras sorumbático, quase nas raias do campo escuro da depressão.

Sem aguardar o seu consentimento, mudei-me para a sua mesa.

De imediato, percebi que ele estava a folhear Reflexões sobre a vaidade dos homens, de Matias Aires.

— Nova edição?

— ...

Como me apresentara reticências como resposta, concluí: o caso é grave; Acácio, quando se trata de livros, é sempre efusivo, beirando o campo do fanatismo. Julguei-o bem mau, afundado como dizem os psiquiatras.

Resolvi instigá-lo, lendo-lhe uma passagem do livro *Uma lágrima furtiva*, de Nélida Piñon:

Meu ofício

Escrever é o que sei fazer. Narrar me insere na corrente sanguínea do humano e me assegura que assim prossigo na contagem dos minutos da vida alheia. Pois nada deve ser esquecido, deixado ao relento. Há que pinçar a história dos sentimentos a partir da perplexidade sentida pelo homem que, na solidão da caverna, acendeu o primeiro fogo.

Ele nada respondeu; melhor, a nada reagia. Senti em suas mãos de vidro um quê de Melancolia que não sei como descrever. Sim, optei pela grafia de melancolia à moda simbolista, com “M” maiúsculo. Em certos momentos, e aquele em especial, Acácio se transpõe para um universo deveras simbolista. Um Cruz e Souza do semiárido, poderíamos alcunhá-lo.

Pedi à atendente que nos trouxesse o de sempre. O seu café expresso e a água mineral com gás ficaram sobre a mesinha, mas ele nem sequer se serviu. Enquanto o café esfriava, cuidei de analisar o *Companheiro*. Os olhos escuros traziam o sinete de dias mal dormidos, os lábios cerrados, os dentes em discreto rangido, as mãos pensas sobre o tampo da mesa, com um leve tremor, mais de desfastio do que de medo ou receio. Contudo, o olhar. Ah, o olhar de Acácio não lhe caía bem!; melhor, me assustava. Via-o em compasso de dor e tristeza, abraçado a uma angústia de que nunca o soubera vítima.

De repente, ele se levantou e pediu licença para ir ao banheiro. Ao caminhar, percebi-o claudicante. O joelho direito, suspeitei.

Ao retornar, ele não parou em nenhuma estante, não folheu um livro sequer, e, com isso, constatei, sem mais delongas: “Acácio não está bem”.

— Companheiro Acácio, algum problema? Posso lhe ajudar? Amigo é para...

Ele, discreto, elevou a mão direita, e aquilo foi o bastante para me levar às cordas do silêncio.

Minutos depois, um leve pigarro e um folhear lento no Matias Aires.

— A literatura, Clauder Arcanjo, resistiria sem a droga da vaidade? Escrever não seria, antes de tudo, um ato de exibicionismo pessoal? Se eu quero ser aprendiz e humilde, não seria o caso de parar de escrever? — propalou, em indagações sucessivas.

— ...

— Meu amigo Arcanjo! O mundo se me apresenta cinza, a saúde me falta, e a paciência com os homens ditos de cultura, vaidosos como quê, me foge por entre os dedos. Não aguento mais... Não aguento... — Mal pronunciou tais sentenças, Acácio afundou num silêncio ainda mais opressor do que as suas questões.

— Companheiro, você, e não faz muitos anos, me apresentou uma passagem deste mesmo livro do Matias Aires em que, salvo engano, ele professava: “A vaidade por ser causa de alguns males não deixa de ser princípio de alguns bens.”

Acácio, então, abaixou a face, passando a mão pequena no lombo da nova edição de Reflexões sobre a vaidade dos homens, como em modos de carinho; e, antes de se levantar, segredou-me:

— Clauder Arcanjo, acho que ando um pouco cansado, e isto vem me tirando a tranquilidade e o poder do raciocínio adequado. Não sei se há razão para tamanha Melancolia minha. Preciso de uma semana sabática. “Que coisa é a vida para todos mais do que

um enleio de vaidades e um giro sucessivo entre o gosto, a dor, a alegria, a tristeza, a aversão e o amor?”

Nisso, achega-se de nós um “promissor talento literário”, festejado por onze entre dez blogueiros culturais da Loura Desposada do Sol; e, sem meias palavras, mas com meias verdades, se dirige ao Companheiro Acácio, com uma presunção de vencedor do Nobel:

— Meu novo livro já nasce clássico, antes mesmo de ser publicado, sabia mestre Acácio? Foram as palavras do meu editor — asseverou, em tom altissonante.

Foi a gota d’água; Companheiro Acácio pede-nos licença e se levanta. Em seguida, alega o início de uma crise de enxaqueca e me deixa, sozinho, com a vaidade daquele novo Baudelaire natalense.

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor, editor e engenheiro civil. Autor de “O Fantasma de Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras e outras instituições culturais.

CONFISSÃO

Cellina Muniz

Não!

Não esperas de mim gratidão.

Para ti, meu amor, dar-te-ei o melhor tempero:

Tempo,

Desassossego,

Duas doses de insônia

E algum punhado de paixão.

Ele era lindo, divino e maravilhoso.

Ela é que não valia muita coisa.

Se ele era versátil em várias frentes de ação e praticava também com maestria as artes da gentileza e da empatia, ela, canalhinha que era, angustiava-se com sua lentidão e formigava de impaciência quando ele pronunciava “nós se encontramos ainda hoje?” ou escrevia no *Messenger* “você trás mas sol pra minha vida”.

E assim, levemente, cansou e migrou para outras paixões. Ele ainda tentou. Ligou umas chamadas que ela ignorou; escreveu poemas que ela não leu; frequentou conversas virtuais de fóruns dos quais ela não participou; partilhou memes dos quais ela não riu. Sua última tentativa, então, muito digna, foi tentar encontrá-la nos inferninhos que ela frequentava.

Buscou-a ele três vezes:

Na primeira, ela havia ido ao banheiro quando ele passou descuidado em frente à fachada do “Resolva sua Vida”; na segunda, o isqueiro dela caiu no chão e ele não a viu, passando apressado com o trânsito diante do “Vê se me esquece”; na terceira, enfim, chegou no salão do “Não me Toque!”, quando ela já estava no grau, rodeada de amigos, e perguntou de cara e de chofre, na frente de todos:

– Podemos conversar?

Era véspera de carnaval. Enquanto ela pensava em fantasias e adereços, não se importou em machucar um coração. Respondeu:

– Na próxima semana, lá pelo dia 31 de fevereiro, a gente conversa.

Nem para ser sarcástica ela prestava.

Porque era uma tolinha que, embora tivesse justiça na sua vontade de solidão e de liberdade, sabia ser desnecessariamente per-versa na tentativa de autoafirmação.

Ele cansou, então. À sua maneira, ele sumiu, gentil e discretamente, de maneira muito mais nobre que aquela com a qual ela cansou dele também.

Ela só percebeu isso quando, um dia, olhando um casal veloz na tarde de uma janela de ônibus, deu-se conta:

Ele sumiu.

Foi quando ele sumiu e ela se dedicou a outras alegrias e aborrecimentos, foi assim, distraidamente, que a vida, no seu eterno movimento, veio lhe dar resposta para aquele erro que se confessa aqui e agora. A rejeição que ela deu a ele.

Foi na época em que arranjou novo emprego. Era uma empresa nova, arrojada, micro-negócio ligado a aplicativos. Ocupava uma função em que se fazia a ponte de alguns tipos de serviços: comida, viagem, amor. Havia várias frentes de ação e ela atuava na logística com mais três figuras: Armando, testa de ferro, sempre quieto, meio que o chefe; Talles, o sabe-tudo dos computadores e programas; Cristian, a bicha das mais criativas ideias; e, por fim, ela. A menos interessante.

O que fazia? Transitava entre os três. Era pau para toda obra, barco que se rema para todo lado. E concorria com todos. De alguma forma, todos ali se sabotavam e assim se entendiam. Conviviam.

Mas, no fundo no fundo, em certas noites, só entre ela e seu travesseiro, indagava-se às potestades:

– Por que somos assim, humanidade?

Ó, Bartlebly! – ela vociferava consigo mesma, assumindo seu sistema de injustiça, como se assim passasse a ser mais digna, ela, aquela injusta...

Além de injusta, era também amiga do Calado, que trabalhava em outro escritório do mesmo prédio, e que por sua vez era amigo tanto do Cristian quanto do Caio, um rapaz com uma bronca na mão esquerda que de vez em quando chegava lá no escritório com ele.

Ela cismou com o Caio e aquele “defeitinho”. Esse maneta há de cair por mim, pensava, cega pelo sol Vaidade do sistema solar Ego. E chegava junto sempre que ele aparecia, como quem não quer nada, dizendo piadinhas, frases de efeito, máximas generalizantes sem nenhum sentido e piscadelas impertinentes.

Um dia, quando saíam todos para um *happy hour*, em um momento em que Caio, sempre educado e discreto, foi ao banheiro, ela resolveu atacar. Esperava-o à saída quando, ao vê-la, ele foi logo proclamando, em voz baixa e bem pausadamente:

– Não percebes que eu te detesto? Eu te DE-TES-TO!

DE-

TES-

TO.

Ela respirou em três fôlegos. Depois, em resposta, deu um riso raso e falso, uma rabissaca de quem não se rende nem no cada-falso e saiu de cena.

No dia seguinte, ela, espírito vil e ressentido, era só desumanidade: jogava lixo na rua bem próxima à lixeira; não dava a preferencial para o carro pedindo passagem; virava a cara para o mendigo

deitado na esquina justificando-se que não era pobre o suficiente para dar esmola, ela, que se achava tão inteligente... Armando, Talles e Cristian nem se atreviam a chegar perto dela por aqueles dias. Para tudo, ela era só um feioso e febril “foda-se”.

Afinal, toda aquela febre feia se converteu em tristeza quando parou um momento com um copo d’água no meio de sua cozinha, perto das 11:11 de uma noite de terça-feira e recordou enfim os olhos frios de Caio encarando-a e pronunciando pausadamente as sílabas:

– Eu te DE-*TES*-TO!

Os sábios dizem que psicopatas não sentem nada de culpa ou remorso. Mas depois que Caio cuspiu em seu querer, ela não parou mais de relembrar aquele que outrora lhe perguntou:

– Você quer mim ver?

Sim, ela sentia. Entendeu. Confessava, então. Finalmente compreendeu que ele, com todos os seus problemas de português, era lindo, divino e maravilhoso...

Ela é que não valia muita coisa.

CELLINA MUNIZ é escritora, pesquisadora e professora do Departamento de Letras da UFRN. Autora de vários livros de pesquisas, com destaque para sua obra de ficção, ‘O livro de contos de Alice N.’ (2012), ‘Uns contos ordinários’ (2014), e mais recentemente, ‘Contos do mundo delirante’ (2018).

AS MANGAS

Francisco Sobreira

Sábado, fim de tarde, bebia em um bar que descobrira da primeira vez em que estivera naquela cidade. Encantara-se com o ambiente, ao ar livre, duas frondosas mangueiras na entrada, a área suficientemente espaçosa para quem desejasse isolar-se dos outros clientes. Não frequentara outro bar, durante os dias em que permanecera na cidade, e, ao voltar, após muito tempo, procurou-o e ficou feliz por ele ainda estar funcionando.

O ambiente (mas sobretudo a hora, quando diminuía bastante o número de frequentadores) estimulava a meditação de um solitário - e ele estava absorvido em pensamentos que se sucediam em uma intensa celeridade, como se o próprio cérebro se recusasse a reter cada um deles por mais de uns dois minutos. De repente, foi arrancado de seus pensamentos por um barulho de vozes. E o que lhe despertou a atenção é que o barulho não era igual ao de pessoas envolvidas em uma altercação, tão comum em mesa de bar. O tom das vozes era alegre, de animação, mais identificado com a bulha das crianças quando estão brincando. Percebeu que as vozes procediam do lugar onde se erguiam as mangueiras, e, impressionado, deixou a mesa e caminhou até lá. Ao se aproximar, teve uma bruta surpresa: três marmanjos atiravam pedras nos frutos pendentes de uma das mangueiras, tentando derrubá-los. Três homens de meia-idade, brincando feito crianças em um lugar para adultos. Imaginou que eles, talvez ainda há pouco, estivessem ao ponto de se digladiar em uma estéril e desgastante discussão sobre os políticos, e, de repente, tinham-na abandonado, ao descobrirem aquelas mangas oferecendo-se para serem colhidas.

A cena, insólita, era capaz de atizar a zombaria, mas, ao mesmo tempo, havia nela componentes de nostalgia da infância, que lhe calou fundo. Observando aqueles homens de idades batendo

mais ou menos com a sua, que tentavam, talvez inconscientemente, recuperar uma parte do tempo de meninos, ele se viu também menino, galgando muros proibidos para roubar mangas, subindo em árvores, atirando pedras nos frutos. E então, intensa, veio-lhe a vontade de reunir-se aos coroas, pegar uma pedra para acertar as mangas. Depois de derrubá-las, as juntaria em um saco plástico, levando-as para chupá-las no quarto do hotel.

Mas o receio de se criar um clima de intimidade com os estranhos prevaleceu, e, resignado, voltou para a mesa e os pensamentos.

FRANCISCO SOBREIRA é escritor e poeta. Autor de “A Morte Trágica de Alain Delon”, “A Noite Mágica”, “A Venda Retirada,” e outros livros. Cinéfilo, foi presidente do Cineclubes Tirol, de Natal, e do Clube de Cinema, de Fortaleza. Vencedor de vários concursos literários, está incluso em várias antologias.

O SILÊNCIO

Elder Heronildes

Pensava no silêncio, e com ele, na vida, e na morte.

O silêncio que, penetrante, parecia zumbir. Era morno e morto. Mexia nas entranhas e refazia-se como se tentasse ser o que não era, munido apenas da lembrança que palidamente esvoaçava o cérebro.

O silêncio pode ser torturante, pois se insere no íntimo sutilmente, como se existisse, pondo em relevo sons carregados de mistérios. Os mistérios do oculto, vale a redundância. Não há maior tortura do que o silêncio asfixiante que só existe em você mesmo, por mais que em volta de si muitos circulem, muitos falem, muitos se mexam, sem força suficiente para quebrar o silêncio que domina o cérebro.

O cérebro dominado pelo silêncio, é força positiva, ou negativa, e neste caso, tudo pode gerar, como fonte agregadora ou não.

Quantos não morrem, por não compreenderem o silêncio que as vezes é trevas! Quantos não encontram na extremidade, o último refúgio para o silêncio que lhe é mortal, porque contamina a vida, sem vida.

E quando vida queda-se desamparado em busca daquilo que lhe flui, embora internamente, sem nenhum estremecimento, sem nada, enfim, que pensar em existência, ser, humano, corporificando em silêncio, criando atmosfera do nada, sendo tudo.

O silêncio parece impenetrável, embora penetre, e o seja, pois invisivelmente e sobrenaturalmente, fazendo com que haja o debate mental intrínseco e extrínseco, entre o misterioso, o visível, o oculto, escalonando etapas por entre o inefável e a brancura do que existe, sem ser penetrado.

Parecendo constituir-se numa molécula intransparente e subjacente ao próprio ser, que em silêncio desfruta um modo instantâneo de

vida que não se aplica, e nem pode, mas que deixa, silenciosamente, um estado de espírito de inquietação e disformidade. É assim, que o visível mostra-se mais oculto e mais misterioso do que o invisível.

Nunca se pensa no silêncio como força penetrante, mas estado e calma do espiritual por sua própria natureza, fazendo do ser inanimado, uma partícula de vida, mesmo sem saber o exato poder da sua compreensão e abrangência, do verossímil abstracionismo.

Do impressionismo carregado de presságios supersensoriais e evado de superstições sibilinas e infiltrantes no ser silencioso, já por demais contaminado por uma força que com ruídos indecifráveis, embora silenciosos, paira acima da compreensão humana.

O silêncio estabelece sinuosamente um estado de torpor e de medo como se aquele estado de loucura sofresse as terríveis mutações de um grito que não é ouvido, mas sentido.

Sentir o silêncio não é ouvi-lo. Ele existe por si mesmo, sob um manto indecifrável de condicionamentos interiores, numa abstração inviolável, nascendo e desenvolvendo-se em moléculas sequenciadas numa abrangência que não se exterioriza, por força de sua própria natureza, como elemento incriado e absorvido por um contexto que é a expressão dele mesmo, memorizada.

Como se extraísse da memória, silenciosamente, a própria vida, em si inacabada, volátil e sempre abstracionável pela força do espírito em transmutações constantes, como um verdadeiro mótu contínuo.

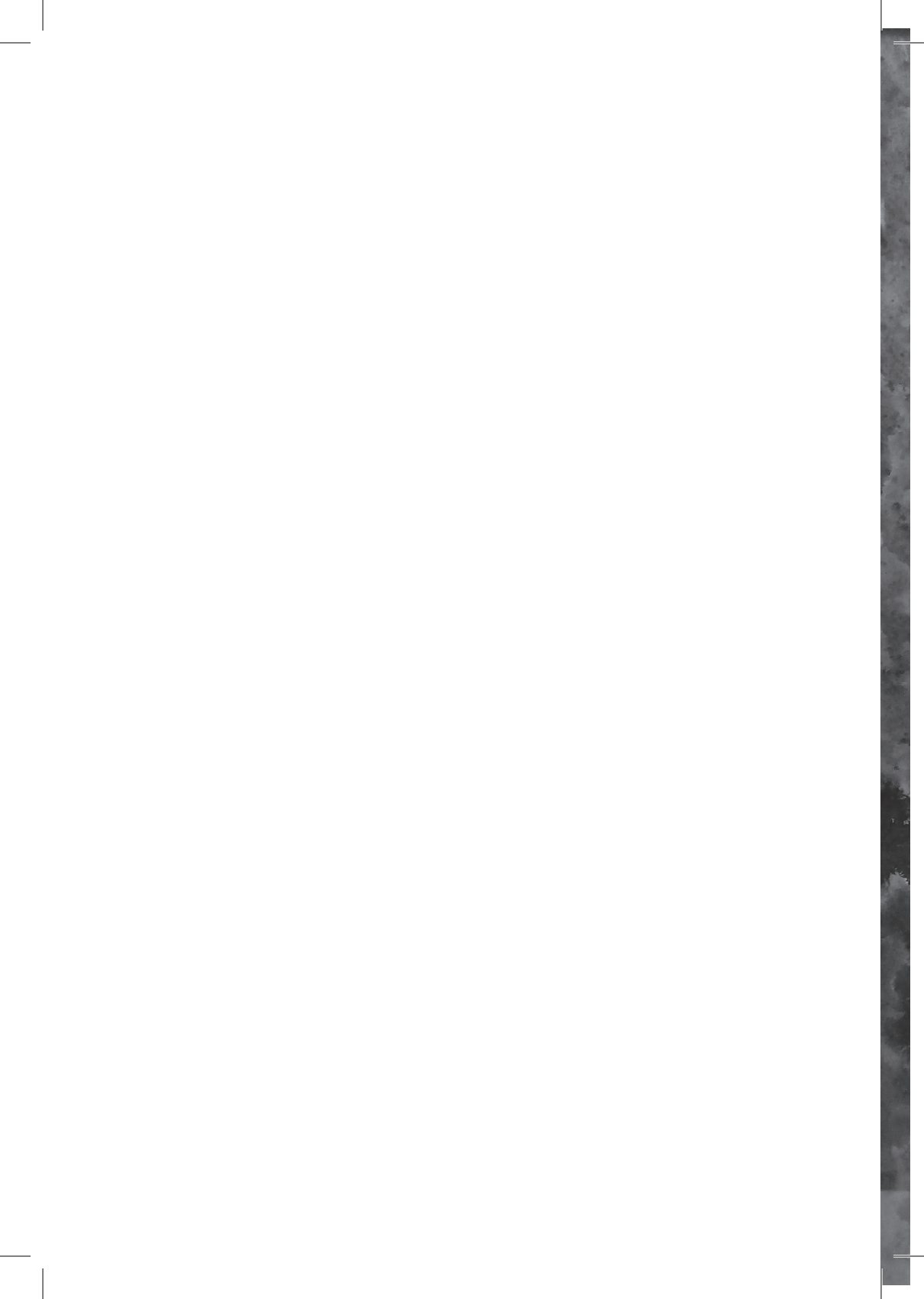
Criar o silêncio, em si, é tê-lo permanentemente como força inspiradora de todas as sequências existenciais, reerguendo a vida conscientemente num envoltório de luz, extraído do próprio caos ao qual caíra pela inexpressividade do condutor, na ânsia incontida da sobrevivência e imaterialidade do ser.

O silêncio é fecundo, profundo e atinge o cerne do cérebro num envoltório de contorcionismo digno dos maiores e melhores prestidigitadores, fazendo do nada tudo que possibilite o sentimento arraigado da criação.

É uma espécie de estado perfeito da comunicação, estabelecendo a harmonização individual para chegar ao coletivo social, esteticamente belo, numa unidade indissociável do ser humano, fazendo emergir a intrínseca relação que é comum a todos.

Cuide do silêncio, pois, sem ele, o silêncio, não seremos.

ELDER HERONILDES é escritor e advogado, autor de “A Rua de Jaime” e outros livros. Presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL) e ocupa a cadeira nº 37 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.



HUMOR NOSSO DE CADA DIA





MEMÓRIA POPULAR II

(FOLCLORE POLÍTICO E SOCIAL DO RN)

Valério Mesquita

01) Corria o ano da trégua de 1978. Falava-se em armistícios e desarmamentos. Até parecia que a paz de Cristo estava com todos. Mas, verdadeiramente era a paz pública preconizada e aceita pelo então governador Tarcísio de Vasconcelos Maia. Nas ruas a eleição pra senador: Jessé Freire versus Radir Pereira. O grupo político liderado por Aluízio Alves que saía da pena cominatória da cassação, apoiava a candidatura da Arena. Período de melindres, de gestos estudados e de discrição. Instalara-se o reinado tarcisista da circunscrição. Os estilos diferenciados de Alves e Maia não tardariam a ser descobertos nos palanques. Certa noite, o comício rolava solto embalado pelas frases de efeito e a animação irreverente do famoso locutor Souza Silva, o Chico Telefone: “Alô, alô, frasqueira”, “Alô Deus, tá demais, tá demais...” e por aí saudava um e outro orador da vez. Ao lado, Tarcísio Maia, em pé, sereno, compenetrado, fazia sinais parcimoniosos para o assessor João Batista Machado, a fim de se aproximar, numa simbologia aflita de S.O.S, porém prudente, sem perder a liturgia do cargo. Inclinando a cabeça, Machadinho foi todo ouvidos. “Machado, não quero ser apresentado por esse rapaz. Chame o Samuel Fernandes do Cerimonial do Palácio para me anunciar...”. E assim foi feito. Ficou a lição do velho Boileau: “O estilo é o homem mesmo”.

02) Voltando ao interior, chega-me a história de Luís, empregado do misto de São Tomé. Para os que não sabem, misto era um caminhão de duas boléias que imperava no transporte de feirantes lá pelos idos de 50 e 60. D. Maria, tia de Levi, ex-bancário natalense, hoje radicado em São Tomé, possuía um terreno ao lado de sua casa, que oferecia banho aos caminhoneiros e feirantes, calcinados pela poeira e sol escaldante dos tempos de seca e falta d’água. Chegado

de viagem, Luís foi procurar o banho. D. Maria, porém, advertiu que “a água estava escassa”. Luís insistiu. “Só se for economizando muito”, resumiu D. Maria. Ao cabo de alguns minutos, observando por perto que não ouvia o barulho da água derramada pela cuia, preocupou-se e bateu à porta do banheiro. “Seu Luís, ô seu Luís, tá acontecendo alguma coisa? Não tá tomando banho, não? Uma resposta tranqüila veio lá de dentro: “A senhora não falou prá não gastar a água. Tou tomando banho dentro do tanque...”.

03) Macaíba é um filão inesgotável de histórias e de tipos inesquecíveis. No final de semana reencontrei um velho amigo e conterrâneo hoje residente em Natal. Relembrou-me antigas passagens da vida emocional da cidade. Brindamos a vidinha de ontem e de hoje falando de coisas, de pessoas, daquela atmosfera lírica do final dos anos cinqüenta para o início dos sessenta, sob testemunho e juramento do bom vinho do Porto. Só me pediu para que não revelasse o seu nome. E logo me contou uma do Delegado de Macaíba, homem valente e de pavio curto designado no governo Dinarte Mariz para “resolver as pelepas políticas e as pendências dos contrários”. Aliás, delegado político naquele tempo era o que não faltava pelo interior do Rio Grande do Norte. Tratava-se de um tenentão, alto, olhos azuis, namorador, arbitrário, cuja presença no cabaré inibia até ereção. Tudo aquilo que representasse jogatina, roleta 36, jogo do bicho, caipira, etc., era permitido desde que pagasse “dízimo” à delegacia. Mas, o contraponto da conduta policial era proibir jogo de sinuca para os menores de dezoito anos. Nós dois estávamos inseridos no contexto proibitório, e, por várias vezes, batíamos em fuga com a aproximação dos marrons fardados. Nessa época, Nelson Gonçalves desfilava os últimos sucessos que embalavam a boemia local nas festas e nos bares. Inclusive, lembra-me o amigo, ele estivera na cidade cantando no Pax Clube. Mas a nossa história começa no bar de Jorge Leite da Costa que fora arrendado a uma família chegada a Macaíba, vinda do interior. Uma garota, filha do locatário, tornou-se a sensação da cidade em plena rua João Pessoa, coração do comércio. Rosto e pernas bonitas, olhos e cabelos

sensuais, tudo enfim, enfeitiçava a galera jovem que começou a fazer ponto no tradicional bar de Jorge Walkiria, assim chamado por causa da marca do seu charuto. Uma garota como Ivânia – esse o seu nome – o delegado tenente logo iria capturá-la – à guisa de proteção às atividades comerciais da família. Afinal, eram forasteiros. E, assim aconteceu. “Seu Delega” apaixonou-se, comentavam as vozes da rua. E logo chegou uma radiola novinha comprada na Importadora Omar Medeiros, Natal. A musa sentava-se à calçada ouvindo as canções de Nelson: “a flor do meu bairro, tinha o lirismo da lua...”. O vestidinho curto mostrava uma nudez parcial para desespero do delegado. A turma entrava no bar mesmo sem ter o que comprar. Inventava. O fato estava atrapalhando as missões e investigações do tenente que transferiu o seu expediente funcional para o bar. Qualquer olhar indecoroso de algum distraído esbarrava na cara do delegado. “O que foi que viu? Dê o fora!”. A coisa atingiu um ponto que a delegacia se tornou um problema muito menor do que a incolumidade física da “flor do nosso bairro”. O ciúme policial havia chegado às raias do absurdo. Mas, só depois que um conhecido vereador foi surrado pelo delegado, flagrado com a sua paquera em atitude libidinosa no escurinho da esquina, é que tudo terminou. O tenente foi transferido, Nelson emudeceu, o bar fechou e a cidade perdeu a musa que veio de longe. Dia seguinte, a rapaziada afanosa procurava saber para onde havia partido a princesa. E teve gente que foi atrás. Aí começa outra história.

04) Aluizio Alves quando governador, encontrava uma maneira sutil e engenhosa para resolver os conflitos políticos de Nova Cruz e Goianinha. Ao pipocar um problema político em Nova Cruz, vindo na crista da onda o líder Lauro Arruda, seu correligionário mais brabo que “siri numa lata”, Aluizio recorria ao condestável Paulo Nívio Barbalho para exorcizar Arruda. Contornada a crise, Paulo, dia seguinte, posava de conciliador no palácio da Esperança. Mas, o sismógrafo político daquelas bandas sempre registrava tremores de terra. Dessa vez foi o indomável Paulo Nívio que entrou em rota de colisão com o governo. O barulho era grande e muito

ampliado na voz estoante de Barbalho que assumia proporções de fortes trovoadas. Aluizio contempla a cena e pede a Lauro Arruda, de Nova Cruz, que contenha os arroubos de Barbalho em Goianinha. E mais uma vez, o governador assistiu uma briga política evitada, utilizando a diplomacia agresteira embasada nos postulados emocionais de bombeiros tão complexos quanto contraditórios.

05) Nonato Aranha, era comerciante em Jardim de Piranhas. Hora do almoço saiu de fininho e disse ao empregado Cicinho que ia para casa. No caminho, preconcebidamente, quebrou a esquina e foi receber uma “promissória” no lupanar local. A luz do cabaré ainda não havia se apagado nele. Sua preferida era Chica Preta, carnuda, ao gosto de Nonato. Terminada a “fricção”, travou-se um áspero diálogo com relação à cotação do mercado. Chica contestou que o pagamento era pouco. Nonato retruca, já impaciente: “Vou deixar o dinheiro aqui em cima da cama”. A mulher bateu o pé e ameaçou: “Se deixar vou levar essa merda na sua mercearia!”. Nonato colocou a grana lá e se mandou. Ao voltar de casa para o seu comércio, o empregado Cicinho foi diligente no recado: “Seu Nonato, Chica Preta deixou esse dinheiro para lhe entregar”. Aí Nonato velho de guerra, não titubeou: “Ô nega honesta pagadeira. Emprestei essa importância de manhã e ela já veio pagar!”.

06) João Agripino e Walfredo Gurgel foram os dois ex-governadores que pontificaram na vida pública do Nordeste, desde os anos quarenta até perto de 1980, apesar das diferenças partidárias e políticas, tinham afinidades pessoais que marcaram momentos significativos de suas vidas. João Agripino Maia era da UDN e eleito governador da Paraíba na mesma época em que Walfredo Gurgel chegou ao governo do Rio Grande do Norte. O Monseñor pertencia à velha guarda do PSD, conciliador, conservador, mas gostava moderadamente da pinga, como aperitivo nos instantes pontuais e de forma um tanto abusiva do cigarrinho. Agripino era incendiário, ousado, polemista e paquerador incorrigível. Dese coquetel de temperamentos heterogêneos, longe de opor os seus protagonistas, muito fez aproximá-los cada vez mais. A intimidade

chegava ao ponto do padre governador perdoar e até ser conivente com a “bodagem” do seu colega paraibano quando queria fugir dos olhares das arapongas tabajaras e mergulhar fundo no mulheril potiguar. Contou-me o coronel da reserva da Polícia Militar Benedito Queiroz, ex-ajudante de ordens do governador Walfredo Gurgel, sempre que Agripino desejava empreender sua escapada ligava para o monsenhor anunciando sua vinda a Natal a fim de cumprir penitente e penosa missão “oficiosa”. Após o ato de contrição, o Monsenhor chamava o seu Ajudante de Ordens: “Queiroz, apanhe João Agripino no aeroporto e leve um litro do “aperitivo San Raphael”, sua bebida preferida. E para completar a cumplicidade sacerdotal do colega, João Agripino ia mais além. “Walfredo, preciso de um veículo particular para os meus objetivos e esse seu fusquinha está na medida”. Com os olhos azuis e expressivos arregalados, o padre governador exclamou: “O meu carro? Ele é conhecido, tanto a placa quanto a sua cor!”. “Tem nada não”, comentou Agripino com um sorriso zombeteiro. “É para o povo saber que o senhor também frequenta motel”. Mas, segundo o coronel Queiroz a brincadeira quase que pegou, tal era a amizade cordial dos dois governantes.

07) Natal boêmia dos anos cinqüenta. Natal lírica que se reunia toda no Grande Ponto. A história é desse tempo. Era carnaval no reinado do inesquecível Severino Galvão, amigo de Luis de Barros e Roberto Freire. O compositor Dosinho lançava os seus últimos sucessos carnavalescos. E a animação tomava conta da capital que exportava folia. Tanto assim, que os jornais anunciaram a visita do Rei Momo, primeiro e único Severino Galvão, à capital do Oeste – Mossoró, levando toda a sua corte. Não podia haver notícia melhor para o estreitamento das relações entre Natal e Mossoró, pois andavam tensas por causa das estórias que os maledicentes inventavam com os mossoroenses. Tudo pronto, transporte providenciado, discurso afiado do monarca nos trinques, parte a caravana real com confete e serpentina. Mas, em todo reino que se preza, sempre há um vilão à espreita que desmancha prazer e ameaça a coroa. O folião de longo curso Roberto Bezerra Freire resolve bagunçar o coreto e a

viagem. Irreverente e brincalhão o engenheiro natalense enviou telegramas urgentes a Mossoró para o prefeito e o delegado de polícia alertando que “O Rei Momo que está chegando aí é um impostor. Inclusive”, prossegue o teor telegráfico, “ele vai insultar Mossoró urinando praça Rodolfo Fernandes”. Continua: “Trata-se indivíduo perigoso e todo cuidado é pouco. Saudações Roberto Freire”. Ora, o mossoroense habituado, desde a resistência a Lampião, a reagir a provocação, entrou em estado de alerta para não dizer de “sítio”. A chegada que se prenunciava triunfante foi tensa e hostil com todo o destacamento local formado para repelir os embusteiros. Detido o ônibus real do soberano Severino Galvão, ante a sua incontida perplexidade, não precisa dizer que a rainha e os súditos permaneceram prisioneiros no coletivo enquanto o rei momo era conduzido à delegacia para dar explicações sobre a inditosa viagem e o telegrama delator. Só depois de muita negociação diplomática foram liberados. Não havia Telern ainda e o discurso real foi transformado em desculpas intermináveis ante o lamentável incidente que abalou as ligações entre os dois povos.

08) Zé de Papo sempre se distinguiu como uma figura curiosa e querida de Macaíba. Dentre os ofícios que exerceu posso lembrar o de carnavalesco (feiteiro da tribo de índios do bloco de Zé Bata-ta), músico, garçom, boêmio, gostava de caçar e jogar futebol no velho campo do cemitério de Macaíba, pelo time do Rio Branco. Na atividade esportiva, um fato é lembrado ainda com muito humor. Os calções dos clubes de futebol daquele tempo eram ordinários e não possuíam sunga. Zé de Papo parecia possuir um testículo caído que sempre se apresentava ao público sem que ele o percebesse. Nas manobras bruscas, perna levantada, surgia surpreendente o ovo de papo saudando a galera. “Bota pra dentro Zé! Bota pra dentro!”, gritava a torcida. Ele pensava que era a bola e respondia para o público que não fazia gol porque ninguém lhe dava oportunidade.

09) Essa é vulgar, mas popular. Conselho interessante e inusitado ouvi do motorista João Teixeira dos Santos, de Macaíba, ao seu companheiro de profissão Mixteine Álvares, cuja mulher o havia

largado: “Menino, eu sei o que é isso. Mulher é como papel de balcão de bodega. Tem que ter um pau em riba senão “avoa”!!”.

10) O general Castelo Branco quando assumiu o poder, olhava com reservas a política e os políticos do Rio Grande do Norte. Dinarte, pelas suas posições radicais foi o primeiro a cair no desagrado do presidente. Era o início do governo e o senador potiguar, como era o seu estilo, levou ao chefe da nação um rol de vinte itens com pedidos diversos, que ia de obras públicas ao preenchimento de cargos federais. Foi recebido pelo seu colega senador baiano Luiz Viana Filho no amplo gabinete da casa civil da presidência, misturado a tantas outras pessoas. Mesmo com esse desconforto Dinarte abordou as reivindicações uma por uma. A cada proposta negada com polidez e desculpas por Luiz Viana Filho, seu Dida ia riscando. Na última, o velho fez um imenso esforço para não estourar, mas agradeceu ao ministro do gabinete civil, despediu-se e se retirou. Não passou um minuto, Dinarte abriu de novo a porta e aos berros gritou para o assustado ministro: “Luiz, diga ao presidente que dor de barriga não dá só uma vez não!”. O Itans havia sangrado, de barreira a barreira.

11) Quantas figuras, desconhecidas ainda, do folclore político e social não existem perdidas por esse Rio Grande do Norte afora? Uma delas é Bolo-Bolo de Caicó. Bolo-Bolo vendia jornais em Caicó. Na vila militar, onde residiam os suboficiais e oficiais do Batalhão de Engenharia do Exército, no tempo da Revolução, Bolo-Bolo fazia suspense na rua para vender mais jornais. “Olha aí, veja a nova relação dos militares cassados pelo AI-5!!”. Assustadas, as esposas dos militares procuravam saber em qual dos jornais estava a relação. Bolo-Bolo, assumindo um ar arrogante, sentenciava: “Tem que comprar os dois (Diário de Natal e Tribuna do Norte) pois não sei qual o que traz a relação!!”.

12) Luís Carlos, ex-vereador de Eloy de Souza passou-me essas histórias. Consta que Adilson Bilu, prefeito de Senador Eloy de Souza, gozador por natureza, esteve em Brasília hospedado no

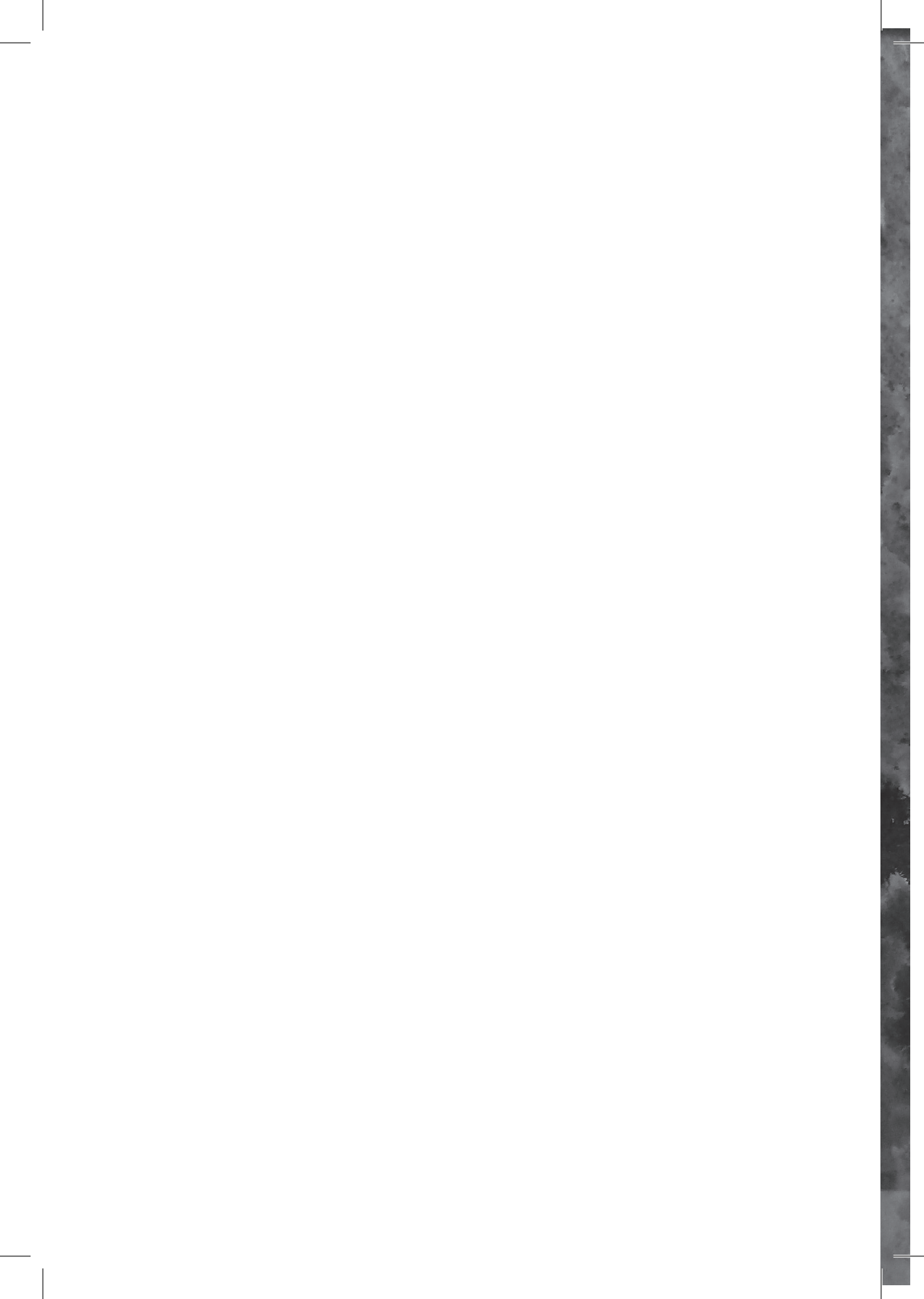
mesmo hotel com os prefeitos Avelino Matias, de Brejinho, conhecido no mundo político como “Meu Pai”, Janilson Ferreira, de São José de Mipibu e Batista, de Georgino Avelino. Adilson não tinha mais com quem aprontar, resolveu telefonar para três “senhoras plantonistas” que, através do real, resolvem os problemas de homens solitários. Só que, ao fazer o contato, deu o número do apartamento onde se encontravam Janilson, Batista e Avelino “Meu Pai”. Quando as caridosas samaritanas chegaram, foram logo tentando ingressar nos finalmentes, enquanto Janilson e Batista tratavam de desfazer o equívoco. Mas a terceira foi a “Meu Pai” que já estava dormindo. Quando conseguiu acordá-lo, aconteceu o seguinte diálogo: “Minha mãe”, disse Avelino, “Deixe eu dormir, pois sou que nem tirador de leite, durmo e acordo cedo”. Diante da insistência da jovem, ele retruca: “Minha fia, pra encerrar essa conversa mole, eu não liguei prá ninguém e eu, Avelino “Meu Pai”, hoje em dia, só como papa”. E encerrou o papo.

13) João Alfredo Pegado Cortez, falecido em 1981, era conhecido em Natal como o “Conde de Miramonte”. E para confirmar a plenitude da autotitulação nobiliárquica residia num castelo, à rua Joaquim Fagundes, Tirol. Foi protagonista, segundo Felipe Augusto Cortez Meira, de inúmeros fatos e situações interessantes. Era espirituoso e repentista. Quando sofreu uma trombose que paralisou todo o lado esquerdo do corpo, chamou o médico da família ao castelo real. Este começou a fazer as indagações preliminares ao paciente. Ao ser informado pelo médico que estava com o lado esquerdo do corpo todo paralisado e qual a providência que tomou ao sentir os primeiros sintomas, o Conde de Miramonte foi irônico e precavido: “passei a p.... para o lado direito”.

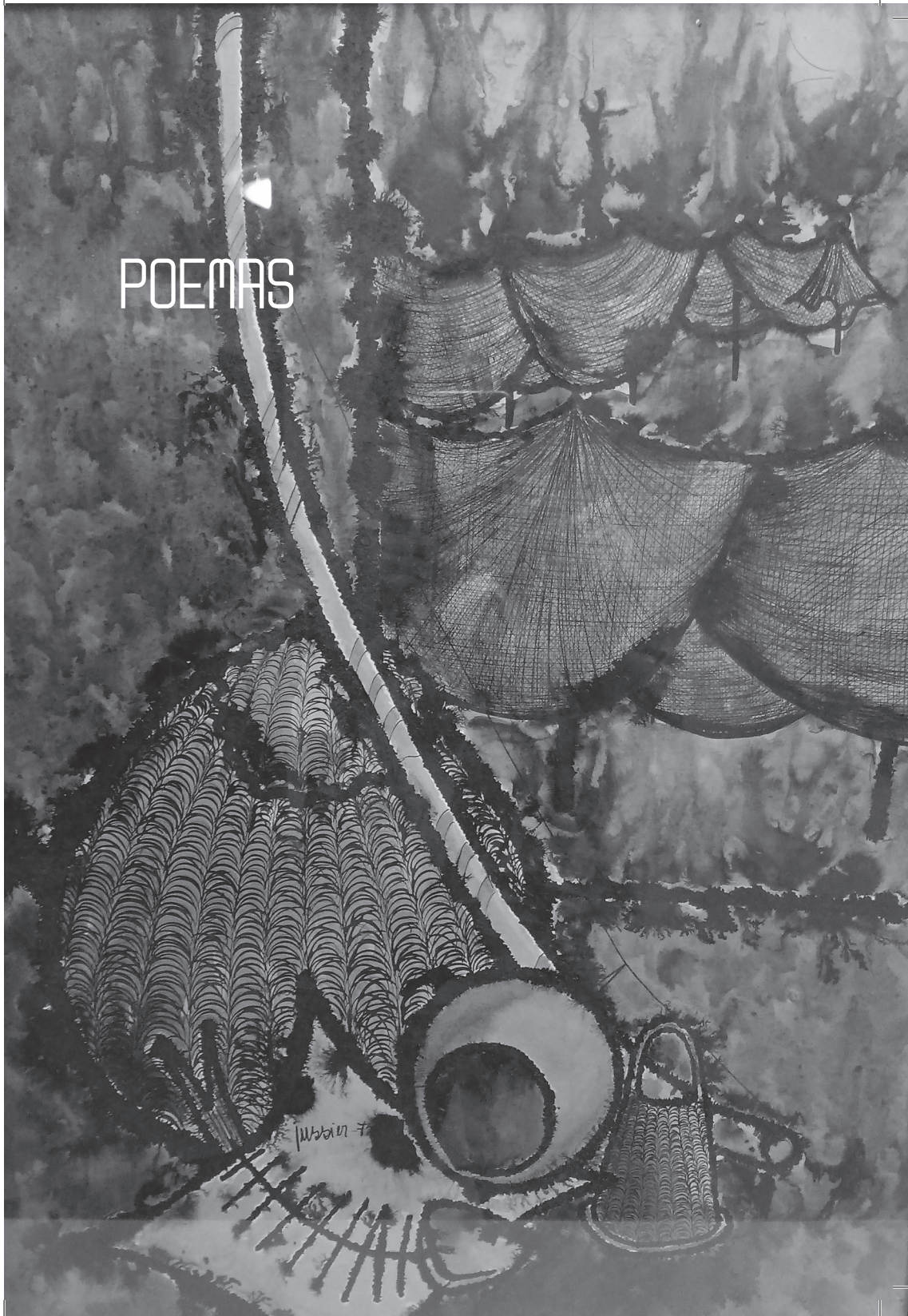
14) O ex-ministro Jarbas Passarinho que já foi da Previdência, da Justiça e da Educação, era um amigo extraordinário do ex-senador Dinarte Mariz. Recentemente, disse a um conterrâneo em Brasília que tinha dois depoimentos a fazer pelo Rio Grande do Norte. O primeiro é que o Estado teve dois grandes reitores: Onofre Lopes e Diógenes da Cunha Lima. O segundo depoimento é a correção de

uma frase atribuída ao ex-senador Agenor Maria: “Melhor do que o Senado só o céu”. Passarinho explica que é testemunha que Dinarte disse melhor: “O Senado é melhor do que o céu porque para alcançá-lo não era preciso morrer”.

VALÉRIO MESQUITA é escritor, autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Fundação José Augusto.



POEMAS





UM SONETO

Jarbas Martins

A Irani, quem amo

Não havia janelas para vê-las
e novelas no rádio habituais.
Havia um cortejo só de estrelas,
Bilac e um verso pálido demais.

Numa missa a te ver pude entendê-las
A luz em teu cabelo e nos vitrais.
Nossos querereres, missas e missais
E as paixões tão difíceis de prevê-las.

Meu olhar fixo a se espelhar no teu,
Uma voz pastichando o corifeu.
De Vinicius de Moraes, o encantado.

De tudo ao meu amor serei atento,
Até ao mais velado pensamento
no céu de minha boca enunciado.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

TRÊS SONETOS EM TRÊS TEMPOS

Roberto Lima

MEMENTO DE BÚZIOS

Na dança das areias, era o vento
A melodia, o ritmo e o repouso.
Nas dunas, a paisagem do seu pouso
Refazia-se em ondas ao relento...

Ao largo, o mar de Búzios: cata-vento
De lembranças, vivências que inda ousou
Navegar neste barco, onde repouso
Meu sonho de voltar: prece, memento...

- Praia de conchas e corais, sargaços,
Ancoradouro antigo dos abraços
Abraçados nas réstias do luar,

Da paisagem bucólica, somente
A lembrança insuspeita, em minha mente,
De um rebanho pastando à beira mar...

Praia de Búzios, 1988

AUSÊNCIAS

Revejo a casa, silenciosa trova.
Aqui, se ouviam versos e cantigas,
Hoje lembranças quase tão antigas
A contrastar com essa tristeza nova...

Meu coração – eu sinto – é posto à prova,
E vejo, em torno à casa, que as urtigas
Cresceram perto às árvores amigas,
Onde a folhagem toda se renova.

É um campo de capim esse quintal,
Por onde ausências falam que, afinal,
É o coração que, à vida, traz valor...

Também, tal como um campo de capim,
O coração da gente fica assim:
Cheio de mato se não passa o amor!

Natal, 2006

EM PLENA LUZ DA MELODIA

Florava, em plena luz da melodia,
A cor de uma canção que ela cantava.
De cada nota, a pétala macia,
Cariciosa e leve flutuava...

Essa canção, em êxtase, eu ouvia
Quando nem mesmo nada se escutava:
Bastava a cor e a maciez que havia
No seu cantar, que apenas me encantava...

Não sei dizer por quê, nem mesmo quando
As ondulantes notas vêm em bando
A solfejar o brilho da canção...

Mas sei perfeitamente onde ela canta
Essa canção sublime que me encanta:
Na minha alma, existe um coração...

Natal, 06 de agosto de 2019 (data natalícia de minha mãe)

ROBERTO LIMA é poeta, escritor, músico e professor aposentado da UFRN. Autor do livro “As dimensões do tempo” e outros livros. Presidente da UBE/RN, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

DEUS (SEMPRE)

Raul Navarro

Por mais forte que seja sua dor, Deus (sempre) irá curar.
Mesmo que não haja mais solução, Deus (sempre) irá ajudar.
Mesmo que esteja perdido, Deus (sempre) irá encontrar.
Mesmo que tudo dê errado, Deus (sempre) irá consertar.
Por mais que a luz do seu coração apague, Deus (sempre) irá acendê-la.
Se por acaso sua fé acabar, Deus (sempre) irá reavê-la.
Se a paz não estiver com você, Deus (sempre) irá concedê-la.
Se alguém condenar sua intenção, Deus (sempre) irá reconhecê-la.
Por mais insensata que seja sua loucura, Deus (sempre) há de sanar.
Quando não tiver mais para onde ir, Deus (sempre) há de mostrar o caminho.
Quando não souber mais o que falar, Deus (sempre) há de falar por você.
Quando não mais puder acreditar, Deus (sempre) há de te provar.
E por mais longe que você esteja, Deus (sempre) estará ao seu — lado.
E quando não tiver mais olhos para abrir, Deus (sempre) te fará enxergar.
E se você pensar em andar para trás, Deus (sempre) te guiará para frente.
E mesmo que ainda assim você não o ame, Deus SEMPRE irá te amar.

RAUL NAVARRO é advogado, autor do livro “Lembranças do Amanhã” inédito.

ESTUDANDO PENTÂMEROS IÂMBICOS

Fernando Cunha Lima

Meu coração batendo em tom iâmbico,
Em cinco pés de átono e tônico,
E versos muito mais do que eufônicos,
As batidas são pentâmeros jâmbicos.

Se aumentar para seis coreu iâmbico,
Todo poema fica bem icônico,
Qual verso Grego do antigo Jônico,
Um canto de louvor um ditirâmbico.

Shakespeare lhe deu a preferência,
O mundo aceitou sua influência,
De versejar assim como nenhum.

Ao colocar a minha mão no peito,
Posso ouvir o iâmbico perfeito,
Tum tumtum, tum tumtum, tum tumtum, tum.

Nota

Submeti a poesia do meu primo Fernando Cunha Lima ao Mestre do soneto Assis Câmara, que fez apropriadas e sugestivas observações. Destaco: o soneto de Fernando é por demais criativo, foge ao lírico-romântico, ao épico, ao trágico, ao cômico, ao simplesmente narrativo. O tema realça o ato de criar, valorizando o poético artesanato de construção de algo novo.

Com a aprovação do Poeta natalense e a minha emoção.

DIOGENES DA CUNHA LIMA

O BRASIL COMEÇOU FOI AQUI MESMO

Crispiniano Neto

I

Dia 07 de agosto, um ano apenas
Da passagem da frota de Cabral,
Mil quinhentos e um, paisagens plenas
Na beleza sem fim do litoral,
Entre o azul infinito e águas amenas
Eis que surge do rumo boreal
Entre velas e músculos, bússola e remos
Com um marco do Rei, Gaspar de Lemos...

II

Muito, muito além do Bojador,
De um porto seguro muito antes,
De El Rei Dom Manuel, um portador
Comandando três naus com navegantes
Vem Gaspar, gigantesco explorador
Para impor com espadas flamejantes
Novo dono e poder e Deus e drama
Aos milhões de homens nus de Pindorama.

III

E é na Praia de Touros, hoje Gostoso,
Que é cantado o poder de Dom Manuel;
Eis o Marco da lei d'O Venturoso

Entre a orla espumante e o vergel,
Cruz da Ordem de Cristo, em engenhoso
Corte em Mármore Lioz feito a cinzel,
Decretando o domínio, a posse e uso
Do que era do índio ao poder luso.

IV

E nasceu, do gigante adormecido
Entre belas paisagens, praia e luz
Um país pra tornar enriquecido
Continente que fez do credo e a cruz,
Arapuca de ouro e pau tingido
E a poder da espada e do arcabuz
Muito aquém dos quinhões da Taprobana
Uma pátria que cresce e que se irmana.

V

E entre dunas, falésias e enseadas,
Vento em música nas harpas dos coqueiros,
As areias beijando águas salgadas
Santa Cruz se tornou chãos brasileiros;
Por pés brancos areias carimbadas
Apagaram as pegadas dos guerreiros
Pondo novos atores nos proscênios
No lugar dos tupis, reis de milênios.

VI

Com três décadas depois, capitánias
Consagraram o poder do estrangeiro

Que se impôs no fazer das feitorias
E passou a chamar-se “brasileiro”,
Misturando os saberes e etnias,
Entre amor e agressão do marinho,
Mais o ímpeto pirata dos franceses
E os canhões calvinistas de holandeses.

VII

Foi assim nosso chão a ferro e fogo
Ocupado entre cruz, espada e lendas
Sob o casco do boi, o sangue e o rogo
Viu-se Fortes matando ocas e tendas,
Lei e rei apitando o próprio jogo
Matas mortas, engenhos e fazendas,
Guerras, mártires, massacres e extermínio
E um só povo forjado por domínio.

VIII

Capitães, Sesmarias, Reino Unido,
Ipiranga, tacão do imperador,
Tordesilhas rompida, chão crescido
Brasil grande, Poder Moderador
A Confederação de um povo Unido
Quatro estados, o país do Equador,
Miguelinho, uma vida em prol da vida
E uma marca de luz nunca esquecida.

IX

A República na Pátria se expande,
Nasce, enfim, para o mundo um Brasil novo
A província de luz do Rio Grande
Grita então liberdade para o povo;
Produzir novos símbolos tem quem mande:
A bandeira, o brasão, o hino, o louvo,
Referências dos sonhos do porvir
Signos vivos de um mundo a construir.

X

Surge então o Brasão republicano
Nossas armas, estrela de luz forte,
Campo aberto, um escudo, o alto plano
A jangada no meio e sob o corte
Outro plano onde consta o oceano,
Sal e pesca e coqueiro, mar do Norte
Carnaúba, Algodão, capulho e flor
E a cana adoçando o nosso amor.

XI

Anadite Fernandes, professora,
Trouxe à baila este assunto que hoje move
A proposta tão justa e promissora
Que a força da História hoje renove
Numa aula de lei, governadora,
Professora que ensina e que promove
Novos tempos de uma simbologia
Que constrói luz, saber e cidadania.

XII

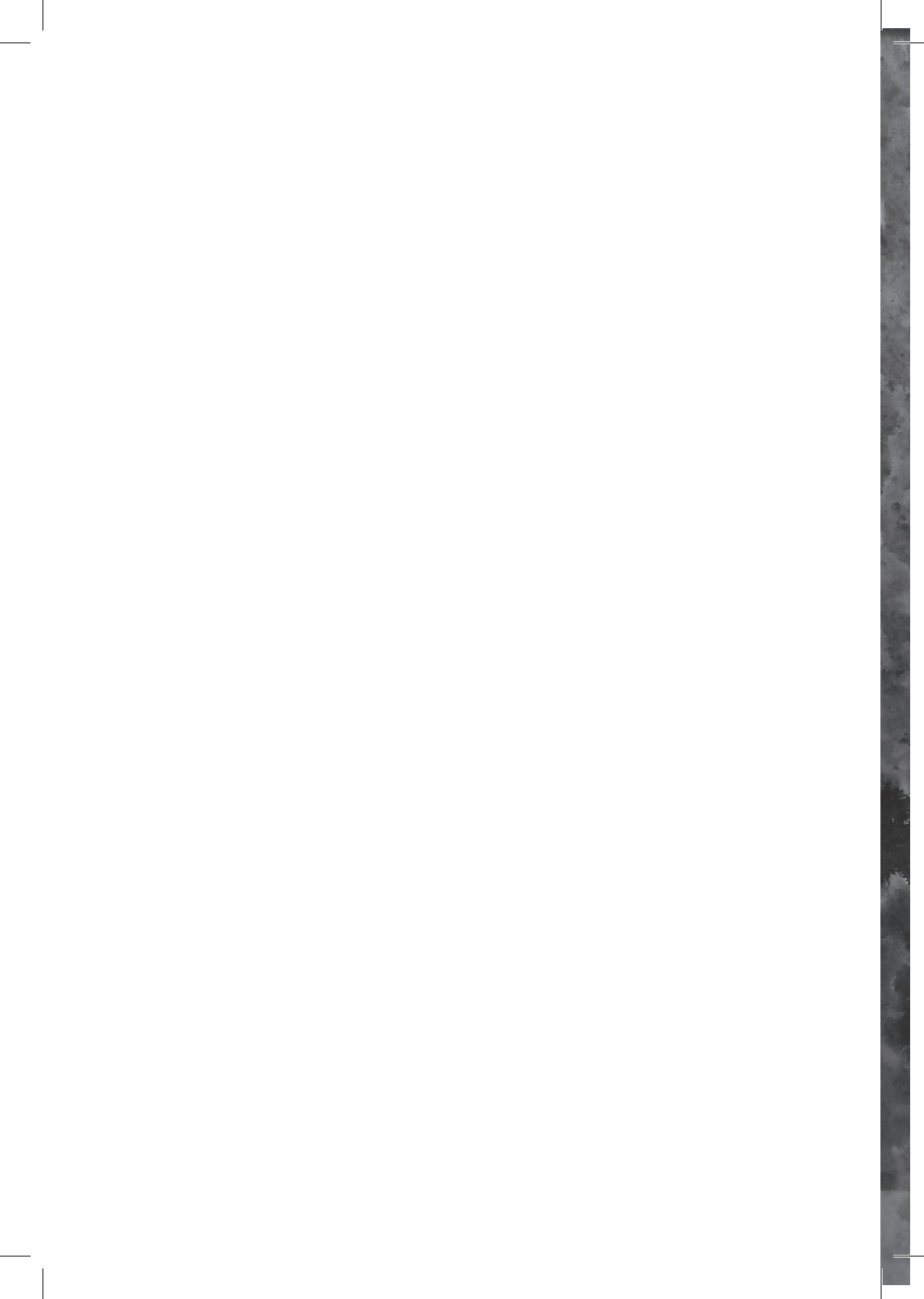
Instituto Histórico e Geográfico
Enfrentando a Batalha cultural
Nos trazendo o argumento iconográfico
Pra mudança na heráldica estadual
Num conceito artístico e etnográfico
Produzido com a mão fenomenal
De um artista inspirado e soberano,
O pintor magistral Corbiniano.

XIII

E em louvor a LENINE historiador,
Sua tese na mente, agora eu gravo;
Nos rincões potiguares, com valor
No Brasil com coragem agora eu cravo,
Defendendo sem medo aonde for..
Nem que o povo baiano fique bravo,
Irritado e atirando em nós, a esmo,
O BRASIL COMEÇOU FOI AQUI MESMO!!!

Natal-RN, 07 de agosto de 2019
518º Aniversário do Rio Grande do Norte

CRISPINIANO NETO é poeta e jornalista. Atual Presidente da Fundação José Augusto. Membro da Academia Mossoroense de Letras e da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.



DISCURSOS





UFRN:

60 ANOS DE UMA HORA IMORTAL

Humberto Hermenegildo de Araújo

Excelentíssimo Senhor Diogenes da Cunha Lima, Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras; Magnífica Reitora da UFRN, Professora Ângela Maria Paiva Cruz; Prezados ex-reitores da UFRN Geraldo dos Santos Queiroz e Daladier Pessoa Cunha Lima;

Estimados Confrades;

Meus Senhores e Minhas Senhoras,

Reunidos hoje para comemorar os 60 anos da mais antiga instituição de ensino superior do Rio Grande do Norte, tenho a satisfação de trazer, para apreciação, alguns aspectos da produção intelectual do mais importante professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e fundador desta Academia de Letras, o professor Luís da Câmara Cascudo.

Em artigo publicado recentemente na *Revista Extensão e Sociedade*, da UFRN, apresentei uma retrospectiva do empenho do nosso fundador no sentido de institucionalizar a universidade com a qual ele sonhava desde os anos 20 do século passado. Retomo aqui aquela retrospectiva no ponto em que se destaca o discurso *Universidade e Civilização*, aula inaugural da UFRN, em 21 de março de 1959.

O orador da solenidade de instalação da universidade abre o seu texto com uma afirmativa que remete à imortalidade da instituição recém-criada: “Durante um minuto o relógio do tempo marca

para o Rio Grande do Norte a sua hora imortal”. Se vincularmos esta afirmativa ao sentido de “permanência”, teremos uma chave de leitura que parte do título do texto: “Universidade e Civilização”.

Nesse título, os dois vocábulos que o formam estão ligados por uma relação coordenativa e de espelhamento, significando que um não existe sem o outro, no contexto em que são enfocados. Assim, imortalidade compreende a permanente construção da universidade como empenho civilizatório e, ao mesmo tempo, o permanente aperfeiçoamento da civilização com a mediação da universidade. Acresce que o contexto referido contempla o “alvorço provinciano”, porque a universidade é “do Rio Grande do Norte”. Com tal liame, ela deve estender a esse lugar as atividades resultantes dos conhecimentos gerados institucionalmente.

Em seu discurso, Câmara Cascudo afirma que a universidade “[...] é uma escola perene de pesquisas” e que “[...] deve valorizar, estudar, defender a Civilização do Brasil. Primeiro porque é bela, sugestiva, original, humana. Segundo porque é a nossa”. Tal perspectiva revela uma busca de compreensão daquilo que o estudioso registra, provavelmente, como uma síntese das obsessões constitutivas da cultura brasileira. Essa busca oscila entre a sede do particular e o desejo do geral. Essa dialética pode ser identificada sob vários aspectos, na obra de Câmara Cascudo: nas suas preferências de leitura, nos seus posicionamentos sobre a cultura popular e sobre a literatura escrita, no seu desejo de constituição de uma tradição local, e até no seu projeto de universidade.

No que diz respeito à sede do particular, a bibliografia comentada de Câmara Cascudo, realizada por Zila Mamede oferece ao pesquisador da obra em foco a seguinte visão preliminar:

“[Câmara Cascudo] escreveu [...] sobre os mais variados assuntos. Mas é evidente a sua especialização na etnografia e no folclore e a sua predile-

ção pela história, pela geografia e pela biografia. Esses últimos fixam, em especial, o Rio Grande do Norte. Daí por que tem esta bibliografia duas finalidades imediatas: uma, a de registrar a grande obra do escritor brasileiro. Outra, a de oferecer ao Rio Grande do Norte uma fonte de referência sobre o que a esse Estado diz respeito: [...]” (MAMEDE, 1970, p. 16).

Tomando como guia o levantamento de dados realizado por Zila Mamede, é possível uma primeira visão sobre as leituras preferenciais do nosso autor. Dito de outra forma, é possível concluir que as suas leituras estão reveladas na sua produção bibliográfica.

Com esta observação primeira sobre a nossa personagem, passemos então a uma demonstração de um dos aspectos da sua produção intelectual, que é uma forma de verificar o modo como ele sistematizou as leituras ao longo da vida.

Seja o caso da variedade de assuntos que interessavam a aquele curioso leitor, que em *Prelúdio e fuga do real* convive com personagens as mais diversas e universais como Machado de Assis, Cervantes, Montaigne, Rosseau, o rei Midas, Nostradamus, Caim e Maria Madalena.

Na sua curiosidade, o leitor Câmara Cascudo promove o levantamento histórico da permanência da cultura ocidental no Brasil, como que a indicar a vocação universal da nossa cultura. O caminho para essa relação é, contudo, na direção do particular para o geral, procedimento inibidor das relações mecanicistas. Assim, o pesquisador inicia o capítulo “Roland no Brasil”, da obra *Mouros, franceses e judeus. Três presenças no Brasil* com a narrativa de um fato acontecido no mercado público de Currais Novos-RN, para apresentar, então, um levantamento de dados sobre a presença, no Brasil, do sobrinho do Imperador Carlos Magno, Par de França, morto há 1.183 anos. O interessante no levantamento é o fato de que Roldão está morto na

memória folclórica da França, por quem lutou, e da Espanha, onde morreu, mas vive na poesia cantada do Nordeste brasileiro.

A partir dos dados levantados por Zila Mamede, é possível identificar 209 títulos entre artigos, prefácios, resenhas, etc., especificamente sobre literatura do Rio Grande do Norte, além de 11 livros (específicos ou em parte sobre o mesmo assunto).

Assim, o geral e o particular se revelam também nos títulos publicados, que poderiam ser classificados em duas grandes áreas de interesse: de um lado, as produções voltadas para as especificidades regionais; de outro, as produções referentes à busca do universal.

Para esta mesa redonda, achamos interessante apresentar uma amostra colhida sobre o Câmara Cascudo leitor da literatura local, motivados por pesquisas desenvolvidas no âmbito da UFRN, instituição que homenageamos hoje.

Escolhemos, como amostra, um momento significativo em que o leitor Câmara Cascudo apresenta um dos livros de poesia mais valorizados na vida literária do Rio Grande do Norte, ao longo do século XX. Trata-se de *O arado*, publicado por Zila Mamede em 1959, ou seja, há exatos 60 anos.

A leitura realizada no final da década de 1950 atualiza, na sua expectativa, a memória da experiência modernista do leitor Câmara Cascudo, uma vez que ele ainda valoriza a particularidade regional através da relação campo/cidade, embora já sem a contingência de um padrão formal sob a dominante vanguardista dos anos 1920. Assim, ler Zila Mamede significa, de algum modo, reler a poesia de Jorge Fernandes, a quem o nosso leitor presenteou o posfácio do famoso livro publicado em 1927. Ressalte-se, porém, que a brasilidade de *O arado* pareceria diluída em um determinado padrão de universalidade que o prefaciador adquiriu na sua trajetória como pesquisador da cultura oral.

Câmara Cascudo valoriza *O arado* pela sua capacidade de gerar novas perguntas sobre o significado da brasilidade que ele perse-

gue, cuja matriz, neste caso, estaria no mundo sertanejo. Com a sua leitura, o autor de *Literatura oral* percebe que a poeta Zila Mamede supera a tendência universalizante dos seus dois primeiros livros e se encaixa, assim, na moderna tradição da poesia brasileira: “Zila Mamede sentiu a voz irresistível da Terra [...]”, assinala ele.

Contudo, além da informação sobre a raiz modernista do leitor Câmara Cascudo, temos outra indicação que nos permite verificar a fonte de valorização do livro de Zila Mamede, e essa fonte está indicada na epígrafe do texto cascudiano. Trata-se da leitura que o autor estava fazendo, naquele momento, da poesia do francês Frédéric Mistral. Pela leitura do livro *Mouros, franceses e judeus*, é possível supor que a leitura de *Mireio*, de Mistral, é da mesma época da leitura de *O Arado*, haja vista as informações contidas na apresentação dos capítulos do livro.

Entre os temas preferidos do poeta francês, Câmara Cascudo destaca o da “cantiga de trabalho”, especialmente da região da Crau, na Provença, região de onde se originou a maior parte da lírica galego-portuguesa. Na leitura cascudiana, interessava “[...] saber o que de essencial, característico, típico, Mistral fixou no seu poema, reunindo os provençais que viviam na Crau, inculta, imensa, pedregosa e árida” (CASCUDO, 1984). Os adjetivos dados à Crau são perfeitamente aplicáveis ao Nordeste, especialmente ao sertão, e é esta uma das chaves de leitura do livro de Zila Mamede.

Com este indicativo, concluímos que a noção de universal é construída a partir da correspondência entre particularidades históricas e culturais, ou seja, para Câmara Cascudo era imprescindível que a particularidade da poesia de Zila Mamede correspondesse à particularidade da poesia de Frédéric Mistral, por motivos culturais e históricos.

Retomando indicativos de Antonio Candido sobre a atitude intelectual requerida aos poetas da segunda metade do século XX¹⁵, é

15 Para Antonio Candido, em artigo que trata da função da literatura na cultura brasileira, essa atitude é sintetizada na noção de “moderno”, que poderia significar a tentativa de extrair da substância do tempo presente os novos valores de vida e de arte (CANDIDO, 1980).

de se supor que no livro *O arado* há uma pergunta sobre a relação do eu-lírico com “as fontes sussurrantes da paisagem comovedora”, conforme aponta Cascudo no prefácio. Não há como negar, uma vez que a tradição a isto no impele, que aquelas fontes haviam sido cavadas, há pelo menos trinta anos, no Rio Grande do Norte, pelas mãos de Jorge Fernandes. Como é o mesmo o leitor, embora historicamente singularizado em dois momentos históricos e sociais distintos, e como é praticamente a mesma a indagação sobre os seus significados, ficamos a sugestão de que os objetos lidos, embora na diferença, fazem parte de um único sistema que, no campo literário, apresenta respostas à tão questionada modernização incompleta do Brasil.

Então, é necessário justificar o por quê de os dois livros, assim como o próprio leitor Câmara Cascudo, estarem no contexto de uma “modernização incompleta”.

Assim, o livro de Jorge Fernandes pode ser lido como representação do processo modernizador que se instalou no estado a partir da implantação da República, cujo auge tem um eixo econômico na produção algodoeira e na pecuária, ao longo dos anos de 1920, e a sua trajetória é interrompida com a Revolução de 1930.

Quanto ao livro *O arado*, é necessário destacar que a sua publicação no último dos anos de 1950 representa também a síntese de uma década inteira, que significou uma retomada da modernização que fora interrompida na década de 30. Com três livros publicados ao longo dos anos 1950, Zila Mamede participa ativamente da vida literária e social do período que se mostra promissor para a sua geração. Nunca é demais lembrar que, em nível nacional, acontecia a euforia do desenvolvimentismo do governo Juscelino Kubitschek.

Em que pesem as diferenças de processos entre a geração das duas obras em questão, o que interessa, neste momento, é constatar que o leitor Câmara Cascudo participa do processo de recepção das obras dos dois mais importantes poetas do Rio Grande do Norte, em todo o século XX, fato que confirma, mais uma vez, a sua indispensável presença na vida cultural do estado.

A apresentação dos versos dos poetas potiguares, pelo autor do discurso de instalação da universidade, exemplifica aquilo que ele denominou de “humilde história local” como um empenho civilizatório adequado ao qualificativo “Rio Grande do Norte” da Universidade Federal. Trata-se, portanto, da “valorização humana da ciência adquirida”, graças ao trabalho intelectual de brasileiros, a quem cabe o direito de conhecer a sua realidade, ainda que seja esse direito uma penosa conquista, a qual podemos caracterizar como empenho civilizatório de uma nação sob permanente ameaça de desintegração.

A humilde história local significa, portanto, um conhecimento constituído e à disposição da pesquisa, de que não se pode abster a instituição Universidade Federal do Rio Grande do Norte, hoje aqui reverenciada porque tem cumprido o seu destino de imortalidade.

Referências:

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. A hora imortal da universidade. *Revista Extensão & Sociedade*, PROEX/UFRN/2018 - Edição especial comemorativa dos 60 anos, p. 17-23, 22 jun. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/14729>> Acesso em: 08/08/2019

CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980. p. 109-138.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Universidade e civilização*. 2. ed. Natal: Editora Universitária, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus. Três presenças no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. Notas de Câmara Cascudo [*O Arado*]. In: MAMEDE, Zila. *Navegos*. Belo Horizonte: Vega, 1978. p. 89-90.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura*: pesquisas e notas de etnografia geral. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

MAMEDE, Zila - *Luís da Câmara Cascudo*: 50 anos de vida intelectual – 1918/1968; Bibliografia anotada... Natal: Fundação José Augusto, 1970. 2 v. em 3.

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de diversos livros, dentre eles, “Rastejo” (romance) e “Argueirinha” (poemas).

HONRAS À UFRN

Daladier Pessoa Cunha Lima

Na sessão solene realizada em 21 de março de 2019, na qual a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras homenageou a UFRN, pelos 60 anos da Instituição, tive a honra de integrar a mesa formada com esse intuito, ao lado de Diogenes da Cunha Lima, Cônego José Mário, Geraldo dos Santos Queiroz e Humberto Hermenegildo, com a presença ilustre da Reitora Angela Maria Paiva Cruz. No começo da minha fala, ressaltai a lembrança de que a Academia prestava honras à Academia, cada uma com funções distintas, mas ambas voltadas para a cultura, a ciência e as artes. E também lembrei que a palavra Academia remonta ao ano 387 a.C., quando Platão fundou a Academia Platônica, em belo local ao redor de Atenas, com amplo jardim de oliveiras, que pertencera a uma figura mitológica com o nome Academo. A Academia Platônica perdurou por séculos, mais foi extinta no ano de 529, a mando do imperador Justiniano. Conforme pensam alguns historiadores, a Academia de Platão, baseada na prática dialética, foi a inspiração primeva das futuras Academias, sob a visão *latu sensu* do termo.

A seguir, conforme fiz naquela sessão solene, de maneira muito sucinta, discorro sobre a evolução das Universidades no tempo. Ao longo da história, a Universidade manteve a inspiração platônica, ou seja, manteve a ênfase intelectual, com o fim de atender às demandas pessoais pela busca de novos saberes. Essa ênfase intelectual perlastrou séculos, desde a Idade Média, a exemplo da mais antiga instituição acadêmica do mundo ocidental, a Universidade de Bolonha, criada no ano 1088. No entanto, existe um marco mais recente desse tipo de Universidade, que vem do século 19, com as ideias de John Henry Newman e Wilhelm von Humboldt, as quais formaram as bases para a criação da Universidade de Berlim, em 1810. Em ensaio sobre o assunto, o Professor Carlos Benedito Martins, da UnB, assim escreve: “Essa vertente

defende a Universidade como espaço social e intelectual *sui generis*, no qual professores e estudantes cultivam de forma apaixonada o conhecimento e procuram preservá-la como substância a priori, ou seja, como, atividade voltada fundamentalmente para a produção do saber”. Com o passar do tempo, essa opção levou a Universidade alemã a ser vista como modelo de pesquisa acadêmica – “research universities”. Inglaterra e Japão, além de outros países, seguiram o modelo alemão.

Nos Estados Unidos, que possuem o maior número das melhores Universidades do planeta, o modelo alemão vigorou por muitos anos, mas, a partir de meados do século XX, houve mudanças na concepção das Universidades, as quais passaram a ter um escopo também utilitarista, no sentido de exercerem um papel no desenvolvimento dos países. Vários autores deram suporte a essas mudanças, com destaques para Clark Kerr, com seu famoso livro “Os Usos da Universidade”, e para Peter Drucker, com as também famosas obras “Landmarks of Tomorrow” e “Uma Era de Descontinuidade”. Ele criou a expressão “sociedade do conhecimento”, na qual o conhecimento seria fator essencial no processo de produção econômica.

No entanto, os ideais do Iluminismo, tornados mais explícitos a partir do século XVIII, permearam e ainda permeiam a inspiração universitária, em quase todo o mundo. É claro que, na dependência de tempo e lugar, surgem iniciativas que optam por outros caminhos, mas, quase sempre, prevalecem as verdades da razão, da ciência, do humanismo e do progresso. As universidades devem ser ambientes plurais, que abranjam todas as dimensões do espírito humano, compatíveis com o Iluminismo. Relembro cena vivida por Winston Churchill, citada em texto do escritor João Pereira Coutinho: “Um dia disseram a Winston Churchill que era preciso cortar os custos do financiamento das artes. A Inglaterra estava em guerra, e a guerra era muito cara. Churchill recusou, e teria respondido: ‘se cortarmos o financiamento das artes, então, estamos lutando para quê?’”

Na América espanhola, o ensino superior se deu muito antes do que no Brasil. Em 1538, ou seja, poucos anos depois da pri-

meira viagem de Colombo, criava-se o ensino superior em Santo Domingo, e, em 1551, foi a vez da Universidade São Marcos, no Peru. Talvez a presença de uma cultura local provinda de prévias e complexas civilizações tenha influenciado nesse sentido. Quando surgiu a primeira universidade no Brasil, em 1920, já existiam 78 nos Estados Unidos e 20 na América Latina.

A “Universidade do Brasil”, criada em 1920, é tida como a primeira do nosso país, dentro da premissa de oferecer diversos cursos, de fomentar saberes e de diplomar em várias profissões. Transformou-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro, um centro avançado de ensino e pesquisa, com ampla produção artística, científica e cultural. Há referências a duas iniciativas anteriores, a Universidade de Manaus, de 1909, e a U. do Paraná, de 1912. Ambas existem até hoje, como instituições federais. Porém, em 1808, com a vinda da Família Real para o Brasil, é fundada em Salvador, na Bahia, a Faculdade de Medicina – Escola de Cirurgia –, pioneira do ensino superior do país. Um marco da evolução acadêmica do Brasil foi a criação da Universidade de São Paulo, em 1934. A fim de garantir o êxito do projeto, com apoio total do governo do Estado, foram trazidas notáveis figuras das letras, das ciências e da cultura, em especial vindas da Europa, para comporem, ao lado de grandes mestres brasileiros, o corpo docente da novel universidade. A USP, desde sua fundação, é um orgulho brasileiro no campo da educação superior.

A partir de meados do século passado, houve um crescimento no número de instituições de ensino superior no Brasil, e, em datas mais recentes, das instituições privadas. É possível afirmar que, desde o início, predominou o chamado modelo napoleônico, com foco exclusivo na formação profissional. De forma gradativa, a universidade brasileira, em especial as públicas, também adotou princípios do modelo humboldtiano, no ensino e na pesquisa, bem assim da multiversidade de Klark Kerr, com pluralidade de funções do ambiente acadêmico.

Criada em 1958, como instituição estadual, mediante a união de diversas faculdades já existentes, e federalizada dois anos depois, a UFRN se adequou às etapas da evolução geral das universidades mundiais e brasileiras, tendo, de origem, um forte teor em responsabilidade social. Exerci o cargo de reitor da UFRN durante a passagem dos seus 30 anos. Entre outras celebrações, inaugurou-se na reitoria o busto do médico Onofre Lopes da Silva, justa homenagem a quem criou uma obra sem par, o maior bem social do Estado. Ao recordar o meu reitorado, gestão 1987/1991, de pronto chega-me à mente a Escola de Música, cujo novo prédio, edificado no período e ainda um destaque entre os congêneres no Brasil, resultou em um novo paradigma para as artes, em especial para a música, não somente no âmbito da UFRN mas de toda a sociedade norte-rio-grandense. Nesses 60 anos, a UFRN muito cresceu em número e em qualidade e, conforme diversos rankings, situa-se entre as melhores universidades do Brasil.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é médico e escritor. Ex- Reitor da UFRN, Reitor da UNI-RN. Autor de “Retratos da vida” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

EM HOMENAGEM E DEFESA DA UFRN

Geraldo Queiroz

Pronunciamento feito na sessão realizada pela Academia Norte-rio-grandense de Letras em homenagem aos 60 anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, dia 21 de março de 2019.

Inicialmente quero externar a minha satisfação em participar desta mesa, dividindo com o presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Diógenes da Cunha Lima, e os acadêmicos José Mário de Medeiros, Daladier Pessoa Cunha Lima e Humberto Hermenegildo de Araújo, reflexões sobre uma ainda jovem sexagenária, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sempre presente nas lembranças de aprendizagem que acumulei ao longo da vida e trago como cidadão.

Com essas vivências, apresentarei algumas observações partindo do ponto em que conclui minha fala na Aula Magna 2018, quando, em 16 de março – há exatamente um ano – a UFRN reuniu sete de seus ex-reitores para expor e dialogar com a comunidade acadêmica sobre a contribuição que a instituição – através de todos os seus segmentos – vem prestando ao desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

Somando-me aos vários depoimentos sobre o esforço empreendido por Onofre Lopes para a sua criação em 1958 e a trajetória de consolidação e ampliação das atividades de ensino, pesquisa e extensão que vem sendo construída ao longo de 60 anos, nos leva a uma fácil constatação: o reconhecimento unânime de sua importância para o desenvolvimento do estado, difícil e quase impossível

de ser alcançado sem a sua participação. Portanto, a UFRN configura-se como uma presença vital para o nosso Rio Grande do Norte.

Com tal constatação, compete a todos nós, norte-rio-grandenses, a defesa intransigente da instituição pública que soubemos construir, reconhecendo-a principalmente como um patrimônio de toda a sociedade.

Foi esta a posição assumida naquele momento. Hoje a retomamos, trazendo também dois fatos ocorridos mais recentemente, que forneceram elementos reconhecidos como necessários para dar continuidade a minha exposição. O primeiro trouxe-me à lembrança uma rica experiência vivenciada na instituição há mais de 30 anos, quando era reitor o professor Genivaldo Barros e cujo tema relaciona-se com o objeto deste encontro, o desenvolvimento do estado visto no contexto de uma realidade que nos aflige como nordestinos, a seca. O segundo transportou-me a uma soma de preocupações sobre a realidade atual do nosso país pelas possíveis interferências no caminho futuro das instituições brasileiras, especialmente aquelas vinculadas à educação, onde se inserem as Universidades federais.

A realização de uma palestra do teólogo Leonardo Boff, promovida pela Associação dos Docentes da Universidade, levou-me à Reitoria na noite de 13 de março. Apesar de cedo ainda, não tive êxito de ouvi-lo, pois a superlotação do auditório e cercanias não permitiu. Apesar disso, ganhei naquele cenário o retorno à lembrança da primeira Feira de Arte, Ciência e Tecnologia, promovida pela UFRN em março de 1984, convidando para encerrá-la o economista Celso Furtado, ainda vivendo no exílio em Paris. Da mesma forma, o grande número de interessados nos obrigou a providenciar meios de ampliação do som para que todos pudessem ouvi-lo mesmo fora do auditório. Como na época assumia a função de Pró-Reitor de Extensão Universitária, a execução do evento, assumida por uma equipe multidisciplinar, ficou sob a nossa coordenação.

Entendendo a seca como fenômeno não apenas climático, mas como uma problemática que envolve dimensões no campo so-

cial, político e outros, a Universidade – que já estudava a questão a partir de um núcleo de pesquisa – promoveu, entre 19 e 23 de março de 1984, exposições de sua produção científica, tecnologias aplicadas e manifestações artísticas, além de palestras e debates, procurando envolver na discussão não apenas a comunidade acadêmica, mas setores governamentais, organizações da sociedade civil e outras instituições universitárias do estado, como a Escola Superior de Agronomia de Mossoró e a Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Com êxito, a UFRN atingiu o objetivo em sua plenitude.

Entre os conferencistas, coube ao então presidente do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o paraibano Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, abordar o tema de abertura falando sobre “O estudo do semiárido brasileiro como proposta de ensino para a Universidade e a Escola de 2º grau”. Para a noite de encerramento a UFRN escalou Celso Furtado, também paraibano, indicando como direcionamento para a sua abordagem “Tendências e possibilidades do Desenvolvimento do Nordeste”. Completou-se este debate com a participação do professor pernambucano Manuel Correia de Andrade e do ex-governador do Rio Grande do Norte José Cortez Pereira de Araújo.

Hoje, folheando a documentação do evento, encontro na fala de Celso Furtado palavras de reconhecimento e estímulo a iniciativas como aquela, assim como a identificação do papel da Universidade em época de crise, que agora transcrevo, por sua pertinência:

Considero da maior importância que as Universidades do Nordeste mobilizem os meios de que dispõem para encontrar solução aos graves problemas que afligem a região. Tenho seguido com interesse o debate, aberto neste e em outros centros universitários, sobre os aspectos estruturais e conjunturais da crise atual e sobre as perspectivas, pouco encorajadoras, que se apresentam à região num futuro previsível.

[...] São as Universidades que dispõem de meios para dar profundidade e continuidade ao confronto de ideias e operacionalidade aos resultados obtidos. E também para levar ao conhecimento da opinião pública informações valiosas que, com frequência, os centros de poder mantêm fora de toda visibilidade.

[...] Nada é mais importante para o desenvolvimento do Nordeste do que o aumento da resistência da região aos efeitos das secas. Nunca será demais afirmar que estas são parte da realidade nordestina [...].

[...] E não será por falta de fé no futuro deste país que nós, nordestinos, deixaremos de cumprir a nossa missão na obra histórica de reconstrução que temos pela frente.

O simples exemplo de uma época já distante demonstra um pouco da grande e rica trajetória construída pela UFRN e do quanto ela tornou-se uma universidade necessária, como estudou o antropólogo Darcy Ribeiro. É este legado de Onofre Lopes e tantos outros pioneiros e continuadores que precisamos defender quando os tempos anunciam as suas intempéries.

Um telefonema do amigo Diógenes da Cunha Lima deflagrou o outro episódio que me levou a encontrar argumentos para as reflexões finais. O objetivo do presidente era convidar-me a participar desta mesa, o que aceitei de imediato e profundamente honrado. Tão logo concluímos a conversa, recebo a *Tribuna do Norte* daquele dia (27/02/2019). Duas matérias sobre o Ministério da Educação me chamaram a atenção e me fizeram – após a leitura – tomá-las como fundamento para externar algumas preocupações e questionamentos.

A primeira matéria dá conta do erro cometido pelo atual Ministro da Educação quando encaminhou às escolas de todo o país solicitação do envio ao governo de filmagem dos seus alunos exe-

cutando o hino nacional. A segunda, uma crônica do jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras Merval Pereira, faz uma análise circunstanciada do fato, relaciona-o ao contexto do movimento Escola sem Partido e identifica excessos e abuso de poder na proposta ministerial. Mostra no final estar em jogo a autonomia e a liberdade do ensino.

No momento em que vemos tentativas de desconstrução do pensamento de educadores como Paulo Freire, sem fundamentação científica minimamente consistente, e iniciativas serem assumidas e anunciadas de forma precipitada pelo Ministério da Educação, preocupa-me o destino de nossas instituições de ensino. Mesmo anunciadas tendo como alvo as escolas fundamental e média, os reflexos de atitudes como estas, com certeza, se refletem no fazer universitário, além de outras que venham a ser tomadas tendo como destino a própria Universidade.

Como será encarada, nesse contexto, a autonomia universitária?

Como será vista e compreendida a pluralidade que caracteriza a Escola, qualquer que seja seu nível de ensino?

Haverá alcance para entender, como recentemente nos lembrou Cristóvão Tezza, que “a sala de aula é o espaço de encontro e choque dos valores que fazem a civilização respirar” e que o questionamento crítico deve ser estimulado pelo professor, cuja atividade abrange o direcionamento à autonomia e independência de seus alunos?

São essas, em síntese, as preocupações que levanto, alertando para a possível e necessária defesa de nossa UFRN que, com certeza, todos nós temos que assumir nesses tempos de desatino.

Muito obrigado.

GERALDO QUEIROZ é escritor e jornalista. Ex Reitor da UFRN, autor de “Geringonça do Nordeste - a Fala Proibida do Povo” e outros livros. Membro da Academia-norte-rio-grandense de Letras.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO GERALDO QUEIROZ

ENCONTROS, DESPEDIDAS & REENCONTRO

Por deliberação dos integrantes da Academia Norte-rio-grandense de Letras, assumo profundamente honrado, e agradecido pela escolha, a cadeira nº 40 desta Academia, na condição de sucessor do acadêmico José Sanderson Deodato Fernandes de Negreiros, tendo como patrono o escritor Afonso Bezerra.

Explicito algumas razões que me plenificam de emoção neste momento:

Chego a Casa Manoel Rodrigues de Melo, o conterrâneo que conheci criança na casa dos meus pais, Francisco Alves de Queiroz e Izaura dos Santos Queiroz, lá em Pendências. Com os olhos da infância passei a admirá-lo como pessoa e escritor, estudioso já reconhecido de nossa região, o Vale do Açu. À medida que ia crescendo, foi possível observar sua disposição de luta e capacidade de realização, acompanhando a participação que teve no processo de emancipação política da então Vila de Pendências, em 1953. Ainda guardo a sua contribuição intelectual, publicada em antigos jornais e nas páginas amarelecidas de *Bando*, revista que ele criou no final dos anos quarenta, juntamente com Hélio Galvão, João Alves de Melo, Luiz Patriota, Raimundo Nonato e Veríssimo de Melo. Chego, agora, ao exemplo maior do seu esforço realizador: o templo que nos acolhe nesta noite, edificado na época em que foi presidente desta Academia.

Nela desembarco, reconhecendo o seu fundador, Luiz da Câmara Cascudo, como um homem que iluminava caminhos. Além

da obra magistral que produziu e deixou como legado para o Brasil e para o mundo, a disposição de partilhar saberes foi permanente em sua vida. Talvez o magistério – função que sempre o fascinou – tenha sido determinante dessa disposição dialógica.

Pouco afeito à tentação da vaidade não tenho como não me orgulhar de um fato que gostaria de dividir com meus colegas acadêmicos e com os que aqui vieram prestigiar esta solenidade. Aconteceu no final de 1975, quando na condição de publicitário coube-me estabelecer a estratégia de comunicação da campanha EDUCAÇÃO: RESPONSABILIDADE DIVIDIDA, promovida pela Secretaria de Educação e Cultura do RN na gestão do professor João Faustino Ferreira Neto. Disposto a utilizar novos e marcantes recursos comunicativos, como outdoors, revista em quadrinhos e outros, fui a São Paulo com o objetivo de concretizar o planejamento elaborado. Ali, tive a oportunidade de conhecer o artista mineiro Newton Silva. Interessado no estudo e utilização da marca de gado como elemento gráfico, pediu-me que intermediasse a entrega de uma carta ao escritor potiguar, coisa que fiz tão logo retornei da viagem. Dias depois, surpreende-me a chegada em nossa casa de outra carta do artista, desta vez a mim dirigida. Dela transcrevo o que me transmite em trecho inicial:

[...] Você mal pode imaginar a comoção que tomou conta de nós quando aqui chegou a carta do Mestre Luiz da Câmara Cascudo.

Na verdade, este grande patrimônio [...] do Rio Grande do Norte [...] não se limitou simplesmente a uma resposta protocolar da carta que chegou às mãos dele, por sua obra e graça.

Mestre Cascudo ampliou o repertório das minúsculas fontes e referências que eu possuía.

Mais do que isso, ele deu uma generosa injeção [...] de encorajamento ao projeto que eu, despreziosamente, estou levando adiante.

Curioso é que, na marca do boi, ele usou uma expressão tão convincente que eu acabei por tomá-la ao pé da letra: 'bote rumo pras Minas Gerais'.

Por isso mesmo, estou aqui agora, entre a embalagem dos trastes e o inventário das pessoas modestas, mudando-me de vez para Belo Horizonte. Tomei-me de cansaço irremediável da grande máquina industrial que é São Paulo [...].

Desembarco, portanto, nesta estação do saber, convicto do potencial de iluminar caminhos que ela carrega desde o seu nascedouro sob a liderança do mestre Cascudo. E da capacidade de renovar-se que tem demonstrado no cumprimento de sua missão, tarefa diligentemente realizada com abnegação e desvelo por 39 acadêmicos sob o comando de Diógenes da Cunha Lima, contingente ao qual honrosamente me integro. E o faço consciente do seu ofício de contribuir para o desenvolvimento cultural do Rio Grande do Norte.

Nessa estação octogenária, de tantos encontros e despedidas, desembarco para um reencontro com o amigo Sanderson Negreiros. Através de lembranças recolhidas da memória, de leituras empreendidas e do acesso a depoimentos e estudos sobre a produção intelectual que construiu, cumpro o que me cabe neste momento como seu sucessor: reverenciá-lo pela obra realizada, mas principalmente e, acima de tudo, reconhecer e proclamar o amigo solidário que soube ser enquanto nosso vizinho no conjunto residencial Roselândia nesta capital, onde convivemos por mais de uma década, estreitando laços de uma amizade perenizada no tempo. E, ainda, como colega de magistério na antiga Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza antes da sua incorporação à UFRN. Não tenho qualquer dúvida de que foram estes, com certeza, os principais motivos que me fizeram aceitar a honrosa indicação para sucedê-lo.

Além de Sanderson, exerciam a dupla condição de vizinhos e companheiros de magistério na “Eloy de Souza” o acadêmico Cláudio Emerenciano, o jornalista Carlos Lima, da sempre lembrada Editora Clima, e eu – remanescentes da primeira turma de alunos da escola. Somavam-se ao ajuntamento solidário vindo da Roselândia os professores Woden Coutinho Madruga e João Medeiros Filho, atuais membros desta Academia, e mais Berilo Wanderley e muitos outros. Posso reafirmar o que já tivemos a oportunidade de reconhecer no livro *Memórias – Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza*: ela se constituiu como uma grande família.

O mesmo posso dizer da Roselândia, onde os moradores da Rua João Dantas Sales, no quarteirão próximo à Avenida Rui Barbosa, formavam verdadeira e fraterna comunidade. Numa Natal ainda tranquila, nossos filhos entravam na casa de um ou outro vizinho, pois os portões se mantinham invariavelmente abertos para eles. Como cheguei bem depois da minha família para o convívio com os demais moradores, pois me encontrava na Espanha fazendo pós-graduação na Universidade de Navarra, Isabella, a primeira dos nossos filhos, com pouco mais de três anos, mas já com o domínio da amizade e afeto da vizinhança, intimou-nos – a mim e a Sônia, sua mãe – a um passeio na rua, logo que chegamos de viagem. Praticamente nos puxou pelo braço e nos levou à casa de Cláudio e Dadaça; Carlos Lima e Gelza; Sanderson e Ângela; Ivan Melo e Sônia. Sanderson decodificou de imediato o significado daquele gesto infantil. O objetivo era mostrar a todos que ela também tinha pai, como as outras crianças da rua. E me segredou da marca que carregava desde menino: a perda da mãe ainda criança.

Esse jornalista que tenho a honra de suceder, de múltiplas habilidades no manuseio da palavra, poeta reconhecido pela versatilidade de sua produção e capacidade de experimentar novas linguagens, começou cedo o ofício de escritor, bem antes de aportar na Roselândia. Nascido em Ceará Mirim no ano de 1939, tinha apenas 16 anos quando publicou seu primeiro livro: *O Ritmo da Busca*. Depois, na década de 1960, vieram *Fábula Fábula* e *Lances Exatos*, todos no campo da poesia.

Posso dizer que tive o privilégio de, como vizinho e amigo, acompanhar grande parte de sua trajetória como jornalista e dirigente cultural em instituições públicas. Sanderson Negreiros foi Presidente da Fundação José Augusto, Pró-Reitor de Extensão Universitária da UFRN e exerceu outras atividades administrativas, o que certamente impediu uma maior dedicação à atividade de poeta. Ele mesmo se dizia afastado dela desde o início dos anos setenta. Mas sua sensibilidade não lhe permitiu o rompimento definitivo com a linguagem poética. Ela continuou presente em seu fazer jornalístico: nas crônicas, nas entrevistas, nas reportagens, no dia a dia de uma redação que chefiou e que tinha, entre outros nomes expressivos, as figuras dos colegas Cassiano Arruda Câmara, João Batista Machado, Paulo Macedo e Vicente Serejo, todos com assento nesta casa.

Permitam-me reproduzir – como exemplo – partes de uma matéria de página inteira, que publicou no jornal *O Poti* em 22 de dezembro de 1985, na qual ressalta seu grande poder emotivo. Tenho-a ainda hoje guardada, como generoso presente de Carlos Lima, atento à amizade que tínhamos com a personagem retratada: Zila Mamede. O título já comove pelo poder de síntese, com desdobramentos no conteúdo da matéria:

*Quando Zila,
num fim de tarde
encantou-se nas
águas fundas do mar* ⁽¹⁶⁾

[...] Há pouco, vi seu corpo entregue ao silêncio absoluto, horizontalmente, retirado das águas profundas, do mar morto que você adiveinou e descreveu em seu primeiro poema.

16 () Incluída no livro *A Hora da Lua da Tarde* (pag. 91) com o título “Quando Zila”.

[...] Amiga e minha irmãzinha, por que tanto essa presença do mar em suas cercanias, nos limites externos de seus poemas, nos bulevares do seu sonho? Seu espírito já vinha com a certeza dessa prova que iria enfrentar?

[...] Seu mapa-múndi, querida Zila, já trazia referências indomáveis sobre o naufrágio, frágil, feito da paina e da lã mais comovente, lastro de anêmonas e girassóis [...]

[...] Tanto a conheci, durante trinta anos! Nossa amizade frequentou todas as esquinas da surpresa, a instigação de todos os silêncios e compreensões; e essa amizade nunca sofreu um diminuto tom de ocaso. [...]

Em 1956, você dirigia a biblioteca do Atheneu Norte-riograndense. Eu tinha uns 16 anos, e lia e escrevia furiosamente. Todos os dias ia vê-la, conversar com você minhas inquietudes bastardas, meus desejos incipientes, meus sonhos especulativos. Era uma conversa longa – você logo se afirmou para mim a irmã mais velha, a grande irmã, que me descobria os livros para ler, que madrugava para meu espírito os temas da cultura, a vocação para a poesia e o tom para essa música interior da amizade.

[...] você imaginava viajar, viajar, sempre pensando em crescer [...]

[...] estudou nos Estados Unidos, defendeu tese na Universidade de Brasília, formou-se em biblioteconomia no Rio de Janeiro. Viveu

experiências as mais diversas: iludiu-se e desiludiu-se com a Universidade de Brasília, quase destruída pela repressão de 1964 [...]

[...] estava sempre prestes para participar, para o diálogo aberto, destemida e, até agressiva, na defesa de seus pontos de vista, mas morrendo de amores por quem queria bem e que lhe tinha mostrado o caminho da fraterna convivência humana.

[...] Gostava de mostrar-lhe meus poemas – eu, que há vinte anos não os faço para merecer o nome de poeta – e você me ensinava Poesia. Você não era apenas um poeta. Era uma mestra [...]

Prezados acadêmicos,

Meus senhores,

Minhas senhoras,

Tive a honra de ser saudado nesta solenidade pelo acadêmico Paulo de Tarso Correia de Melo, companheiro de magistério na então Faculdade de Educação, depois Departamento de Educação da UFRN, desde o início dos anos setenta. Paulo também nos saudou, em nome da comunidade universitária, quando assumimos a reitoria da UFRN em 1991, logo após o reitorado do professor Daladier Pessoa Cunha Lima, também integrante desta Academia. Nossa relação de amizade seria reforçada quando o tive como orientador da dissertação de mestrado que apresentei ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFRN em 1988, de que resultou *Gerigonça do Nordeste – a fala proibida do povo*, livro publicado pela Editora Clima e Fundação José Augusto no ano seguinte, reeditado vinte anos depois.

Conhecendo o rigor e acuidade com que desenvolve suas atividades de pesquisador, não foi surpresa ver dissecada por ele a obra poética de seu conterrâneo no prefácio elaborado para a segunda edição de *Fábula Fábula* (de 1980), incluída também nas edições posteriores do livro. Titulando-o como “alguma introdução à poesia de Sanderson Negreiros”, o autor identifica particularidades e momentos de grandeza no conjunto de textos analisados, produzidos de 1956 a 1967, afirmando de forma conclusiva: “cinco anos de elaboração fizeram de *Fábula Fábula* o livro que disputa – ou divide – com *O Arado*, de Zila Mamede, a condição de mais bem conseguido livro de poesia já produzido no Rio Grande do Norte”.

Mesmo afirmando-se distanciado da atividade, Sanderson agradece ao pesquisador tê-lo redescoberto “como Poeta” na quarta edição do livro, publicada pela Editora da UFRN em 1998. No mesmo ano é lançado *A Hora da Lua da Tarde*, primeira reunião de crônicas das inúmeras que veio a publicar na imprensa natalense,

organizada pelo professor Tarcísio Gurgel, com prefácio do jornalista Woden Madruga.

Numa bem montada contextualização, o prefaciador traz de volta a Natal dos anos 1950/1960 e nos apresenta fatos da trajetória do amigo. Lembra que em 1957, após a publicação do primeiro livro e da experiência já abandonada de seguir o sacerdócio para o qual se preparava como interno no Seminário São Pedro, Negreiros se inicia na atividade jornalística, integrando-se ao *Diário de Natal*. A cidade vivia o predomínio do jornal e do rádio como meios de comunicação de massa; a televisão ainda não chegara ao estado. Ingressa também na Faculdade de Direito de Natal, transferindo-se depois para Recife e retornando para concluir o curso em nossa cidade. Quando estoura o golpe militar de 1964, o autor testemunha a “indignação cívica do poeta” e o seu embarque para o Rio de Janeiro, onde passa a exercer o jornalismo na revista *Manchete*. Mas não demoraria a voltar. E o faz, no dizer do amigo, “para ser o mais brilhante e talentoso cronista de Natal”.

O livro reúne mais de 70 crônicas das que escreveu para o *Diário de Natal*, *O Poti* e para a *Tribuna do Norte*, o único dos antigos jornais de Natal que ainda sobrevive no mundo das redes. Enquanto *A Hora da Lua da Tarde* reflete a grande diversidade temática de suas crônicas, *Na direção do relâmpago* – livro publicado pela Editora da UFRN em 2001 – nos conduz à feitura engenhosa de suas entrevistas. E a mim, particularmente, logo nas páginas iniciais, a um surpreendente reencontro com a infância e com pessoas que dela participaram, em função do convívio fraterno que tinham com meu pai, frequentando nossa casa lá em Pendências. Refiro-me a Manoel Rodrigues de Melo e também ao médico José Augusto Varela, oriundo do Vale do Ceará Mirim, que residia em Macau e atuava em toda a região do Vale do Açu, a quem chamávamos simplesmente Dr. Varela. O entrevistador o descreve como homem que, apesar dos altos cargos que exerceu – chegando inclusive ao governo do Rio Grande do Norte, não se deixou dominar pela vaidade.

Diferentemente da produção poética, cujas edições têm se renovado e ampliado a sua participação em antologias e como objeto de investigação literária ⁽¹⁷⁾, na área do jornalismo os dois livros citados constituem os únicos a reunir parte de sua numerosa produção, que o tempo guardou em arquivos ainda inacessíveis ou pouco visitados. Com certeza, rico manancial a ser explorado, importante para a história da imprensa do nosso estado e como motivador de reflexões sobre procedimentos técnicos e éticos do jornalismo, como ele bem sabia exercitar e o fez ao longo da vida. Nada mais salutar quando vivemos hoje sob o domínio de redes digitais, povoada pelo falseamento de fatos que se divulgam, pela pressa em informar sem se apurar a veracidade da informação, pelo despreço à função do jornalista, pela intolerância e insensatez.

Extinguiu-se a cordialidade do povo brasileiro, que tanto inspirou Sérgio Buarque de Holanda no estudo das raízes do Brasil? Foi-se para sempre o tempo da delicadeza de que nos fala, com “todo o sentimento”, a canção de Chico Buarque de Holanda? É isso, meu caro amigo. Parece até que você pressentiu o que estava por vir, pois sutilmente e com fina ironia, no posfácio registrado *Na Direção do Relâmpago*, refere-se à transição entre o mundo moderno e “essa cibernética globalização de hoje”.

Senhoras e Senhores Acadêmicos

17 Depreende-se da consulta aos livros referenciados, além do esforço pessoal de muitos estudiosos para pesquisar e divulgar a literatura do Rio Grande do Norte, algumas iniciativas institucionais que têm contribuído para a ampliação de estudos nesta área. Cito como exemplo a implantação e desenvolvimento de cursos de pós-graduação nas Universidades locais, nos níveis de mestrado e doutorado, sendo pioneira, a partir das décadas de 1980/1990, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Merece destacar também a edição de livros e periódicos relacionados ao tema, publicados pela Academia Norte-rio-grandense

Famíliares e Amigos,

Minhas Senhoras, Meus Senhores

Este reencontro leva-me necessariamente, na vizinhança de Pendências, ao município de Afonso Bezerra. Aí nasceu em 1907, na ainda vila de Carapebas, vinculada a Angicos, aquele que viria dar nome à localidade um ano depois de sua morte em 1930: o escritor Afonso Ligório Bezerra. Foi ele o escolhido por Sanderson Negreiros como patrono da cadeira nº 40 desta Academia. Com o mesmo respeito, também o reverencio.

Falecido precocemente, ainda estudante da Faculdade de Direito do Recife, mas deixando visível o seu talento em trabalhos dispersos em periódicos do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Rio de Janeiro, Afonso Bezerra teve do conterrâneo Aluizio Alves a primeira manifestação pública de reunir toda a sua obra, num reconhecimento da sua importância e da necessidade de “livrá-la do esquecimento”. Em *Angicos*, livro publicado em 1940, explicita esta intenção, identificando-o como um dos filhos da terra – entre os quais inclui também José da Penha, Pedro Avelino e outros – de quem se deveria preservar a memória.

Adotando tal premissa como mote para um exaustivo trabalho de pesquisa, Manoel Rodrigues de Melo dá seguimento à ideia, concretizando-a no ano de 1967 com a publicação do livro *Ensaios, Contos e Crônicas*, onde reúne mais de uma centena de trabalhos autorais do nosso patrono. A organização do livro nos leva à multiplicidade de gêneros textuais exercitados pelo autor, nos quais se destacam, além do jornalismo combativo em defesa do catolicismo, os contos regionais, os ensaios e as crônicas. Exercitou também a poesia, mas reconheceu criticamente as limitações para esse gênero literário em notas pessoais recolhidas dos seus arquivos pela sensibi- de Letras, Fundação José Augusto, UFRN e outras instituições. Ver Referências.

lidade do pesquisador. O trabalho se completa com uma apresentação circunstanciada de Rodrigues de Melo sobre o escritor e a região onde nasceu e um rico documentário da sua trajetória, reunindo discursos e depoimentos de amigos e contemporâneos.

O livro contém ainda um bem elaborado prefácio de Nilo Pereira, o mesmo que dez anos depois – como membro desta Academia – fez a saudação de boas vindas ao acadêmico e conterrâneo José Sanderson Negreiros. O mesmo de quem recebi aulas sobre Jornalismo e Política no primeiro Curso Nacional de Ciências da Informação, realizado no Recife em 1965, do qual participei como aluno da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza. O fato de ter sido contemporâneo de Afonso Bezerra, colega de colégio e companheiro de lutas estudantis, religiosas e também literárias, o texto enseja reflexões ainda atuais ao se observar, hoje, a realidade política nacional. Assim descreve Pereira:

[...] Sua maior alegria [...] era dar combate aos incrédulos, aos agnósticos, aos negativistas; e não o fazia sob a forma polêmica da agressão, em que por vezes se comprazem doutrinários arrebatados e intolerantes, mas sob a forma da [...] humanidade intelectual que convence mais do que a arrogância. Para ele o adversário não era uma criatura a atacar, a desprezar, a desdenhar; mas a convencer pelo argumento da razão [...]; e nisso seu apostolado de escritor dominado pelo poder e pela sedução da inteligência ainda hoje me inspira no que considero o melhor comportamento de um homem apercebido de que a verdade há de ser, antes de tudo, uma conquista da liberdade do espírito.

[...] Ceddo, muito cedo, esse homem com espírito já de homem quase maduro se foi; mas deixou um vestígio cultural tão intenso que não é possível esquecê-lo [...].

Como se vê, um escritor que merece ser conhecido e continuar a ser estudado pela nova geração de conterrâneos. Já se observa interesse neste sentido, podendo ser citado como exemplo o livro *No Rancho dos Bentinhos e outros contos*, publicado pelas Edições Sebo Vermelho no ano 2014 e que resulta de um estudo sobre Afonso Bezerra do jovem escritor e pesquisador Thiago Gonzaga.

Cabe, neste momento, face à necessidade de reedição da sua obra, há muito esgotada, uma sugestão aos órgãos culturais do estado e do município de Afonso Bezerra para uma nova publicação do livro que o esforço de Manoel Rodrigues de Melo tornou possível preservar.

Nos *Lances Exatos* da poesia de Sanderson Negreiros e em seu discurso de posse como membro desta Academia, que compõe – juntamente com a saudação de Nilo Pereira – *A Humana Palavra Necessária*, publicado pela Fundação José Augusto e pela revista da ANRL, encontro elementos para subsidiar o arremate final deste reencontro. Escolho este pela exatidão com que, como poeta, ele observava:

Tardo, O trem sempre chegava tarde.

Esperava-o, atento em minha angústia

Nos vagões vinha o silencio

E a vida.

Na apreensão de significados, lembro nosso último encontro dias antes de sua derradeira viagem, em dezembro de 2017. Foi numa Clínica de Traumatologia, onde esperava angustiado atendimento para amenizar as dores provocadas por uma queda. Mesmo assim, fez questão de relembrar comigo e Sônia momentos vividos na Roselândia.

Por tudo que vimos sobre o nosso antecessor – da sua grandeza como humanista e de uma existência que tão bem soube construir como artesão da palavra, que valoriza e engrandece o Rio Grande do

Norte; e, também, pela grandeza do pensador e escritor combativo Afonso Bezerra – é que aqui desembarco. Chego convicto de que não será fácil a tarefa de representá-los. Trago, no entanto, toda a disposição de conduzir-me com o empenho necessário para dignificar a cadeira n° 40 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Em momentos especiais como este, manda a praxe do coração que, além do agradecimento dirigido inicialmente a todos os membros e à Presidência desta casa, seja feito um justo reconhecimento à família e amigos:

Primeiramente a Sônia, Isabella e Guilherme, mãe e irmãos de Clara, cujo nascimento ainda na Roselândia nos mostrou a fortaleza do pulsar, do nascer e do viver, revelando a dedicação competente da médica Maria do Socorro dos Santos Germano e gestos de solidariedade da família, dos amigos, em especial dos nossos vizinhos. Juntando-nos a ela, amplia-se a gratidão e o testemunho do que significou para nós a presença de Sanderson, Ângela e de todos os moradores da Rua João Dantas Sales naquele distante e difícil período de 1978.

Ao futuro, representado por seis netas, aqui presentes – Ana Beatriz, Maria Luiza, Taís, Fernanda, Sofia e Alice – na expectativa de que possam, com os ensinamentos recebidos de seus pais, completando o conjunto dos nossos filhos, contribuir para a construção de um mundo fraterno, de paz e respeito ao outro.

Aos irmãos, com quem muito aprendi sendo o mais moço deles, num complemento às lições de união, solidariedade e valorização da educação que nos foram insistentemente transmitidas por Francisco e Izaura Queiroz.

Aos demais familiares e amigos, com quem intercambiamos vivências e que estão aqui partilhando conosco mais este momento.

Registro um agradecimento especial a todos os presentes, especialmente as autoridades nominadas pelo cerimonial, que abrihantaram esta solenidade, bem como as mensagens que nos foram endereçadas pelos que não puderam comparecer.

Reafirmo, por fim, o propósito de louvar a memória do amigo e antecessor José Sanderson Deodato Fernandes de Negreiros, reconhecendo-a como única forma possível de imortalidade do ser humano. Lembrando, a partir de suas lições, que é na busca do diálogo e no respeito às divergências que reside o caminho para a construção de um verdadeiro humanismo. E observando, atônito, recentes e inconsequentes tentativas de desqualificar as ciências humanas e o pensamento crítico.

Muito obrigado.

Natal, 23 de maio de 2019.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre. *Poesia submersa: poetas e poemas no RN: 1950-1970*. Mossoró: Queima-Bucha, 2015. v. II.

ALVES, Aluizio. *Angicos*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1940.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. Ave, Myriam: a humanização persistente. In: Coeli, Myriam. *Branco & Nanquim: obra poética*. Natal, Sol Negro, 2018.

BEZERRA, Afonso. *Ensaio, contos e crônicas*. Pesquisa, introdução e notas de Manoel Rodrigues de Melo. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1967.

_____. *No rancho dos Bentinhos: contos*. Thiago Gonzaga (Org.). Natal: Sebo Vermelho, 2014.

CÂMARA, Leide. *Memória acadêmica*. Natal: Editora IFRN, 2017.

CIRNE, Moacy. *A poesia e o poema do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1979.

DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Maria Cunha Pereira de. *Literatura do Rio Grande do Norte: antologia*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 2001.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

MADRUGA, Woden. Quase prefácio: em busca do tempo reencontrado. In: NEGREIROS, Sanderson. *A hora da lua da tarde*. Natal: Chegança; Fundação José Augusto; Livraria Independência, 1998.

MELO, Paulo de Tarso Correia de. Alguma introdução à poesia de Sanderson Negreiros. In: NEGREIROS, Sanderson. *Fábula fábula*. 4. ed. Natal: EDUFRN, 1998.

MELO, Veríssimo de. *Patronos e acadêmicos: Academia Norte-riograndense de Letras – antologia e biografia*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1972. 2 v.

NEGREIROS, José Sanderson. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2008.

NEGREIROS, Sanderson. Discurso de Posse. **Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras**. Natal: ANRL, v. 35, n. 23, set. 1991.

_____. *Fábula fábula*. Natal: Imprensa Oficial, 1961. (Coleção Jorge Fernandes).

_____. *Fábula fábula*. 3. ed. Mossoró: [s.n.], 1990. (Coleção Mossoroense, série c. v. DLVIII).

_____. *Fábula fábula*. 4. ed. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. *A hora da lua da tarde*. Natal: Chegança; Fundação José Augusto; Livraria Independência, 1998.

_____. *Lances exatos*. [S.l.: s.n.], [196-?]. (Coleção Província).

_____. *Na direção do relâmpago*. Natal: EDUFRN, 2001.

_____. *O ritmo da busca*. Natal: [S.l.: s.n.], 1956.

ONOFRE Jr., Manoel. *Ficcionistas do Rio Grande do Norte*. Natal: CCHLA/UFRN, 1995.

PEREIRA, Nilo. Discurso em saudação a Sanderson Negreiros. **Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras**. Natal: ANRL, v. 35, n. 23, set. 1991.

PATRIOTA, Nelson. *Uns potiguares*. Natal: Sarau das Letras, 2012.

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS. Natal: Offset Editora, n. 54-55, jan./mar-abril/jun. 2018.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO GERALDO QUEIROZ

Paulo de Tarso Correia de Melo

Em meados dos anos sessenta do século XX, a recém-criada Universidade Federal do Rio Grande do Norte oferecia como opção profissional pouco mais do que a juvenil irreverência chamava o acróstico MAE: se você não fosse Médico, seria Advogado ou Engenheiro.

Geraldo Queiroz e eu começamos a divergir do costume e a nos identificarmos por esse tempo. Em 1966 ele concluía a graduação em Jornalismo e eu, em 1967, concluía Pedagogia. Cursos pouco valorizados socialmente, do tipo “profissionais liberais que não se liberam jamais”, faziam nossas famílias apreensivas quanto à nossa sobrevivência.

Perseveramos, ele fazendo curso de Ciências da Informação Coletiva, no Equador e em Pamplona, na Espanha, e eu, posteriormente, me pós-graduando na Universidade de Michigan, antes que na mesma Espanha, fosse incluído em uma dúzia de Antologias Poéticas.

Em 1970 fomos ambos aprovados, em Concurso de Provas e Títulos, como professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A admissão se fez após período probatório que o então Reitor, meu venerando antecessor nesta Academia, Onofre Lopes, intitulava Estágio Voluntário e nós, ainda com juvenil irreverência, chamávamos Estágio Voluntário Obrigatório.

A partir daí, Geraldo encontra seu destino acadêmico e eu meu destino acadêmico e Ana Maria, também aprovada no mesmo concurso.

Em 1983 chegamos à alta administração da UFRN, Geraldo como Pró-Reitor para Assuntos de Extensão Universitária e eu como Chefe de Gabinete por todo o período Genivaldo Barros.

Em 1988, ambos de volta à planície e à sala de aula, Geraldo resolve cursar o Mestrado em Educação e pediu-me para orientar sua dissertação de fim de Curso, o que fiz com interesse e entusiasmo.

Em 1991, concluído o Mestrado e após dois períodos como Chefe do Departamento de Educação, chega Geraldo à condição de Magnífico Reitor da UFRN e eu saudei-o na Assembleia de Posse em nome da Comunidade Universitária.

Agora, desde que aqui estou, é esperável que receba o amigo fraterno, a quem agradeço outra vez a deferência de haver sido escolhido, bem como parabenizo a ele, sua esposa Sônia e seus filhos Isabella, Guilherme Clara. Realçam estes laços o fato de Geraldo vir a suceder Sanderson Negreiros, meu preferido entre a grande meia dúzia de meus contemporâneos cuja poesia completa prefaciei em duas edições.

Geraldo Queiroz chega a esta Casa com um conjunto literário enxuto e significativo. O trabalho é caracterizado por um senso de pesquisa oportuno e moderno, ancorado em metodologia consequente, vinculada à Nova História. É o que acontece em *Memórias - Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza*, onde juntos à sua alentada Introdução, textos de professores e alunos, entre os quais se destacam o lirismo de Woden Madruga, Berilo Wanderley e Luiz Lobo, além do Posfácio de Tarcísio Gurgel.

O volume, de exemplar feição gráfica, reúne uma astuciosa urdidura de completa documentação administrativa, testemunhas importantes, cartas esclarecedoras, legislação, imagens iconográficas

e deliciosa nostalgia do tempo e da instituição.

Do inatingível país da saudade, encontrei, entre tantos outros, meu ex-secretário Dailor Varela, meu ex-colega de Ateneu Gildson Oliveira, a auto assumida intolerância de Talvani Guedes e a simpatia de Jorge Batista e Moacy Cirne, seridoense de saudosa memória. O bom Arlindo Freire encerrou seus recordares indo embora no trem noturno de Carapebas, terra natal de minha mãe e do patrono da cadeira 40, meu angélico parente Afonso Bezerra, “igual ao grão de areia levado pelos ventos sob o olhar de Deus na visão do infinito”. No entanto, o livro de Geraldo Queiroz faz com que a Faculdade de Jornalismo “não se perca de mim não desapareça” como apregoava a canção popular da época.

Em *Passagens*, engenhosa recolha memorialística, belamente prefaciada por Maria Isaura Pinheiro, Geraldo faz referências a Celso Furtado, Herbert de Souza, Djalma Maranhão, Raquel de Queiroz e Ariano Suassuna. Entre outras figuras, presta homenagem a Manoel Rodrigues de Melo, Raimundo Nonato Fernandes, Onofre Lopes e Otto Guerra, nomes memoráveis desta Academia.

Geringonça do Nordeste - A Fala Proibida do Povo, livro resultante de dissertação de mestrado que orientei, conta com uma característica que o faz raridade entre textos decorrentes de trabalho acadêmico: o prazer da leitura, que pode ser feita com gosto, que aguça a curiosidade do leitor pela inventividade e pitoresco da escrita de Geraldo Queiroz.

O dicionário de gíria de Clementino Câmara, que dá origem ao trabalho, é de valor inegável. Espanta a qualquer um a clarividência e antecipação de Clementino, levando a efeito tal inventário em uma Natal de duas décadas antes da Universidade, em presença da qual estudos sobre realismo, naturalismo, modernismo e regionalismo, entre outros, dariam ao trabalho uma utilidade imediata e evidente, não perceptível antes da integração dos estudos superiores ao Rio Grande do Norte.

É de realçar ainda o vulto numérico do inventário. Se, como

cita Câmara, “com duas mil palavras, nós os adultos nos exprimimos em todas as necessidades cotidianas”, o Autor levantou um espectro consideravelmente completo da fala popular nordestina.

No texto introdutório, avulta igualmente a intuição de teorias linguísticas segundo as quais a fala é uma convenção decorrente da necessidade, variável de acordo com o ambiente. Corrobora-o a quantidade de verbetes referentes a atividades como pecuária, pesca e plantio que foram registrados pelo Autor. A perspectiva de deslocamento espacial dos vocabulários, decorrente de fenômenos sociológicos como as migrações internas, por exemplo, está igualmente bem colocada na introdução.

Enfim, resta dizer, quanto ao trabalho de Câmara propriamente dito, que a “*intelligentzia*” norte-rio-grandense de 1937 não percebeu a utilidade imediata e evidente do trabalho na época. Em um tempo de campanhas contra o analfabetismo e de uma escola primária feita de egressos de Escolas Normais, originários da classe média para cima, que se dirigiam para o interior como perspectiva de mercado de trabalho, o dicionário teria inegável oportunidade e utilidade para estes mestres escolas e professorinhas do interior como ferramenta para compreensão e respeito à linguagem de não poucas comunidades onde viessem a atuar.

Antes de referir-me a aspectos da pesquisa empreendida por Geraldo Queiroz, quero realçar que o trabalho apresenta um dos mais satisfatórios resumos que conheço da conceituação e princípios metodológicos da chamada **Escola dos Annales**, em cujos fundamentos baseou metodologicamente a investigação.

Quando penso na **Escola dos Annales**, privilegiando os “aspectos sociais coletivos e repetitivos de preferência aos biográficos, individuais e episódicos”, acode-me a frase de Albert Camus, ao receber o Prêmio Nobel: “chegou o tempo de preocupar-se menos com aqueles que fazem a História e mais com aqueles que a sofrem”. Em muitos sentidos tal afirmação poderia resumir a história do intelectual não oficial no Estado Novo e a recusa à linguagem do

povo por ele inventariada que Clementino Câmara e a Geringonça do Nordeste, tão brilhantemente resgatados por Geraldo Queiroz, representam.

Para que tal se conseguisse, destaco a pesquisa vultosa e paciente. Somente um técnico em jornalismo e comunicação social, como Geraldo, poderia, em um trabalho de garimpeiro, desentranhar da consulta a um ano inteiro das edições de dois jornais, indo do mais importante editorial à mais insignificante notícia, tanta informação importante para o seu objetivo. A montagem dessas informações, verdadeiro trabalho artesanal, é redacionalmente engenhosa e quase irretocável.

À reconstituição do contexto histórico, faço um único reparo. Gostaria que tivesse ficado mais evidente no trabalho a possível influência que a propaganda nazista contra o comunismo, feita da Europa para o resto do mundo de então, exerceu na pressão sobre escolas e sindicatos e na carnavalização de manifestações e desfiles cívicos e religiosos de Natal da época. Isto está apenas sugerido nas considerações finais, mas uma ponderação mais acurada desta possibilidade, a partir da comprovada consciente ou inconsciente atração do governo Vargas pelo Nazismo, seria interessante. Mais ainda se considerarmos que tal não seria a primeira atração pelo oposto na história brasileira. Até a Igreja poderia estar atraída pelas manifestações exteriores do culto ao totalitarismo, mais ou menos como D. João VI reproduziu no Brasil parte do sistema educacional do seu inimigo Napoleão.

Chamo ainda a atenção para o pitoresco consequente e extremamente saboroso de alguns trechos do trabalho de Geraldo. A coleta de noticiário aparentemente ligeiro sobre modas e costumes da época. A colocação em evidência da linguagem característica dos jornais do tempo, hoje tornada deliciosamente humorística em expressões como “trajes de cinema e de praia”, “surtos vermelhos” e “espartilho de Moscou”.

Enfim, a dissertação tem para mim um valor afetivo, pois recuperou a memória de figuras que sempre mereceram o meu respeito: velhos professores de muito antes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, muitas vezes seus precursores inconscientes, quando não seus construtores efetivos.

Diz-se que o professor é um repetidor de ideias alheias. O orientador continua esta frustração: a de não haver escrito o trabalho. Apesar disso venho me reservando ultimamente um direito, aquele de, ao final de cada defesa, dedicar de forma impermanente e oficiosa, o que houve de bom no trabalho de orientação a alguém. Agora aproveito a generosidade de Geraldo Queiroz, para dedicar estes rascunhos às memórias de Edgar Barbosa e Luís Soares de Araújo, que entenderam Clementino Câmara e não quiseram proibir a fala do povo.

Fala que você, Geraldo, recuperou, estudou e trouxe para esta casa. Seja bem vindo acadêmico Geraldo dos Santos Queiroz.

Natal, 23 de maio de 2019.

O ARTISTA DA CAPA

Jussier Magalhães (1947-1986) exerceu a medicina, em Natal, mas era sobretudo artista plástico, destacando-se como desenhista, com a sua marca pessoal, inconfundível, em quadros geralmente monocromáticos, plenos de lirismo. Por volta de 1981, realizou, com amplo sucesso, exposição individual na galeria de arte então existente na Biblioteca Pública Câmara Cascudo, e participou de várias coletivas. A morte precoce não lhe permitiu desenvolver o grande potencial que demonstrava possuir.



QUADRO DE ACADÊMICOS - SETEMBRO, 2019

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima, Luiz Alberto G. de Faria
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Eliás Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra, Cláuder Arcamjo
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Ne-greiros.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn. Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandy Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	Geraldo Queiroz

Este livro foi composto em
Adobe Garamond Pro
e impresso em cartão
Duo Design 250g./m². (capa)
e Pólen Bold 90g./m². (miolo)
pela Offset Gráfica, Natal/RN,
em setembro de 2019

www.offsetgrafica.com.br